Craques de ONTEM E HOJE

Onde a mídia entra nesta história

Por Leonardo S. Pereira

Aos meus pais, por todo o apoio, amor e confiança em mim depositados ao longo destes quatro anos.

Ao meu irmão, Rafael, por ser um grande amigo e companheiro;

Ao meu orientador, professor Álvaro Americano, que tanto me ensinou; por ter confiado e acreditado em mim, mesmo diante de meus atrasos, mas sempre respeitando e ouvindo minhas opiniões.

Aos meus amigos pelo companheirismo e por terem dividido comigo tanto as dúvidas quanto as certezas. Nunca esquecerei vocês...

Enfim, meu agradecimento a todos que de uma forma ou de outra, colaboram para tornar este trabalho possível.

S I N O P S E

Análise histórica da evolução do futebol no mundo, especialmente no Brasil. As mudanças que aconteceram neste esporte e do conceito craque. Reflexão sobre o papel da mídia no acompanhamento do mundo da bola, principalmente nas últimas três décadas.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. TOCANDO A BOLA

2.1. *Como tudo começou*

2.2. *Os times inesquecíveis e seus craques*

3. ATAQUE

1. CONTRA-ATAQUE

5. CONCLUSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

7. NOTAS

Era uma massa de músculos varando ferozmente o campo inimigo na direção do gol – e, no entanto, quanta delicadeza no seu relacionamento com a bola. Se mais gols não fez, a culpa há de ter sido dela, que algumas vezes não compreendeu o alcance do raciocínio do mestre. Como naquelas duas jogadas admiráveis na Copa de 70 – o chute do meio de campo que encobriu o goleiro tcheco Viktor e o drible desconcertante que entortou o uruguaio Mazurkiewicz. Por que terá a bola se recusado a entrar no gol, perdendo-se em caprichos pela linha de fundo? Por que requintes de ingratidão terá ela se negado a levar a termo aquelas duas obras primas concebidas pelo mais ilustre de seus parceiros?

(...)

A Pelé vamos pedir, finalmente, que perdoe um passo errado do Donizete, um chute descalibrado do Cafu, uma furada do Gil Baiano, uma rebatida imprecisa do Paulão, um drible desengonçado do Charles. Eles têm para tudo isso a mais justa das desculpas: todos são muito jovens e nunca viram Pelé jogar.

FERNANDO CALAZANS

1. INTRODUÇÃO

Sempre gostei muito de esportes. Cresci acompanhando esta paixão do meu pai e, assim como ele, acabei me tornando um fanático principalmente por futebol. É lógico que era um namoro à distância, já que Juiz de Fora não oferece jogos que incluam as equipes da elite nacional. Raramente times como Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo, Corinthians e Palmeiras se dispõe a atuar no estádio Radialista Mário Helênio. O negócio então era acompanhar pelo rádio e, principalmente, pela TV.

Ao ingressar na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, tive a oportunidade de conhecer melhor como é o trabalho em uma rádio. A idéia de cultivar o imaginário do ouvinte. Na grade de horários passei a participar de um programa chamado Resumo Esportivo cujo grande enfoque era o futebol. Vários alunos discutiam diariamente, durante uma hora, sobre o *mundo da bo*la não sendo nem um pouco imparciais: cada um defendendo seu clube de coração.

Ali começou a surgir a idéia de fazer um projeto experimental ligada ao jornalismo esportivo. Isso já era um

fato consumado. Depois que entrei para a rádio passei a assistir e ler o maior número possível de noticiários esportivos que podia. Para se ter uma idéia, quando os horários ainda batiam, começava a assistir o programa Band Esporte ao meio dia. Depois mudava para o Sportcenter Brasil da ESPN Brasil ao meio-dia e meia. Quinze para uma, olhava o Globo Esporte e quarenta e cinco minutos depois, completava minha sessão com SporTV News, do SporTV. Chegava a assistir os mesmos assuntos, com mesmo enfoque e nenhum atrativo extra, somente pelo prazer de acompanhar aquele mundo, ainda que à distância.

Mesmo tão ligado à área esportiva ainda necessitava de uma idéia sobre qual tema explorar e, assistindo um jogo do Palmeiras, em 2001, ouvi o locutor da TV Globo, Galvão Bueno, chamar o meia palmeirense Alex de *cracaço*. Pensei comigo que aquele era um bom jogador, mas que não chegava aos pés de tantos outros que eu mesmo já havia visto como, Sávio, quando estava em grande forma no Flamengo, Júnior em fim de carreira no mesmo clube, Ronaldo Fenômeno, ou até mesmo outros ex-palmeirenses como Djalminha e Rivaldo.

Pensando mais um pouco, reconheci que nem todos que havia citado anteriormente mereciam o título de craque. Então por que Alex merecia? O que o tornava tão especial para que o locutor mais conhecido em todo o Brasil o chamasse de *cracaço*? Estaria eu sendo muito exigente ou alguma coisa

teria mudado? Seria uma mudança na concepção do termo craque?

Ali estava minha idéia para o projeto: analisaria se o conceito craque havia mudado e qual a possível participação da mídia esportiva nesta história. *Uma idéia boa*, pensei, *mas preciso ter uma noção do que outras pessoas acham*. Procurei então meu pai e, como quem não queria nada, comecei a perguntar sobre alguns jogadores do passado como Leandro, Zico, Rivellino, Jairzinho e outros tantos. Logo no início da conversa ele já soltou a língua: *esses caras eram bons, melhores do que esses aí que vemos hoje como Athirson, Rivaldo, Roberto Carlos, Petkovic. Esse povo de hoje não joga metade do que os outros jogavam antigamente*, esbravejava.

Reconhecendo que meu pai era um saudosista e tanto, resolvi procurar meus companheiros de Resumo Esportivo, na Rádio Universitária, e, sem tocar no assunto que me interessava, passei a prestar atenção no modo como todos tratavam os jogadores que analisavam. Dificilmente se ouvia a palavra *craque*. Todos eram *bons jogadores*. Alguma coisa estava estranha...

Repeti o mesmo processo com várias pessoas. Notei uma certa desilusão geral com os jogadores brasileiros atuais. A exceção eram aqueles que faziam parte da lista de *queridinhos* da imprensa e eram sempre elogiados nos espaços reservados ao futebol nos veículos de comunicação. Alguma

coisa estava errada: se as pessoas não se mostravam tão empolgados com o esporte da bola quanto antigamente, por que a imprensa elogiava tanto a capacidade de nossos jogadores?

O que tentamos mostrar neste projeto experimental é o estudo e a conclusão de uma pesquisa feita com base em livros sobre a história do futebol brasileiro. A leitura de crônicas escritas por grandes nomes do jornalismo esportivo nacional também foi analisada, assim como a de periódicos em geral.

No entanto, há uma carência, em termos bibliográficos, de discussões amplas e profundas sobre a possível alteração no conceito craque. Este foi outro motivo que nos levou a uma análise deste processo que faz parte do dia-a-dia daqueles que trabalham com futebol ou simplesmente o acompanham por prazer ou diversão. Existem, hoje, vários livros que abordam mudanças táticas, a história deste esporte e, até mesmo, sobre a vida particular de vários atletas, seja em forma de autobiografia ou simplesmente fofoca.

No entanto, uma das maiores riquezas deste trabalho está nas entrevistas realizadas especialmente para este projeto. Com a ajuda de meu orientador, Álvaro Americano, e do professor Márcio Guerra, selecionei alguns nomes interessantes que poderiam discutir esta questão de forma clara e interessante.

Decididos os nomes, viajei até o Rio de Janeiro para entrevistar os ex-jogadores Adílio e Andrade (ex-Flamengo) no Centro de Futebol Zico e o assessor de imprensa da empresa, o jornalista esportivo Raul Quadros. Por sorte, e sempre utilizando do famoso *jeitinho brasileiro*, consegui com Raul entrevistas também com Zico, que na época estava viajando para o Japão para acertar sua situação com a seleção local, e Júnior.

Permanecendo no Rio acertei uma ida à Rádio Globo com duas intenções: entrevistar os radialistas, ligados a área esportiva, José Carlos Araújo, Eraldo Leite, Luís Mendes e Loureiro Neto e ver a *cara* da poderosa Rádio Globo por dentro. Com a exceção do último, que se justificou dizendo estar sem tempo naquele dia, mas que poderia conversar em uma outra ocasião, todos os outros me atenderam.

Uma outra viagem foi feita posteriormente para São Paulo. Primeiro conversei com o diretor da Revista Placar, Sérgio Xavier. Uma das melhores entrevistas que fiz. Depois no centro de treinamento do São Paulo, na Barra Funda, entrevistei o meia Kaká: um jovem de 20 anos que mal começou a jogar futebol e logo ganhou o status de craque.

Á noite fui ao prédio da rede de televisão ESPN Brasil para conversar com quatro famosos membros do jornalismo esportivo nacional: Paulo Vasconcelos, Fernando Calazans, José Trajano e o italiano Claudio Carsughi. A receptividade

foi melhor do que a esperada. Tanto que aproveitei a oportunidade e assisti o programa *Mesa de Deba*te e tive até meu nome mencionado pelo trabalho que realizava.

Infelizmente, o período de Copa do Mundo encheu a agenda de horários de várias pessoas famosas do futebol e todas as entrevistas só puderam ser feitas com o término do torneio. Também não pude colocar todas as crônicas que li sobre Pelé, Garrincha, Zico e outros tantos, senão acabaria fugindo de meu tema.

Tivemos enorme prazer em fazer este trabalho e, em momento algum, o encarei como uma obrigação mas, sim, como uma oportunidade por conhecer melhor este mundo que amo há tantos anos: o futebol.

Espero que, nas páginas que se seguem, possamos passar um pouco desta magia para vocês.

2. TOCANDO A BOLA

2.1. *Como tudo começou*

Não se sabe exatamente quando o futebol foi criado como esporte. Muitas outras práticas esportivas o antecederam e contribuíram para sua criação. São muitas as histórias existentes, mas poucas são confirmadas.

Um exemplo vem de 2.500 a.C., na China, onde o divertimento do imperador Huang-Ti era conduzir um jogo sem regras estabelecidas, sem divisão de equipes ou pontuação. A idéia era apenas arremessar a bola com os pés e a troca de passes. O jogo atravessou o mar e chegou ao Japão atendendo pelo nome de *Kemari*. Algo semelhante ao vôlei, mas somente praticado com os pés.

Deste parente distante do futebol até o esporte como o conhecemos hoje, houveram várias histórias e muitas mudanças. Uma, por exemplo, surgiu no século XV, na Itália, com

a divisão em duas equipes iguais, cada uma possuía 27 jogadores e todos tinham como objetivo levar uma bola (na época feita de palha) até o interior de uma caixa. Ao jogo se batizou de *Calcio* e, até hoje, o Campeonato Italiano de Futebol atende pelo mesmo nome.

O futebol, de fato, surgiu como *football* na Inglaterra no século XVII. Mesmo com pouco tempo de história, sua origem não é muito certa em terras bretãs. Alguns defendem o início de tudo a um jornal inglês que convocou, em 1823, pessoas interessadas em praticar um esporte que vinha despertando muito interesse nos arredores de Londres.

Outra história conta que o futebol veio de seu parente mais próximo: o críquete. Um professor de Educação Física perguntou para sua turma qual esporte que eles gostariam de praticar: o críquete ou um outro semelhante, mas somente jogado com os pés. 11 alunos pediram para tentar a nova modalidade que seu mestre indicava e ali nasceu o futebol.

O certo é que na Inglaterra o futebol realmente foi divulgado dentro de escolas e universidades. Os alunos eram sempre incentivados à prática esportiva e aquela nova modalidade chamava a atenção de todos por ser uma novidade. Rapidamente se tornou conhecida em toda a nação.

Em 1823 é fundada a *The Football Association* (FA) na Inglaterra. Inicialmente feita sobre bases estritamente amadoras, a Associação começou a contar, também, com equi-

pes formadas em grandes indústrias e empresas nacionais, como bancos. Isso aumentou o número de filiados à FA e chamou mais ainda a atenção da população para a mais nova sensação do mundo esportivo.

Mesmo com seu crescimento, a Associação continuou lutando por manter seu espírito amador. Muitos dos jogos realizados eram amistosos e eram motivados apenas pela paixão dos atletas como é dito pelo jornalista da época, *William Pickford*:

> Os jogadores escolhidos para representar a nova associação em partidas contra os condados vizinhos iam a *Brighton*, *Portsmouth*, *Salisbury* e *Reading* pagando as próprias despesas. Além disso, compravam suas próprias camisas e, numa esplêndida ocasião, todo o time pagou solenemente sua entrada de seis *pences* para se ver jogando![1].

Em 1891 a equipe *Woolwich Arsenal* é expulsa da *London FA* (Associação responsável pelo futebol no sul do país) por ter pago a seus jogadores. Uma tentativa frustrada de profissionalismo do esporte mas que não impediu outros de seguirem o exemplo. Tanto que em 1885 o futebol já possuíam estatutos profissionais no norte da Inglaterra. Os sulistas precisaram de quase dez anos para aceitar as mudanças...

O crescimento do esporte exigia algumas transformações. Neste mesmo período o pênalti é inventado e redes passam a ser usadas nas traves para se confirmar ou não um gol. A arbitragem começa a ser observada de forma mais crítica e o próprio futebol dentro de campo vai ganhando uma nova cara...

Neste período de profissionalismo, o futebol já ganhava ares financeiros. Algumas equipes anteviram o potencial lucrativo do esporte e começaram a investir em suas equipes. As partidas já levavam número considerável de torcedores aos campos e o recorde de renda era sempre quebrado a cada jogo.

> O jogo não apenas desencadeou a fantasia do público. Era *tudo o que se podia desejar financeiramente*. Do ponto de vista do St. Mary's, amistosos lucrativos dariam visibilidade ao clube e proporcionariam fundos para a compra de novos jogadores[2].

No último quarto do século XIX, acontecem algumas mudanças no esporte praticado principalmente na Europa. Usualmente o futebol era um *jogo de dribles*. Basicamente os defensores chutavam a bola o mais longe possível em direção ao gol adversário para que seus jogadores pudessem, à base da força, recuperar a pelota lançada e seguissem driblando até a meta adversária. Normalmente os outros membros da equipe se colocavam atrás daquele que conduzia a bola para recuperá-la novamente no caso de algum desarme por parte do adversário.

Os escoceses, notando que poderiam fazer a bola se deslocar mais rápido que os jogadores, resolvem trocar o *futebol de dribles* pelo *futebol de passes*. Tocando a redonda por todo o campo, os atletas da Escócia conseguiam chegar ao gol adversário com maior facilidade além de preservarem seus jogadores fisicamente (agora eles não precisavam correr até a bola, ela vinha até eles).

O ato de praticar futebol passava a se tornar também uma forma de se manter saudável. Na Alemanha, o primeiro presidente da Associação Alemã de Futebol, *Ferdinand Hueppe*, que também era médico, escreveu diversos artigos recomendando este esporte como sendo ótimo para curar inúmeras doenças.

No Brasil a chegada do futebol também é bastante discutida. Oficialmente diz-se que o pai do esporte em nosso país é *Charles Miller* que, em 1894, após estudar na Inglaterra por dez anos, volta para São Paulo com duas bolas e as regras do jogo. Muitos consideram que foi este brasileiro de nome inglês que introduziu e divulgou o futebol em nosso país.

No entanto existem teorias sobre diferentes origens para a chegada do futebol brasileiro. O escritor José Moraes dos Santos Neto apresenta os jesuítas como responsáveis por terem ido primeiro à Europa e voltarem para ensinar a prática do futebol, dentro dos colégios, como parte das atividades de Educação Física exigidas no currículo. Os alunos de escolas como o Dom Pedro II e o São Luís começaram a divulgar o esporte pelo país a medida em que iam se formando e retornando para casa.

> No que se refere à paternidade do futebol brasileiro, não é preciso nenhum exame de DNA para se concluir que o pioneirismo de *Miller* reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também. Com isso, teve início um segundo momento do processo de introdução do futebol em nosso país. O esporte saiu dos colégios, assumiu um caráter explicitamente competitivo (o que decerto

> tornou mais difundido o conhecimento de suas regras e mais rigorosa a observância das mesmas) e ganhou a posição de esporte preferido da elite paulistana.(...) Não foi Charles Miller o responsável pela introdução do esporte no país e nem por sua popularização[3].

Apesar da discordância sobre as origens do futebol, é consenso geral que Charles Miller foi uma figura importante para a imagem do esporte no Brasil. Apesar de não apoiar a divulgação da prática para as classes mais baixas, ele procurava mostrar para seus colegas da elite local a *arte da bola*. Conseguiu isso primeiramente por sua ótima qualidade como jogador, era considerado excepcional até mesmo na Inglaterra (inventou o chamado *drible da vaca* ou *chaleira*), e pelo fato de ser descendente de uma tradicional família inglesa, o que lhe garantia respeito e credibilidade junto à sociedade.

Geograficamente falando, o ponto de partida do futebol no Brasil foi o estado de São Paulo. Uma região que vivia um grande desenvolvimento econômico e contava com a chegada de inúmeros estrangeiros: alemães, italianos, portugueses e ingleses.

Em 1901 é criada a Liga Paulista de Futebol (LFP), a primeira do país. No entanto esta é uma associação restrita que permitia somente grupos da elite social paulista. Então, apesar de haverem vários times na cidade, somente cinco equipes fazem parte da Liga: *São Paulo Athletic Club*,

Associação Atlética Mackenzie College, *Sport Club Germania*, *Sport Club Internacional* e *o Clube Atlético Paulistano*.

Em 1912 a LFP é obrigada a aceitar a entrada de um clube de várzea no seu quadro de sócios: o Ipiranga Futebol Clube. Isto gera descontentamento dentro da Liga e dois clubes decidem abandonar o grupo em repúdio a decisão tomada: o São Paulo A.C. e, posteriormente, o C.A. Paulistano.

Essa situação provoca um novo rompimento em 1913 com a fundação da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) que se dizia a legítima representante do esporte bretão. O preconceito pelas classes mais baixas provocava uma rixa dentro do futebol paulista impedindo o avanço da prática no Brasil.

Já neste período a imprensa nacional começava a participar de forma mais incisiva no futebol brasileiro. Em um primeiro momento até mesmo Charles Miller reclamava da falta de apoio dos jornais, especialmente dos paulistas.

> Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual no Rio, em 1902, de volta a São Paulo solicitei dos jornais de então que dessem curso à notícia do prélio realizado, cuja vitória nos pertenceu. Pois a resposta do *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Platéia* e *Diário Popular* foi uma só*: Não nos interessa semelhante assunto!* E hoje em dia como é diferente...[4]!

Passa a ser diferente porque é a própria imprensa de São Paulo que apoia o grande preconceito existente aos times populares. Muitos veículos incentivavam a separação entre estas duas esferas do futebol: o *mundo dos rejeitados* e daqueles com *pedigree*. Somente este último teria capacidade

de executar um jogo de qualidade e digno do esporte bretão cumpridor de todas as regras existentes.

Apesar das tentativas por parte das camadas mais ricas e nobres de São Paulo, o futebol se espalha a uma velocidade incrível por todo o Brasil. No Rio de janeiro a história se confunde com o surgimento de um dos mais tradicionais clubes do esporte no Brasil: o Fluminense.

Oscar Cox, um brasileiro membro da elite social carioca, resolveu se unir a outros dezenove colegas, que haviam participado de um amistoso junto a ele contra uma seleção paulista dias atrás, e fundou o clube *Fluminense Football Club*, em 1902, na idéia de divulgar ainda mais o esporte no Rio de Janeiro. Existem, no entanto, existem outros estudos históricos que apontam a equipe do Paysandu como sendo a mais antiga deste estado, o que iria de encontro com o que é dito pelos tricolores.

Dois anos mais tarde é criada outra equipe muito importante para a mudança de mentalidade no futebol brasileiro: o Bangu Atlético Clube. Imigrantes britânicos, ligados a uma indústria têxtil chamada Companhia Progresso Industrial do Brasil, criaram o time e, pela falta de mais ingleses ou descendentes para completar o grupo de 11 jogadores, chamaram alguns funcionários da empresa para jogarem. Os convidados eram brasileiros e pobres mas que normalmente possuíam um preparo físico melhor do que o de seus chefes. Em

certas ocasiões alguns ingleses chagavam a ficar no banco de reservas dando lugar aos empregados que eram melhores atletas.

Em 1907 o C.A. Paulista contrata o inglês Jock Hamilton para o cargo de treinador. Era a primeira vez que isso acontecia no Brasil. Tal fato faz com que até mesmo jogadores estrangeiros começassem a emigrar para nosso país como é o caso de Harry Welfare, chamado de *tank* pelos torcedores de seu clube: o Fluminense. As portas também se abrem para que times da Europa façam excursões aqui. Normalmente eles passavam por terras brasileiras com destino final à Argentina.

O primeiro clube a jogar no Brasil foi o inglês Corinthians. Os estrangeiros vencem todas as partidas que disputam e encerram sua estadia em nosso país contra um *Onze* formado por amigos de Charles Miller. Este jogo marca a despedida oficial do *pai* do futebol brasileiro dos gramados. A passagem dos ingleses levou à fundação do Sport Club Corinthians Paulista por um grupo de funcionários da São Paulo Railway. O clube, hoje, é um dos maiores do país e possui, de acordo com diversas pesquisas, a segunda maior torcida do Brasil.

Para o jornalista Tomás Mazzoni, 1917 é o ano que o futebol brasileiro entrou em sua *maioridade*. O motivo para isso é o reconhecimento provisório da CBD (Confederação

Brasileira de Desportos) pela FIFA (Federação Internacional da Associação de Futebol), órgão máximo do futebol no mundo.

Ao mesmo tempo o profissionalismo deste esporte no Brasil começava a dar seus primeiros passos. Exemplo disso é o Fluminense, na época o ícone do futebol carioca com a conquista de diversos títulos em seu currículo, que incentivava seus atletas a treinarem todos os dias para aprimorarem a parte física.

Apesar da qualidade dentro de campo, o famoso *tricolor das laranjeiras* decide liderar, em 1923, outros oito clubes à abandonarem a Liga Metropolitana de Futebol, responsável pela organização do esporte no Rio de Janeiro, e fundar a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos). A decisão é em represália ao título do Vasco da Gama que possuía, em sua equipe, oito jogadores que eram negros, ou mulatos, e analfabetos. A situação perdura até o ano seguinte quando o time vascaíno é aceito pela AMEA. A condição é que todos os jogadores provassem que possuíam emprego fixo e que sabiam assinar o próprio nome em uma demonstração clara de discriminação social e racial.

Aos trancos e barrancos o esporte da pelota foi crescendo por todo o território brasileiro até tornar o Brasil mundialmente conhecido como o *país do futebol*. Algumas mudanças aconteceram com o decorrer do tempo visando melhorias. Um exemplo é a regra do impedimento: antigamente era

necessário que o atacante partisse, no momento do passe a ele dado, com, pelo menos, dois adversários à sua frente mais o goleiro antes de chegar ao gol. Hoje o número de oponentes exigidos caiu para um, além do goleiro, e o jogador pode, ainda, estar na mesma linha do último zagueiro na hora do lançamento.

O uniforme dos atletas também sofreu alterações. Em 1909 a camisa era feita de lã grossa e as golas eram fechadas com cordões parecidos com os de sapato. As chuteiras na verdade eram adaptações de botas usadas por operários com cano alto e travas precárias. A bola não possuía câmara de ar e era feita com uma bexiga de boi.

Já na última Copa do Mundo em 2002, realizada na Coréia e no Japão, a tecnologia contribuiu bastante para o desempenho dos atletas. As camisas da seleção brasileira eram 15% mais leves que as normais e tinha duas camadas de poliéster: a de dentro não retinha o calor e a de fora, além de ser impermeável, não absorvia o mesmo. Além disso nas partes inferiores e onde existiam detalhes verdes, áreas em que o jogador mais transpira, haviam orifícios para melhorar a ventilação. A chuteiras chegam a pesar no máximo 200 gramas e possuem revestimentos externos de aderência que ajudam no controle da bola. A *redonda* em si, que no mesmo torneio foi criada pela empresa Adidas com o nome Feverno-va, era dividida em quatro partes principais: uma camada de

poliuretano garantindo sua impermeabilização, uma espuma com microbolhas de gás comprimido que evitava a deformação e a deixava mais macia e rápida, três folhas de um tecido sintético que lhe dava elasticidade e, por fim, um balão de látex cheio de ar.

2.2. *Os times inesquecíveis e seus craques*

No decorrer destes mais de cem anos de futebol, muitos clubes e jogadores ganharam destaque e prestígio com a conquista de títulos importantes. No Brasil, o primeiro time a marcar história foi o Fluminense conquistando diversos campeonatos estaduais cariocas. O primeiro veio em 1906 junto de um recorde do tricolor das laranjeiras: o tetracampeonato no torneio ao levar, na seqüência, os troféus de 1907/08/09. Somente o Botafogo de Garrincha repetiria este feito na década de 30.

Em 1911 o Fluminense mais uma vez conquistou a competição mas pagou um preço alto: vários de seus jogadores decidiram deixar a equipe insatisfeitos com a *Ground Commitee* (uma espécie de comissão técnica) que havia barrado o atacante Alberto Borgerth. O grupo se uniu a um clube de remo chamado Flamengo e fundou a primeira equipe de futebol da entidade em 1912.

As equipes foram sendo criadas com o passar dos anos e o interesse dos brasileiros pelo esporte aumentando. Nos outros países o mesmo acontecia e, querendo realizar uma disputa envolvendo as nações que faziam parte do seu quadro de sócios, a FIFA decide promover o primeiro torneio entre equipes nacionais da história: a Copa do Mundo.

No entanto, esta foi uma decisão que demorou a sair do papel. A FIFA, que havia sido criada em 1904, recebeu uma proposta de se organizar uma Copa do Mundo um ano mais tarde. Nenhuma seleção nacional se empolgou com a idéia e mostrou interesse em participar da disputa.

Uma segunda tentativa foi por água baixo com a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Somente com a posse do francês Jules Rimet no comando da entidade é que o torneio saiu do papel. Em um congresso da FIFA em Amsterdã, no ano de 1928, ficou decidido que a partir de 1930, e a cada quatro anos, seria realizado um campeonato internacional que receberia o nome de Copa do Mundo. No ano seguinte, o Uruguai é escolhido como sede pelo reconhecimento que os europeus tinham, dentro de campo, aos campeões olímpicos de 1924 e 1928.

A primeira Copa do Mundo quase foi uma Copa América (competição semelhante ao Mundial mas que reúne apenas as nações sul-americanas e alguns convidados do resto da América) porque os países europeus resolveram não atravessar o

oceano Atlântico pela distância a ser cruzada. Então somente Bélgica, França e Romênia vieram até o continente latino e, mesmo assim, utilizado o mesmo navio. Outras nove seleções sul-americanas completaram o número de participantes no campeonato.

A competição só confirmou o que todos já esperavam: o Uruguai ganhou a Copa do Mundo. O médio José Leandro Andrade foi o maior destaque da equipe. Surgiam os primeiros nomes a marcar história no *mundo da bola*...

Para 1934 são feitas, pela primeira vez, eliminatórias para se restringir o número de participantes da competição. A Copa aconteceu na Itália de Mussolini. Disposto a ganhar o torneio de qualquer forma para mostrar a superioridade de sua nação e do regime fascista aos outros do mundo inteiro, o ditador chegou a ameaçar jogadores e comissão técnica italianos em caso de derrota. Para evitar qualquer problema, foram procurados alguns descendentes de italianos que jogassem em outras seleções. Este foi o caso do brasileiro Filó e de mais quatro argentinos: De Maria, Guaita, Orsi e Luisito Monti. Este último, aliás, é o único atleta a ter disputado duas finais do torneio por países diferentes. Quatro anos antes havia sido vice-campeão pela Argentina e agora era vencedor pela Itália.

A vitória dos italianos, e a pressão de Mussolini, marcam os primeiros envolvimentos entre futebol e política no

mundo. Política esta que prejudicou a participação do Brasil nas duas primeiras Copas do Mundo. Discussões entre a CBD e a nova FBF (Federação Brasileira de Futebol) fizeram com que somente atletas amadores e paulistas, em sua grande maioria, fossem ao campeonato. A CBD insistia que somente jogadores amadores fossem para a Copa, ao contrário do que pensava a FBF, deixando diversos craques de fora. No entanto a Confederação acabou pagando à alguns atletas profissionais, sem o conhecimento público, para que integrassem a seleção. Este era o caso de Luisinho, Waldemar de Brito e Leônidas da Silva*, o diamante negro*. Eram as primeiras discussões sobre amadorismo versus profissionalismo.

Quatro anos mais tarde a equipe brasileira levou um número maior de jogadores profissionais para a França na disputa de outra Copa do Mundo. Acabou perdendo para a Itália em um jogo tumultuado mas apresentou aquele que é considerado até hoje um dos maiores zagueiros que o país já teve: Domingos da Guia. Em 1938 a Itália conquistava seu bicampeonato.

A Segunda Guerra Mundial estourava e a as competições internacionais foram canceladas. Foram anos em que o futebol brasileiro aproveitou para crescer e se organizar. O profissionalismo passou a ser aceito e até incentivado no país. Várias equipes foram criadas, mais jogadores de qua-

lidade surgiram e estádios começaram ser construídos para a grande festa que iria ser feita em 1950.

Doze anos depois da última Copa do Mundo um outro mundial era promovido. O Brasil foi escolhido como país sede já que nenhum outro se propôs a organizar os jogos. Para enaltecer a grandeza de nosso futebol e mostrar uma imagem de nação rica e emergente para o resto do mundo, foi construído o maior *templo* do esporte de todos os tempos: o Estádio Jornalista Mário Filho, conhecido como Maracanã, com capacidade para 200 mil pessoas.

Neste momento é importe ressaltar a importância que a mídia brasileira possuía no país. Mário é considerado um dos mais importantes jornalistas esportivos da história da imprensa brasileira.

> Se não fosse Mário Filho, o texto de redação esportivo não deixaria a obscuridade das últimas páginas e colunas escondidas dos jornais. A afirmação é de vários jornalistas conceituados do Brasil, como Armando Nogueira, que citam Mário Filho como o responsável pela revolução da crônica esportiva, que até meados da primeira metade do século 20 era visto como parte de uma imprensa marginal. Mário Filho colocou pela primeira vez na história da imprensa brasileira uma notícia de esportes na capa de um jornal. Criou também a seção de futebol e outros esportes diários nos jornais em que trabalhou[5].

O radialista ainda tinha na família outra importante figura do jornalismo esportivo brasileiro: Nelson Rodrigues, de quem era irmão. Uma expressão criada por Mário Filho, que hoje é conhecida e usada por dez em cada dez admiradores do futebol, é o apelido dado ao clássico entre Flamengo e Fluminense: *Fla-Flu*. O termo veio quando as duas equipes haviam abandonado os torneios amadores, pois eram a

favor do profissionalismo, e passaram a jogar somente entre si. Como o clássico estava perdendo o atrativo, Mário Filho resolveu apelidá-lo de Fla-Flu para valorizar as partidas.

A Copa de 1950 é marcada pela maior *tragédia* já vivida pela seleção brasileira em todos os tempos. Apesar de um começo difícil, com um empate em dois a dois contra a Suíça, o Brasil conseguiu chegar ao final com o apoio de uma torcida fanática e de uma imprensa que, cada vez mais, aceitava o poder do futebol em todo o país e passava a contribuir para seu crescimento.

Dezesseis de julho daquele ano foi a data marcada para a final entre Brasil e Uruguai. A partida foi emocionante mas com um desfecho que ninguém esperava ver: Brasil um, Uruguai dois. Uruguai campeão...

> Mais de duzentas mil pessoas deixaram o Maracanã no mais absoluto silêncio. Por milagre, o estádio não ardera, diante do gigantesco incêndio provocado pelas fogueiras que eram feitas com jornais e outros detritos. O cortejo passou pelas rampas. Derrubou o busto do prefeito Ângelo Mendes de Morais e arrastou sua cabeça até o rio Maracanã. No dia seguinte, ela ainda podia ser vista em meio aos dejetos humanos que boiavam nas águas fétidas. (Em seu lugar, hoje, há um busto de Bellini, erguendo a Taça). Os bares estavam vazios. Parecia que a alvoroçada cidade do Rio de Janeiro havia sido abandonada[6].

Apesar da grande tristeza que se abateu sobre o país, o Brasil via o grande potencial que possuía para o futebol e começou a investir cada vez mais no esporte pensando já no próximo mundial. Neste período, jogando pelo Flamengo, já atuava um dos maiores jogadores antes de Pelé ter nascido para o futebol: Zizinho. Mestre Ziza sabia driblar, chutar e armar o jogo com grande eficiência e categoria. Tanto

que, sobre ele, Flávio Costa, técnico da seleção brasileira em 1950, disse certa vez: *se Zizinho não foi melhor que Pelé, pior ele também não foi*.

A Copa 1954 acontece na Suíça e é marcada para sempre graças a uma seleção que, há algum tempo, chamava a atenção do mundo após vencer os Jogos Olímpicos em 1952: a Hungria. Utilizando pela primeira vez em mundiais um líbero (Buzansky) e com três centroavantes de incrível qualidade (Kocsis, Hidegkuti e Puskas) o selecionado húngaro venceu o brasileiro nas quartas-de-final por 4 a 2 em um jogo que ficou conhecido como a *Batalha de Berna*. O jogo, e a confusão que existiu no seu final, foram explicados anos mais tarde pelo lateral direito do Brasil em 1954, Djalma Santos:

> Nós ficamos muito tristes com a derrota para a Hungria. Eles tinham realmente o melhor time, mas o problema todo é que entramos já com medo deles, de tanto que enalteciam o time de Puskas. Após o término da partida, o Maurinho foi cumprimentar um húngaro na boca do túnel. Ele não retribuiu o gesto e começaram uma troca de ofensas. As luzes se apagaram, e o Pinheiro, que era nosso zagueiro, jogou uma garrafa e pegou no médico da nossa delegação. Foi aí que começou aquele famoso incidente que ficou conhecido como a Batalha de Berna[7].

A Hungria, em 1954, foi o time que mais marcou gols em uma Copa do Mundo em todos os tempos: dezessete. De 1950 a até 1956 o time só perdeu uma vez e foi justamente para a Alemanha na final do mundial na Suíça.

1958 foi o ano da redenção para os brasileiros. Com um time que contava com jogadores inesquecíveis, o Brasil conquistou pela primeira vez uma Copa Mundo, que naquele ano era realizada na Suécia. O zagueiro Djalma Santos, conheci-

do por seus desarmes perfeitos e ótimo posicionamento em campo, o lateral direito Nílton Santos, aliando qualidade e experiência (era sua terceira Copa), Bellini, capitão da equipe, e Orlando, lateral esquerdo, formavam a zaga brasileira.

No esquema 4-2-4, que variava para o 4-3-3, o meio-campo contava com a qualidade de Zito e o genial Didi, conhecido como *Príncipe Etíope* e criador da *folha-seca* (uma cobrança de falta onde o chute saia alto e caia como uma folha para chegar ao gol). O ataque tinha quatro dos jogadores mais festejados de todos os tempos: Zagallo na ponta-esquerda, Dida, segundo maior artilheiro da história do Flamengo, fechando no meio junto com Pelé e Garrincha fazia a ponta-direita.

Para estes dois últimos nenhuma apresentação precisa ser feita. Ninguém foi mais aclamado dentro de campo do que Pelé e Garrincha. Muitos dizem que a melhor seleção brasileira que já existiu foi a de 1958 porque é a única onde os dois atuaram juntos. Carlos Drummond de Andrade uma vez definiu Garrincha desta forma:

> Se há um deus que regula o futebol, esse deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios. Mas, como é também um deus cruel, tirou do estonteante Garrincha a faculdade de perceber sua condição de agente divino. Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho[8].

Sobre Pelé, o jornalista Celso Dario Unzelte apresenta comparações que podem facilitar ao leitor compreender, um pouco, o talento e capacidade daquele que é considerado por muitos o maior desportista do século vinte:

> Ao longo da história do futebol, existiram jogadores que foram mestres no drible, como o brasileiro Garrincha e o argentino Maradona. Outros tinham força e precisão nos chutes com a perna esquerda, como o húngaro Puskas, ou eram perfeitos no passe, como o alemão Beckembauer. Houve gênios táticos, como o holandês Cruyff. E goleadores velozes, como outro argentino, Di Stefano. Mas apenas um craque, até hoje, conseguir reunir ao mesmo tempo todas essas e uma infinidade de outras qualidades: o brasileiro Pelé. Por isso, somente ele é chamado de *Rei*. E considerado o melhor de todos[9].

Ainda hoje muitos se perguntam quem realmente foi o melhor: Pelé ou Garrincha? Existem aqueles que apresentam os números a favor do meia santista já que ele fez nada menos que 1282 gols em 1375 partidas. Uma média de quase 0,94 gols por jogo. Uma marca que dificilmente será alcançada por outros jogadores.

Para os fãs de Garrincha a diferença crucial é que Pelé sempre possuiu o apoio e a cobertura da mídia enquanto que o ponta botafoguense não. *Mané* não possuía jeito de rei e nem se comportava como um. Era alcoólatra e teve um final de carreira decepcionante. Após anos de glória no Botafogo, se transferiu para o rival Flamengo sem sequer mostrar metade do futebol que o consagrou no alvi-negro carioca. Depois no Corinthians a decepção foi maior ainda. Acabou encerrando suas atividades como jogador no modesto Olaria, no Rio de Janeiro.

Apesar da saudade que Garrincha deixou para os fãs do futebol pelo que fez na Copa de 1958, o ponta realmente desequilibrou e deixou seu nome na história do futebol mundial em 1962, no Chile. A seleção brasileira disputava mais uma Copa do Mundo. Desta vez o objetivo era conseguir o bi que pertencia somente aos uruguaios e aos italianos. Para isso o treinador Aimoré Moreira, que substituíra o técnico campeão em 1958, Vicente Feola, apostava na mesma base campeã do torneio anterior (a diferença foi a entrada de Mauro e Zózimo na zaga nos lugares de Bellini e Orlando) e levou atletas com idade bastante elevada. Nílton Santos, por exemplo, já tinha 37 anos. Uma raridade naquela época.

Os *coroas* corresponderam às expectativas de Aimoré Moreira e cumpriram seu papel. O maior problema aconteceu entre os mais jovens: Pelé, com 21 anos na época, se contundiu no segundo jogo do Brasil naquele mundial contra a Tchecoslováquia e não disputaria mais nenhuma partida no Chile. Amarildo assumiu o lugar do Rei e deu conta do recado como lembra Didi:

> Eu era onze anos mais velho. Logo, muito respeitado pelo grupo. Por isso, o convenci a cair na esquerda, enquanto Zagallo fechasse para o meio ou recuasse para ajudar a defesa. Aí, o Pelé se machucou e foi afastado da Copa. A imprensa paulista ficou desolada e achou que estava tudo perdido. Procurei o doutor Paulo e o Aimoré e conversamos. Expliquei que não seria difícil. Era escalar o Amarildo, porque eu na meia, Zagallo na ponta e Nílton Santos atrás, escoaríamos o Amarildo. Conhecíamos a sua valentia. E ele correspondeu. Nem de longe amarelou diante da responsabilidade[10].

Apesar do surgimento da estrela de Amarildo, que com aquelas exibições no Chile ficou sendo conhecido como *Pos-*

sesso, quem brilhou e fez a diferença foi Garrincha. O craque das pernas tortas só não *fez chover* e chamou para si toda a responsabilidade na ausência de Pelé. No fim, o Brasil se sagrou bicampeão e o capitão Mauro pôde erguer a Jules Rimet.

Em 1966 a burocracia tomou o lugar do futebol talentoso que foi mostrado nas últimas Copas do Mundo. Com arbitragens polêmicas favorecendo os ingleses, os donos da casa passaram por seus adversários sem impressionar muito aos espectadores. Na semifinal a Inglaterra enfrentou a excelente seleção portuguesa que contava com o atacante Eusébio e na final bateu a Alemanha Ocidental por quatro a dois com um gol bastante discutido até hoje e que mudou o rumo da partida.

Enquanto o Brasil, em 1966, fazia sua pior exibição em mundiais desde 1934, o futebol dentro país mostrava duas das maiores equipes que o país já teve: Botafogo e Santos. Os cariocas possuíam jogadores como Zagallo, Didi, Nílton Santos, Amarildo e Garrincha. Os paulistas se apresentavam com Pepe, Clodoaldo, Dorval, Coutinho, Zito e Pelé. Quando as duas equipes se enfrentavam, o Brasil parava como se preparando para assistir a uma final de Copa do Mundo.

Ambos os times ganharam diversos campeonatos estaduais no decorrer da década de 60. Eram os melhores de seus estados e viviam se revezando na conquista dos torneios Rio-São

Paulo daquela época. O diferencial entre os dois clubes são os cinco títulos da Taça Brasil (entre 1961 e 1965), o bicampeonato da Libertadores da América e do Mundial Interclubes (1962/63) pelo Santos. Era o chamado *período de ouro* do futebol brasileiro que seria coroado com a união de diversos atletas das duas equipes no tri em 1970...

Se alguns acham que a seleção brasileira de 1958 foi a melhor que o país já teve, a grande maioria dá este título ao selecionado de 1970 que disputou a Copa do México. Contando com jogadores de grande qualidade, onde alguns eram camisa dez em seus clubes, como Jairzinho, o *Furacão de 70*, Gérson, o *Canhotinha de Ouro*, Rivellino, o *Patada Atômica*, Tostão e o Rei Pelé, o Brasil fez exibições muito boas e lances geniais que, ainda hoje, impressionam a todos.

A final foi contra a Itália. O vencedor levaria a taça Jules Rimet permanentemente para casa de acordo com o que já havia sido definido pela FIFA. O tri veio com lances de puro talento brasileiro como o quarto gol do Brasil que selaria a partida em quatro a um: após Clodoaldo driblar vários italianos no meio de campo, ele tocou para Tostão na ponta esquerda, este passou a redonda para Pelé na marca do pênalti, que sem olhar a posição de Carlos Alberto Torres, rolou a bola para o capitão encher o pé. Um lindo gol!

Outra personalidade importante desta época era o jornalista João Saldanha. Poucos meses antes da Copa do Mundo

começar no México, ele era o treinador do time e depois passou o cargo para Zagallo. O também cronista ficou famoso por seu amor ao futebol mas, principalmente, por seu temperamento difícil. Um episódio conhecido é ligado justamente a sua dispensa da seleção. O então presidente do Brasil, o general Emílio Garrastazu Médici, exigia que Dario *Peito de Aço* fosse escalado no ataque titular. Em nota à imprensa, Saldanha rebateu: *Vamos fazer um acordo. Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete com minha seleção!* Antes desta confusão, o treinador já se encontrava enrolado com outra ao colocar Pelé no banco de reservas dizendo que ele estava míope.

Na Copa de 1970 a televisão, ainda com imagens em preto e branco, era um produto incomum nas residências brasileiras. Na época, mesmo sendo um artigo de luxo, impressionou bastante e atiçou o desejo da população: *quero ter a minha TV para acompanhar o futebol em casa*. Este recurso passaria a se tornar cada vez mais comum com o passar dos anos e permitiria uma aproximação maior entre TV e futebol. Relação muito forte hoje em dia.

Apesar do tri brasileiro, do bicampeonato de Itália e Uruguai e do excelente futebol demonstrado pela Hungria sob o comando de Puskas, nenhuma seleção mundial exerceu maior influência sobre o esporte da bola como a Holanda de 1974. Uma equipe que contava com estrelas como Neeskens, Rensen-

brink e Cruyff apresentou variações tática dentro de campo jamais copiadas posteriormente. *Nem mesmo pela própria equipe holandesa em 1978* [11], como diria o jornalista Luís Mendes. O treinador Rinus Michels escalou sua equipe de forma que todos os atletas atuassem em várias posições do campo para confundir os adversários. Por este motivo chegou a colocar um de seus pontas como zagueiro e invertia as subidas para o ataque entre seus ponteiros e os laterais. Essa equipe venceu a seleção brasileira de Rivellino, Carpeggiani e Jairzinho e só não passou pela anfitriã da Copa, a Alemanha de Franz Beckenbauer, na final.

Para tantas variações dentro dos gramados, um preparo físico muito bom era exigido dos atletas. Este fato, aliado ao belo futebol exercido pelos holandeses, faz com que o mundo inteiro passe a trabalhar muito mais a parte física de seus jogadores. Michels sempre afirmou que somente conseguiu toda aquele sucesso na Copa do Mundo porque escalou os melhores e mais inteligentes jogadores holandeses em campo independente de suas posições originais. Exemplo era Johan Cruyff que era conhecido na Europa como o *Pelé Branco*, tamanha sua qualidade como meia-armador.

1978 traz a Copa do Mundo mais uma vez para a América do Sul. Sendo realizado na Argentina, o torneio trazia Holanda e Alemanha como favoritas ao título, mas quem leva a taça são os anfitriões depois de um jogo, que mais tarde

seria revelado como uma grande farsa, em que os argentinos venceram a seleção do Peru que vinha fazendo boa campanha. A partida terminou em seis a zero para os donos da casa e, anos mais tarde, alguns ex-jogadores peruanos afirmaram que *venderam* o jogo mas a investigação não prosseguiu e nada foi comprovado.

Dentro do território brasileiro as primeiras influências européias começam a aparecer. Na opinião do radialista Luís Mendes, uma das melhores equipes dos anos 70 é o Internacional de Porto Alegre que tinha jogadores como Carpeggiani, Marinho Perez, Falcão e o chileno Figueiroa, grande símbolo daquela equipe. O Colorado passou a aplicar uma marcação sem a bola que não existia no futebol brasileiro. Seus atletas possuíam grande trato com a bola na hora de armar as jogadas mas, quando o adversário tinha a posse da redonda, imediatamente todos se posicionavam para marcá-lo. O período de glórias pode ser comprovado nos números: o Internacional venceu três Campeonatos Brasileiros (1975/76 e 1979), conquistou oito Campeonatos Gaúchos na década e, em quarenta jogos, entre 1969 e 1976, contra seu arqui-rival, Grêmio, perdeu apenas quatro jogos ganhando dezoito.

Depois de fazer uma campanha burocrática com o técnico Zagallo em 1974 e um terceiro lugar em 1978 com o técnico Cláudio Coutinho, o Brasil aposta na capacidade de Telê

Santana para construir uma seleção capaz de conquistar o tetracampeonato em 1982, na França. O time escalado enchia os olhos dos torcedores e tinha como maiores destaques: Júnior, Leandro (muitos dizem que foram dois dos melhores laterais que o Brasil já teve), Falcão, que mais tarde ao se transferir para a Itália seria conhecido como o *Rei de Roma*, o *Doutor* Sócrates e Zico, o *Galinho de Quintino*.

O time fazia ótimas apresentações mas parou nas quartas-de-final diante da Itália de Paolo Rossi em um jogo que terminou em três a dois para os europeus. O Brasil inteiro não acreditava no que estava vendo. Uma das seleções mais belas e competentes já feitas pelo futebol brasileiro caia diante de um adversário teoricamente mais limitado. João Saldanha, com a saúde já bastante debilitada nesta época, acompanhou a Copa pela Rede Globo de televisão e pelo jornal O Globo. Insatisfeito com a derrota na França, o cronista desabafou sua insatisfação:

> Sim, Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo e este estupendo Falcão sempre estiveram muito bem. Mas até carregadores de piano cansam quando fazem esforços acima de sua capacidade. (...). Se chegamos a uma posição tão elevada, devemos à qualidade de quatro ou cinco jogadores excepcionais, mas cuja capacidade física também tem limites. A Copa não era difícil de ganhar. Mas a teimosia superou tudo. Culpar Serginho seria um erro. O jogador não tem culpa da teimosia, que ficou clara no primeiro jogo, mas infelizmente não foi aproveitada. Não deixo de assinalar que faltou um pouco de modéstia quando empatamos ontem em dois a dois. Alguém andou rebolando ali e o time italiano, que estava melhor fisicamente do que o nosso, veio para cima e pôde ganhar. Paciência. Mas a estupidez tem um limite de tolerância [12].

Naquele ano a Itália foi campeã em cima da Alemanha Ocidental. Muitos analistas acham que a derrota do Brasil

mudou a cara do futebol mundial. Todos começaram a achar que o jogo bonito dos brasileiros não ganhava nada e que partidas mais burocráticas, como dos italianos, mas que fossem mais eficientes, levariam suas equipes à vitória. A parte tática desde então passou a se sobressair ao individualismo e a técnica dos atletas.

Em 1982 dois fenômenos se observaram naquela Copa e mudaram bastante a cara do futebol no mundo todo. A primeira é a mudança de comportamento dos italianos para com o esporte da bola. Agora eles eram tricampeões, assim como o Brasil, e precisavam manter um status de país líder para o mundo inteiro. Eles deveriam continuar sendo os melhores.

Por este motivo os clubes italianos passaram a contratar os melhores jogadores do mundo inteiro querendo reforçar suas equipes. Além disso, os dirigentes nacionais começaram a ver as oportunidades financeiras ali oferecidas e encararam o esporte como um grande negócio. Se antes eram pouquíssimas as negociações com atletas estrangeiros, agora elas passaram a ser bastante comuns. Assim, alguns jogadores do selecionado de 1982 se transferiram para a Itália: Júnior (em 1984 para o Torino e depois para o Pescara em 1987), Zico (Udinese em 1983), Sócrates (Fiorentina em 1984) e Cerezo (Roma em 1983 e depois Sampdoria em 1987) são exemplos. Todos se uniram a outros talentos que já se

encontravam na *terra da pizza*: Falcão (na Roma desde 1980) e Edinho (na Udinese pouco antes da Copa em 1982).

A segunda mudança observada no mundial da França foi o enorme interesse da mídia em acompanhar de perto uma Copa do Mundo. Nunca antes tantos meios de comunicação se mobilizavam em busca da imagem perfeita, das palavras certas e do grito de gol mais alto.

> Toda a mídia mundial estava concentrada na Espanha. Os meios de comunicação haviam descoberto a força do futebol como fonte segura de audiência e publicidade. No Brasil, a Rede Globo, dois anos antes da Copa de 82, comprou todos os direitos de transmissão dos jogos para o país. Mesmo com a derrota na Copa, com picos de audiência muito acima das outras redes. Além da Globo, as emissoras de rádio e os jornais também lucraram com o Mundial da Espanha. O Brasil parava diante da telinha da emissora, seja no trabalho, em casa ou nas ruas, com o ouvido colado no radinho e com o jornal na mão [13].

O futebol agora passava a ser um grande negócio. Os clubes viam que podiam ganhar dinheiro, a mídia sabia que poderiam se aproveitar dos apaixonados torcedores em todo o mundo para conseguir audiência. Enfim, o *mundo da bola* agora se tornava o *espetáculo da bola*. Mudanças começam a operar aos poucos. A TV se torna muito mais presente no dia-a-dia dos clubes e de seus admiradores do que até poucos anos antes. Os impressos começam a criar revistas especializadas e cadernos promocionais diariamente. Se antes a cobertura era terceirizada ou feita à distância, agora seria na beira do gramado, se possível. O filão estava descoberto...

O México volta a ser palco da Copa do Mundo em 1986. No país do tricampeonato os brasileiros se enchem de orgulho

mais uma vez e voltam com a base de 1982, e o comando ainda de Telê Santana, para conquistar o tetra. Mas não adianta!

Duas outras seleções chamam a atenção do público em todo o planeta: Dinamarca e Argentina. A *Dinamáquina*, como ficou sendo conhecida, fez nove gols na primeira fase batendo adversários como Alemanha Ocidental, Escócia e Uruguai. Foi a primeira seleção a utilizar o esquema 3-5-2 em uma Copa do Mundo, tática tão questionada e usada no Brasil atualmente. A criação das jogadas ficaram por conta de Laudrup e Larsen.

A Argentina não era um time de se encher os olhos mas acabou sendo campeã, assim como em 1978, em cima da Alemanha Ocidental na final. O jogo terminou em três a dois. Burruchaga foi um dos destaques entre os argentinos mas quem realmente surgiu para o mundo foi Diego Armando Maradona. Dono de um drible fantástico, boa velocidade e conclusão certeira com a canhota, o baixinho encantou o mundo todo com suas jogadas. Na partida contra a Inglaterra, pelas semifinais, ele deixou sua marca histórica ao fazer dois gols inesquecíveis: um de mão, que o juiz não viu, e outro em que saiu de seu campo driblando diversos ingleses, inclusive o goleiro Shilton, e marcou aquele que é considerado o mais belo de todas as Copas.

Maradona também fez parte destas transferências que passaram a ser tão comuns na década de 80. Em 1982 foi com-

prado pelo Barcelona da Espanha. Dois anos mais tarde foi para o Napoli da Itália, onde foi campeão italiano duas vezes (1987 e 1990, títulos inéditos para o clube até então) e ficou até 1991. Foram os únicos anos de prestígio dos napolitanos. Em 1992 voltou à Espanha mas desta vez ao Sevilha. O jogador acabou se envolvendo com drogas e teve um final de carreira melancólico. Até hoje luta pela reabilitação...

Dois clubes brasileiros marcaram época no Brasil nesta década de 80: Flamengo e Grêmio. O primeiro possuía jogadores de altíssima qualidade técnica que juntos montaram a maior equipe que o rubro-negro já teve. Jogadores como Andrade, Adílio, Leandro, Júnior, Mozer, Raul Plassmann e Tita fizeram dos jogos que disputavam um espetáculo. Ganharam quatro campeonatos brasileiros na década, uma Taça Libertadores e um Mundial Interclubes no mesmo ano, 1981, e alguns estaduais. O maior expoente desta geração foi o meia Zico, saudado com louvar pelo cronista Fernando Calazans quando o *Galinho de Quintino* estava se aposentando, anos mais tarde, dos gramados:

> Que festa estranha, essa festa irreal, em que o rosto da multidão se ilumina com um sorriso falso – máscara sob a qual todos choram, no íntimo, a partida do ídolo.
> (...)
> Perde o Flamengo seu maior ídolo; perde o Brasil um de seus craques imortais. Zico foi, com certeza, o jogador mais brilhante que surgiu no país depois da maravilhosa geração da Copa de 70. Durante 20 anos, reinou, soberano, no plano mais elevado da hierarquia do futebol brasileiro.
> Graças a um futebol que atingiu o mais alto grau de sofisticação e requinte através da simplicidade que ele colocou em cada um de seus passes, de seus dribles, de seus gols. Foi certa-

> mente este o segredo que distinguiu Zico dos demais, como tem sido este, sempre, o segredo que distingue os grandes talentos do jogador comum: a naturalidade com que descobria soluções para as jogadas mais difíceis[14].

O Grêmio, após diversos anos sempre ficando atrás de seu rival Internacional, montou uma equipe de qualidade com Hugo de León, Tita (ex-Flamengo), Mário Sérgio, Paulo César Caju e, o então novato, Renato Gaúcho. Com raça e marcação forte e aplicada, o Grêmio assumiu uma postura baseada mais na tática a na força para conseguir seus títulos. Eram os primeiros indícios do chamado *futebol força*. O *tricolor gaúcho* levou a Taça Libertadores em 1983 e o Mundial Interclubes no mesmo ano. Conquistou ainda o Campeonato Brasileiro em 1981, a Copa do Brasil em 1989 e mais seis títulos gaúchos. O *Colorado* ficava para trás...

Com os investimentos feitos na área do futebol, nada mais lógico que a Itália sediar a Copa do Mundo de 1990. Os anfitriões chegaram com pompa de favoritos mas mostraram eficiência somente no setor defensivo contando com o capitão Bergomi, Franco Baresi, o grande zagueiro do Milan, e seu companheiro de clube, o lateral Maldini. De nível técnico baixo, o campeonato marcou a luta da Argentina de Maradona pelo tricampeonato.

Os argentinos fizeram boas partidas passando pelo Brasil nas quartas-de-final e pela Itália na semifinal após cobranças de pênaltis já que o jogo havia terminado empatado em um a um no tempo normal. A final foi decidida mais

uma vez contra a Alemanha Ocidental. Os alemães depois da derrota em 1986 para os mesmos sul-americanos, acabaram dando o troco. A equipe teve como principal jogador um dos maiores líberos que o mundo já teve: Lothar Matthäus.

A derrota dos brasileiros para seus vizinhos da América do Sul mostrou uma realidade que assustou e indignou sua torcida. De acordo com os relatos de alguns jogadores que estiveram na Copa, o grupo de atletas, liderados pelo atacante Careca, se preocupava muito mais no dinheiro e nos *bichos* a serem ganhos do que na conquista em si. Isso até gerou uma histórica polêmica por causa de patrocínio: no momento da foto oficial, os membros do time, titulares e reservas, taparam o símbolo do patrocinador com a mão fingindo colocá-la sobre o peito em uma demonstração de patriotismo. A verdade é que todos estavam insatisfeitos pois não haviam recebido nada da empresa.

O período de mau futebol em 1990 ficou sendo conhecido como *Era Dunga*, uma crítica ao meia defensivo da seleção brasileira que, de acordo com críticos, simbolizavam um jogo burocrático, defensivo e sem criatividade. O jornalista Teixeira Heizer narraria assim as últimas horas antes da partida entre Brasil e Argentina:

> O mais visado de todas as críticas era aquele gaúcho valente, Dunga, por seu estilo feio, mas de eficácia garantida. Naquela tarde, após o almoço, sozinho, fez suas reflexões. Não teria que alterar sua forma de atuar. A prioridade seria destruir, barrar a passagem dos antagonistas, enfim, dar o primeiro combate deixando para os zagueiros a função da luta final. Chegou a comentar com Ricardo Gomes que jogador do meio de campo não

> podia, nem em pensamento, fazer lançamentos para seus atacantes. *Didi e Gérson hoje morreriam de fome* – frisou[15].

O futebol brasileiro afundou no caos. Seu prestígio estava abalado e a renovação proposta pelo técnico Sebastião Lazaroni não parecia ser a certa. Esse medo pelo futuro permaneceu por alguns anos até que em 1992 um time brilhou no país. Surgia um São Paulo, sob o comando do conhecido Telê Santana, que encantou e conquistou o mundo. Com um elenco que era liderado pelo habilidoso irmão caçula de Sócrates, Raí, o tricolor paulista conquistou duas Taças Libertadores em 1992/93 e os dois Mundiais Interclubes dos mesmos anos: o primeiro contra o Barcelona da Espanha e o segundo contra o Milan da Itália. O time contava com o conhecido nome de Toninho Cerezo e vários novatos de talento como Palhinha, Leonardo, Cafu, André Luís e Zetti.

Alguns dos jogadores deste São Paulo integraram a seleção brasileira de 1994 do treinador Carlos Alberto Parreira e de seu auxiliar técnico Zagallo. A Copa desta vez foi realizada nos Estados Unidos. Era mais um sinal claro dos interesses reais por trás do futebol em si. A idéia da FIFA era despertar nos americanos o desejo pelo esporte já que estes são grandes consumidores e possuem capital para investir no *mundo da bola*. Os EUA sempre foram um grande mercado para diversas práticas esportivas como *baseball*, o *basketball*, o *hockey* e o *football* (este jogado com as mãos) mas nunca do soccer (futebol em inglês). Esta seria a gran-

de oportunidade. Tanto que o idealizador do torneio não foi nenhuma entidade ou clube mas, sim, um empresário norte-americano.

Com um esquema defensivo muito bem plantado o Brasil acabou se tornando tetracampeão em cima da Itália. As partidas foram burocráticas e o treinador Parreira ficou conhecido por dizer que *o gol é apenas um detalhe*. Seu auxiliar não ficou atrás e afirmou que *o empate era um bom resultado*. O tão criticado Dunga de 1990 se sagrou como um grande capitão da equipe atuando exemplarmente na marcação e fazendo passes e lançamentos de qualidade, ao contrário do que pensava a quatro anos atrás. Era a volta por cima...

No meio de toda esta retranca surgiu a imagem daquele que alguns consideram ser o último craque ainda em atividade no futebol brasileiro: Romário. Em excelente fase, o atacante fez gols, criou jogadas nos momentos mais decisivos da seleção e por isso foi escolhido o melhor jogador da Copa. A competição de 1994 também ficou marcada pelo resultado positivo do exame anti-doping do craque Maradona, que acabou sendo suspenso do futebol.

Os quatro anos que se seguiram foram de grandes investimentos no futebol brasileiro. Empolgados com os títulos, dirigentes de clubes começaram a contratar jogadores a preços altíssimos e a pagar salários a estes no mesmo nível em que eram pagos os europeus, bem mais altos. Grandes times

eram formados e depois desfeitos pois os clubes não conseguiam suportar os valores das folhas salariais por eles criadas. Os times cariocas foram os que mais saíram perdendo com esta história.

O Fluminense é o maior exemplo desta situação. Chegou a ser rebaixado para a segunda divisão do Brasileirão em 1996 mas com uma *virada de mesa* permaneceu entre a elite do torneio. No ano seguinte caiu de novo e não houve salvação. Em 1998 disputou a segundona e caiu para a terceira divisão. Com um time modesto, conseguiu vencer a competição e iria voltar para o segundo grupo mas uma nova armação dos dirigentes brasileiros levou o Fluminense para a primeirona mais uma vez.

O Vasco, sob direção do polêmico Eurico Miranda, montou um super-time que venceu o Campeonato Brasileiro em 1997, a Taça Libertadores no ano seguinte e o Rio-São Paulo em 1999. Atletas como Euller, Juninho Paulista, Juninho Pernambucano, Felipe, Edmundo e Romário fizeram a festa da torcida. Foi um dos poucos que se salvou na época mas depois de 2000 esquadrão já estava desfeito depois de muitos brigarem com o presidente vascaíno. Atualmente o clube está *nadando* em dívidas.

No estado de São Paulo os clubes fizeram decisões mais sãs e não passaram por nenhuma grande crise a não ser o prestigiado Santos de Pelé que já não ganha um título de

expressão a dezessete anos. O último jogador que passou pelo clube e empolgou a torcida foi o meia Giovanni que hoje está no futebol grego.

Em Minas Gerais o Cruzeiro deste período, sob direção da família Perrella, sempre se manteve entre os melhores do país. Com uma estrutura muito boa e mostrando grandes talentos para o futebol brasileiro, o clube da Toca da Raposa conquistou vários títulos de expressão com exceção do Brasileirão. O Grêmio foi outro que, com muita disciplina tática, manteve o ritmo da década de 80 ganhando muitos torneios e, na maioria das vezes, entrando como um dos favoritos nas competições em que disputava.

A França é sede da Copa do Mundo em 1998. O auxiliar técnico Zagallo, único tetracampeão do mundo, se tornou o novo técnico da seleção para o mundial que chegava. Romário era esperança da torcida mas problemas físicos o tiraram da competição deixando o sonho do penta nos pés do jovem Ronaldo Nazário, chamado pela imprensa italiana de *Fenômeno*.

O Brasil, assim como em 1994, não apresentou um futebol muito convincente mas conseguiu chegar, aos trancos e barrancos, a final. O jogo foi contra a anfitriã que acabou levando o título ao vencer os favoritos brasileiros por três a zero. Apesar de Ronaldo ter levado o título de melhor atleta da Copa, o grande nome que surgia para o mundo foi o do francês Zinedine Zidane que fez dois na última

partida. Argelino de nascença, o meia mostrou uma grande capacidade de criação de jogadas e conclusão das próprias. De drible eficaz e bom chute, ele já foi escolhido o melhor jogador do mundo duas vezes.

Após a final da Copa foi divulgada a informação de que Ronaldo havia tido convulsões horas antes da partida. Ninguém soube o que realmente aconteceu naquele doze de julho de 1998. O jornalista Jorge Kajuru, no dia treze de janeiro de 2002, divulgou na revista Lance A+ que o médico da equipe, Lídio Toledo, teria aplicado mal uma injeção de xilocaína no atacante. A história não foi confirmada por ninguém...

Esta notícia, e a idéia de que os jogadores teriam *vendido* a Copa para os franceses, criou uma enorme confusão no Brasil. CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) foram instauradas afim de se encontrar o que estava acontecendo no futebol brasileiro diante de tantos boatos sobre corrupção. Várias pessoas foram ouvidas. Poucas foram punidas.

O país do futebol enfrentou uma crise sem precedentes e chegou à Copa do Mundo de 2002 com muita dificuldade nas eliminatórias e sem favoritismo algum por parte dos analistas. A torcida desconfiada demorou a apoiar mas viu o Brasil se tornar pentacampeão mundial vencendo todos os seus jogos e tendo Ronaldo como artilheiro do torneio com oito gols. Dois na final e nenhuma convulsão.

Atualmente os jogadores brasileiros voltaram a ser valorizados mas o futebol mundial passa por uma grande crise financeira. Tanto na Europa quanto na América Latina todos passam por dificuldades econômicas grandes. A diferença é que na América os clubes sempre deveram muito mas agora devem mais ainda. No velho continente a falência ainda é uma possibilidade remota, apesar de alguns clubes de tradição, como a italiana Fiorentina, terem fechado suas portas.

As equipes procuram reduzir suas folhas salariais ao máximo e diminuem seus investimentos. No Brasil a transição para um modo mais empresarial e profissional esbarra na incompetência dos dirigentes que ainda insistem em trabalhar em um modelo praticamente patriarcal. O Campeonato Brasileiro de 2002 começou e é uma grande incógnita: não possui craques e nem favoritos...

3. ATAQUE

Vários foram os craques que já existiram na história mundial. Nomes como o do atacante húngaro Ferenc Puskas, do francês Michel Platini, de seu compatriota Just Fontaine, maior artilheiro em uma única Copa do Mundo com treze gols e o lendário goleiro russo Lev Yashin, conhecido por *Aranha Negra*, considerado o melhor que já existiu na posição, trazem boas lembranças. O inglês Bobby Charlton, que até hoje é admirado em seu país, o atacante Eusébio, responsável pela melhor seleção que Portugal já teve, o *Kaiser* alemão Franz Beckenbauer, o *Pelé Branco* Johan Cruyff e o polêmico *semideus* Diego Armando Maradona são alguns nomes que fazem parte da lista de estrelas inesquecíveis em todas as torcidas do mundo.

O Brasil... bem, o Brasil talvez tenha sido o país que trouxe o maior número e os melhores jogadores que já existiram. Exemplos? O *Diamante Negro* Leônidas da Silva, o *Divino Mestre* Domingos da Guia, outro mestre, o *Ziza*: Zizinho, o mais consagrado até o surgimento de Pelé. Outros da lista poderiam ser lembrados pela *Enciclopédia do Futebol*, Nílton Santos. Temos ainda Didi, os craques de 1970 como Carlos Alberto Torres, Tostão, Gérson, Rivellino, Jairzinho e Paulo César Caju. Depois vieram Reinaldo, Falcão, Leandro, Júnior, Sócrates, Roberto Dinamite e Zico. Sempre se fecha uma lista de grandes destaques com os melhores. *Mané* Garrincha e o *Rei* Pelé.

Vários outros foram tão grandes quanto os citados e poderiam muito bem entrar nesta lista. Alguns nomes acabaram sendo injustiçados e esquecidos pelo tempo como o goleiro Barbosa, que ganhou tantos títulos pelo Vasco da Gama, mas que tomou o gol crucial na histórica derrota do Brasil para o Uruguai, na final da Copa de 1950, em pleno Maracanã. Outros tiveram suas carreiras prematuramente encerradas mas que, se tivessem continuado em campo, provavelmente teriam ganho títulos muito maiores para seus currículos, como é o caso do holandês Marc Van Basten.

Os tempos mudaram e o futebol ganhou novos contornos e idéias. A figura do treinador passou a ter maior prestígio dentro dos clubes. Se antigamente o técnico tinha que se

adequar ao estilo de seus jogadores, hoje acontece o contrário. Desde a década de 70, a preparação física vem ganhando cada vez mais importância na formação dos times. O biotipo dos jogadores também mudou: o peso e a altura, de um modo geral, aumentaram. São poucos os baixinhos que ainda jogam e são destaques nas equipes de todo o mundo. Um dos últimos casos é Romário, de apenas 1.68 metro. Maior jogador na Copa do Mundo de 1994, o atacante, apesar das polêmicas que gera, é quase uma unanimidade na torcida brasileira. É um dos poucos a ser realmente chamado de craque hoje no Brasil. Por que?

Muitos jogadores ganham o mesmo título de craque em solo brasileiro. Alex, que jogou no Palmeiras e Cruzeiro, Ricardinho do Paraná e Corinthians, Athirson do Flamengo, o pentacampeão Juninho Paulista e seu antigo companheiro de Vasco da Gama, Juninho Pernambucano, são alguns exemplos de jogadores que já foram chamados de craques, ou ainda o são, mas que, para muitos, não jogam metade do que os ídolos de antigamente jogavam. Qual o motivo?

Teria acontecido uma mudança no conceito *craque*? O que se pedia para que um jogador fosse chamado assim já não é a mesma coisa hoje? Muitos ex-jogadores, jornalistas esportivos e pessoas ligadas ao futebol acreditam que sim. Algo mudou!

O comentarista da palavra fácil , o radialista Luís Mendes pensa que o conceito craque, em si, está diferente, mas não de uma forma negativa. Ele acredita que o país ainda tem vários craques só que estes se apresentam da forma que o futebol atual exige. Na sua opinião, é craque hoje quem sabe marcar bem e dar bons passes, por exemplo.

> Há jogadores de muita habilidade como Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. São dois atletas de extraordinário futebol. Tão bons neste particular quanto eram aqueles de tempos atrás como Zizinho, Gérson, Didi e outros que marcaram época. Nem me refiro a Pelé e Garrincha porque estes são exceções para qualquer período do futebol. Agora a verdade é que jogadores como estes que citei ainda existem só que não jogam como antigamente[16].

Unanimidade em nosso país, Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico, acha que o conceito *craque* mudou, sim. O Galinho de Quintino lembra que para alguém ser homenageado com este título, teria que fazer de dez a vinte lances geniais em uma única partida.

> *Acho que o craque de antigamente fazia muito mais, dentro de campo, do que o craque atualmente. Os de hoje fazendo três ou quatro coisas em uma partida e, talvez pela falta disso, o pessoal se contente e já ache o suficiente*[17].

Talvez os próprios números estejam a favor de Zico. Na terceira rodada que aconteceu pelo Campeonato Brasileiro de 2002, no dia 17 de agosto, foi realizada a partida entre Fluminense e Grêmio. Os tricolores venceram por três a um, com dois gols de Romário. Tanto o Jornal *O Lance* quanto *O Globo*, que saíram no dia seguinte comentando o jogo, deram nota sete e meio para o companheiro de ataque do baixinho, Magno Alves. O primeiro justificou sua decisão afirmando que o atleta *marcou um gol e se movimentou bastante, abrin-*

do espaços para os companheiros[18]. Já o outro periódico colocou : *um belo gol no início, (...). Depois, desperdiçou boas oportunidades, mas se esforçou o tempo todo. Saiu aplaudido*[19]. Seriam estas razões justas para o jogador tricolor ganhar um sete e meio?

A questão analisada neste exemplo não é considerar Magno Alves um craque ou não. O tratamento aqui atribuído é ligado a declaração de Zico dizendo que os jogadores de hoje fazem menos jogadas do que os de antigamente. Então seria justo dar a nota citada por conta de um gol e *correria*? Muitos acreditam que não.

Endossando o coro, o assessor de imprensa do Clube de Futebol Zico, e jornalista esportivo há vários anos, Raul Quadros, acha que o conceito craque mudou porque se pede outra coisa dos atletas de hoje: menos técnica e mais preparo físico. Para ele, a qualidade dos jogadores caiu muito:

> O futebol hoje exige muita preparação física e quem só tem arte como era o caso do Gérson, que colocava a bola onde queria, iria jogar hoje em dia sim, mas teria que se adaptar ao *futebol força*. (...)O Ronaldo *Fenômeno*, na minha opinião é um jogador mais de força. Tem habilidade? Tem habilidade sim, mas é um jogador que não sabe cabecear. Onde está a técnica dele? Ele mesmo confirma isso. Onde já se viu um centro-avante que não sabe cabecear? Quando seu joelho estava bom era muito difícil segurá-lo em suas arrancadas. Às vezes ele tem um único lampejo, um lance de craque, que o faz decidir uma partida assim como o fez com a Copa do Mundo de 2002. Mas é um jogador que depende muito de sua parte física[20].

Hoje em dia, alguns nomes ligados à parte física dos atletas são muito conhecidos em nosso país. Muitos lembram de Lídio Toledo, acusado de ter provocado as convulsões em Ronaldo antes da final da Copa de 1998 e por ter feito in-

filtrações nos joelhos de Garrincha, encurtando a carreira do atleta. Outro médico famoso é José Luís Runco, do Flamengo e da seleção brasileira. Quem lembra do técnico Luís Felipe Scolari se recorda logo de seu preparador físico de confiança: Paulo Paixão. E como seria possível separar os anos de dor e tratamento que Ronaldo Fenômeno passou, sem fazer nenhuma relação com a imagem do fisioterapeuta Nílton Petroni, o *Filé*, que sempre o acompanhou?

Alguns realmente são extremamente competentes e elogiados no meio futebolístico diariamente. Mas a presença destes profissionais no *mundo da bola* não agrada a todos. Muitos falam que o privilégio à parte física dos atletas é o mesmo que apoiar o *futebol força*. Alguns treinadores são criticados por colocarem em campo zagueiros e volantes que não possuem técnica alguma, nenhuma intimidade com a bola, mas que são fortes e destróem jogadas.

Companheiros da rede de televisão ESPN Brasil, os comentaristas Fernando Calazans e José Trajano, concordam em um ponto: hoje se pede menos dos craques do que antigamente, para ser chamado do mesmo jeito! Partindo da mesma idéia que Zico colocou, os dois acham que o conceito de craque mudou, porque *qualquer um* hoje pode ser chamado desta forma. Trajano mostra a diferença:

> Temos várias definições para craque: aquele que antevê a jogada, que se destaca mais que os outros, cerebral e outras coisas. Mas você não pode chamar de craque um jogador jovem. Tem que dar um certo tempo. Ele precisa participar de alguns campeonatos, torneios importantes, mostrar qualidade durante um

> certo tempo para aí sim ser chamado de craque. Ninguém é craque em apenas um mês disputando um torneio só, tem que ter uma duração maior para ganhar esse status[21].

Em cima desta idéia, Calazans acrescenta o que teria acontecido com o conceito craque:

> Eu acho que a palavra craque se vulgarizou um pouco. Ficou mais vulgar. Antigamente quando se chamava alguém de craque, na época em que comecei, era porque era craque mesmo. O cara era craque de verdade! Hoje em dia qualquer um é craque! Então se vulgarizou muito o sentido, a acepção desta palavra. Ficou bem banalizada. Banalizou-se o conceito de craque. Havia um senso crítico maior. Naquela época havia bons jogadores em maior quantidade, mais craques. E hoje parece que, com a ausência de craques, resolveram manter a palavra e muitos jogadores que são chamados assim, atualmente, com certeza não seriam considerados dessa forma antigamente [22].

Fernando Calazans ainda acrescenta outro motivo para a mudança dos jogadores no seu jeito de atuar: os técnicos. Para ele, os treinadores ganharam uma importância maior do que mereciam dentro dos clubes e passaram a limitar o potencial dos atletas. Tendo que se encaixar em esquemas táticos, muitos não tentam o drible ou o lançamento, porque o tal *professor* quer passes curtos e é contra o individualismo. Imaginem se Feola em 1958 ou Aimoré Moreira em 1962 tivessem pedido para Garrincha não driblar...

O jornalista Paulo Vasconcelos concorda com a opinião de seus companheiros da ESPN Brasil. Acha que o conceito craque se banalizou e ainda acrescenta um ponto importante nesta mudança:

> Bastou um gol em que o sujeito arranca do meio de campo e vai parar dentro do gol para ele virar craque. *Fez de falta é craque*! Nunca vi ninguém ser chamado de craque só porque batia falta bem. O cara tem que ser chamado de craque pelo conjunto da obra, pelo o que ele faz ao longo de vários e vários jogos. Então o conceito foi banalizado por conta de uma série de coisas: pelo apelo do espetáculo, *duelo de craques*. Então a mídia

> tem muito de contribuição nisso porque ela banalizou o uso da palavra em busca de atrações para o espetáculo [23].

A mídia! Mais do que argumentos técnicos e táticos, ela é apontada pela maioria como maior responsável pela criação de tantos *craques*. Se o futebol mudou sua cara, se os jogadores de hoje não são tão bons quanto os de antigamente, se os jogos hoje são mais feios, por que então ela insiste em tratar tudo como se vivêssemos um *conto de fadas*? Real objetivo deste trabalho, é muito importante estudar o papel dos meios de comunicação no que Paulo Vasconcelos chamou de *banalização do termo craque*.

Como pudemos verificar no capítulo anterior, dedicada à história do futebol, a relação entre mídia e futebol sempre foi muito forte e cresceu à medida em que ambos os grupos ganhavam poder e força. Com Mário Filho, a crônica esportiva se fez valer e ganhou prestígio. O rádio nesta época ajudou a criar os mitos e produzir os heróis que fariam parte dos sonhos de várias pessoas por todo o Brasil. Qual criança nesta época não devia ouvir as narrativas empolgantes dos locutores brasileiros e sonhavam em ser um Garrincha?

A década de 70 é marcada pelo crescimento de outro veículo de comunicação: a TV. Agora o *querido ouvinte* era o *caro telespectador* e podia não só ouvir, mas também ver seus heróis dos gramados. Dentro deste caminho começava a se erguer a Rede Globo de Televisão. A empresa passaria a

investir nos esportes já notando a influência exercida e paixão existente no povo brasileiro.

Todo este interesse da mídia pelo futebol vem se mostrar ainda mais claro na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Nunca antes se havia visto tantas empresas de comunicação acompanhando um torneio de futebol. No Brasil, a Globo tratou logo de comprar os direitos de transmissão desta competição apostando no time que tinha vários craques. Apesar do insucesso do selecionado canarinho, o interesse pelo esporte não diminuiu, ao contrário, cresceu. Todos os anos o Campeonato Brasileiro passou a ser mostrado nas telas de todo o país e programas esportivos específicos passaram a fazer parte da grade de horários de todas as redes. Não só de TV, mas rádio, impresso e, mais tarde, internet. Atualmente existem casos de canais que só apresentam esportes como é o caso da SPORTV e da ESPN.

O jornalista Eraldo Leite começou sua carreira como jornalista justamente neste período em que o interesse da mídia começava a aumentar. Há vinte e cinco anos na profissão, ele analisa as mudanças que aconteceram neste tempo mostrando que esse maior assédio criou certas dificuldades para o trabalho da imprensa:

> Quando comecei existiam bem menos jornalistas na cobertura do treino de uma equipe do que hoje. E com esse crescimento, com esse assédio constante, logicamente existe uma retração maior do jogador, do técnico e do dirigente em permitir o acesso a um trabalho mais aberto. Sou do tempo em que se ia cobrir o treino do Vasco e era permitido circular pelo vestiário sem que isso interferisse no trabalho dos atletas. Havia um res-

> peito do repórter para com estes e vice-versa. Atualmente existem uma série de restrições: não se pode acompanhar o treinamento dentro dos clubes, não existe acesso aos vestiários, as entrevistas são coletivas e não individuais. O jogador passou a se preservar muito mais, e não deixa de ter lá sua razão, mas isso tira um pouco o brilho da cobertura jornalística. Detalhes que você poderia acrescentar de interesse do ouvinte, do torcedor de modo em geral, acaba não sendo possível porque não existe essa liberdade da cobertura da imprensa. Há hoje uma vigilância maior, uma restrição pesada ao trabalho da imprensa por parte dos clubes e dos profissionais que fazem estes[24].

Um das primeiras revistas especializadas em futebol a ser criada neste *boom*, foi a Placar. Seu diretor, Sérgio Xavier, explica este crescimento do interesse das empresas de comunicação pela área esportiva e porque o craque muitas vezes surge da noite para o dia:

> Antigamente, nos anos 70, a revista *Placar* estava sozinha. Com quem ela concorria? Com dois ou três cadernos de jornais do Brasil e só! Então tínhamos tranqüilidade para não precisarmos de sensacionalismo, não tínhamos que vender o que não existia. Hoje além dos jornais esportivos e dos cadernos de esportes de todo o país, existem rádios, sites da internet e muitos programas de TV. Pega o Jornal de Manaus e lê a crítica esportiva e encontrará tudo bem direitinho, bem competitivo. Então a pressão para ser o primeiro a identificar primeiro um jogador, para lançar um talento, é enorme. E como é mais fácil arriscar um prognóstico do que voltar atrás, *puxa, me enganei, ele não jogava tanto assim*, as pessoas acabam lançando a toda hora seus palpites e, é claro, errando muito mais[25].

Quem seria exemplo então de *palpite errado*?

> Me lembro de um que foi *Bola de Prata* da *Placar* em 1996 que foi o lateral direito Alberto. *Craque! Substituto do Cafu*. Não durou! Não durou mesmo! Está jogando atualmente na Itália e é um jogador menor. Se pegarmos clube por clube notará que cada um tem seu craque não vingado. No Rio Grande do Sul tinha o irmão do Ronaldinho Gaúcho, o Assis, pintou como craque monumental e acabou não dando certo. Podemos passar o dia inteiro lembrando nomes: os cruzeirenses lembrarão os seus, os botafoguenses os deles... está cheio[26].

O maior vencedor de títulos do Campeonato Brasileiro, ainda hoje, é o juizforano e ex-jogador Andrade. Apesar de ter sido um meia de marcação no meio-de-campo, o volante ficou conhecido por conseguir tomar a bola de seus adversá-

rios sem precisar se valer de um recurso bastante comum hoje em dia: o *carrinho*. Um estilo bem diferente do famoso *futebol força*. O ex-atleta de Flamengo e Vasco também concorda que hoje a mídia acaba produzindo muitos craques que, na verdade, não jogam tanto quanto todos pensam.

> Hoje em dia existe muito *marketing*. A imprensa hoje fabrica o craque. Não se pode comparar os atletas daquela época com os de hoje. Não se pode comparar ninguém com um Zico, Sócrates, Falcão, Careca. Hoje não existem craques como estes jogadores. Pela carência de bons atletas, a imprensa fabrica alguns nomes criando *craques e fenômenos*. Talvez se estes jogassem na minha época seriam considerados atletas *normais*. (...) Beckham é muita propaganda e pouco futebol. Mostrou na última Copa que é um jogador para a televisão. É um rostinho bonitinho que a TV precisa mas é um jogador comum, simples. É propaganda enganosa[27].

Este caso de Beckham talvez seja um exemplo que ressalte bem a influência que a mídia exerce no público, em geral, na hora de destacar quem é craque ou não. O meia inglês do Manchester United não recebe um dos maiores salários da Inglaterra. Estima-se que ganhe algo em torno de U$ 131 mil por semana de seu clube. A maior parte de sua renda vem de patrocínios, direitos pelo uso de sua imagem e outras formas extras onde ele possa vender seu rosto tão valorizado na TV. Um exemplo é o valor a ser recebido pelo atleta graças a um jogo de vídeo game que farão com seu nome (David Beckham Soccer): U$ 1,45 milhão.

Usando o poder da mídia, outros jogadores fazem o mesmo para se promover mesmo não sendo tão bonitos quanto Beckham. O brasileiro Ronaldo Nazário é outro grande exemplo. Começou sua carreira profissional aos 16 anos no Cru-

zeiro e um ano mais tarde, em 1994, já era campeão no mundial. Jogou na Holanda mas estourou para o mundo no Barcelona da Espanha, em 1996, quando foi escolhido o melhor jogador do mundo (feito repetido depois em 1997). Com este prêmio nas costas, o atacante, auxiliado por seu assessor de imprensa Rodrigo Paiva, passou a melhorar sua imagem diante dos meios de comunicação e do público em geral. Fortaleceu sua imagem de rapaz simpático, humilde, simples e que tratava a todos bem. Passou a ganhar muito mais dinheiro com os patrocínios e os direitos de imagem do que com seu salário no clube espanhol. Tudo graças a uma mudança de comportamento na frente das câmeras e dos jornalistas.

O futebol de Ronaldo lhe deu mais que o título de craque, lhe deu o apelido de *Fenômeno*. Várias comparações foram feitas entre ele e Pelé. Uma das fotos da Copa de 2002 de maior publicação foi a dos dois juntos no pódio do penta. *Encontro de Reis*, afirmou a Revista Veja em uma edição especial pela comemoração do quinto título mundial. Falar que a imprensa com imagens dessas e tais palavras não consegue enaltecer ou até mesmo criar o craque seria esconder o óbvio.

As entrevistas feitas para a realização deste projeto, mostram bem como o trabalho da mídia consegue inverter opiniões rapidamente. Rivaldo antes da Copa do Mundo de 2002 era rejeitado pela grande maioria dos torcedores. Cafu sem-

pre gerou desconfiança entre todos que acompanhavam futebol. Ronaldo Fenômeno estava desacreditado, porque vinha de operações no joelho e outras contusões. Antes do torneio ninguém indicava os três, por exemplo, como grandes nomes para a disputa do mundial. Bastou a seleção vencer a competição que todos viraram unanimidade. Suas imagens hoje representam vitória, são enaltecidas pelas mídias e acabaram todos sendo destacados como craques.

Ronaldo Fenômeno é um dos nomes mais citados entre os entrevistados. Assim como ele, outro de grande prestígio é o francês Zidane, mesmo não tendo jogado a Copa do Mundo inteira (apenas um jogo contra a Dinamarca).

Outro nome de destaque entre a torcida brasileira é a do jovem meia do São Paulo, Kaká. Visto como sucessor de Raí pelo fato de ser bonito, porte físico avantajado e futebol parecido, muitos analistas apostam suas fichas neste rapaz de vinte anos. Sérgio Xavier chegou a considerá-lo craque, apesar de lembrar que ele ainda precisa mostrar mais resultados.

Kaká não se considera craque mas fez uma declaração que reflete bem o assunto tratado aqui:

> Além das coisas que a gente faz em campo, tem que fazer uma foto aqui, outra coisa ali. Vira um produto da mídia, mas faz parte. Me vejo como uma empresa. Estou prestando um serviço para o São Paulo. Tenho que estar bem. Se a minha empresa for boa, o meu cliente, que é o São Paulo, vai ficar satisfeito comigo. Assim vou recebendo, vou ganhando. E vou buscar um cliente maior, a Seleção, um clube estrangeiro... Se o São Paulo precisar vender meus serviços, pode também[28].

Quando perguntado se ele achava que o conceito craque havia mudado, Kaká disse que mudara sim, mas, ao contrário dos outros, acha que os grandes jogadores de hoje tem que fazer muito mais do que os de antigamente. O meia afirma que essa é a ordem natural das coisas: os atletas que vierem depois dele também terão que mostrar muito mais do que nos dias de hoje para ser chamado de craque.

Sendo honesto, Kaká assume ser um produto da mídia. Um craque fabricado pelos meios de comunicação. Como ele, existem vários jogadores, que estão na mira de jornalistas e cronistas esportivos. A maioria acaba se enrolando na hora de enumerar as qualidades de um jogador e, no intuito de promover o espetáculo para garantir a venda dos jornais ou a audiência, exageram na criação de um mito que pode ou não existir.

Devemos lembrar que toda empresa de comunicação visa sempre o lucro. É lógico que algumas mais e outras menos mas, assim como outro negócio qualquer, precisa gerar capital para seus investidores e diretores. É uma regra geral do capitalismo. Se um investimento é feito por um determinado jornal no campeonato de futebol que é disputado em Minas Gerais, ele vai querer ter um retorno financeiro que compense os gastos com aquele evento.

Pensando dessa forma, é normal se encontrar diversos exemplos de espetáculos que são bastante divulgados pela

mídia em geral para que a tenção do público seja desperta e o sucesso daquele show seja garantido. O *Rock in Rio III*, realizado em janeiro de 2001, no Rio de Janeiro, foi um evento que contou com o patrocínio de diversas empresas de comunicação como a Globo (rádio, TV e impresso) e a América OnLine (internet). O que se viu foi uma cobertura ampla e próxima da festa convidando os espectadores a irem até lá e participar daquele *grande momento da música internacional*. Houve dias em que 250 mil pessoas passaram pela Arena do Rock, garantindo o retorno financeiro esperado pelos investidores e assegurando a realização do próximo *Rock in Rio*.

O futebol não é diferente. Existem aqueles que apostam seu dinheiro no sucesso deste espetáculo e esperam que um retorno financeiro chegue. Nos dias de hoje, não só no Brasil mas em todo o mundo, os maiores investidores no *esporte da pelota* são os meios de comunicação, a mídia. Na Inglaterra , a detentora dos direitos de transmissão da *Premier League*, a Rede de televisão SKY, paga anualmente cerca de dois bilhões de dólares aos clubes. Este dinheiro é rateado entre as equipes de forma pré-determinada entre eles. Na Espanha, os dois maiores times nacionais, Barcelona e Real Madri, irão receber, no mínimo, U$ 35 milhões das TVs locais até 2008. Na Itália, muitas equipes contam com margens de até 54% de sua arrecadação vindas das empresas que querem transmitir seus jogos. No Brasil, a Rede Globo paga

R$135 milhões aos clubes nacionais para que eles possam dividir este montante.

Sendo um espetáculo que recebe voluptuosos investimentos vindo das mídias, é normal se notar formas de promoção deste show por parte dos interessados. Neste momento os meios de comunicação lançam mão de recursos que transformem um campeonato cada vez mais fraco e debilitado, como é o *Brasileirão*, em algo que esteja ao *mesmo nível dos europeus*. Comerciais, televisivos, promoções com brindes, participação por telefone ou internet (os cada vez mais famosos *internautas*) e, principalmente pela construção dos craques, aqueles que irão levar o público aos estádios e, principalmente, para frente da telinha ou do rádio.

Em entrevista que realizamos com o ex-jogador Júnior, ele afirma que os grandes jogadores merecem receber bons salários, pois são eles que garantem a audiência e o público nos estádios. A estréia de Romário no Fluminense levou quase 70 mil pessoas ao Maracanã. Um público dificilmente encontrado hoje nos estádios brasileiros. Mas e quando não existem *Romários* suficientes para todos os times do Brasil?

É de acordo geral que o principal fato responsável pelo sucesso de uma partida de futebol é o fato de haver uma disputa entre dois times de grande torcida. Mas se a presença de craques é garantida em jogo, o público sempre é maior. Os jogos da seleção brasileira são outro exemplo.

Não importa o adversário! As torcidas sempre comparecem aos estádios para prestigiarem nomes como Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Kaká. Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002, realizadas nos dois anos anteriores, o público sempre diminuía com a ausência destes jogadores.

Relembrando as eliminatórias citadas acima, um caso muito interessante deve ser analisado aqui: a não convocação de Romário. Brigado com o treinador da Seleção Brasileira, Luís Felipe Scolari, o baixinho não participava mais dos jogos da canarinho. Quase uma unanimidade nacional, o craque, que na época jogava no Vasco da Gama, começou a convocar o apoio da torcida utilizando-se da imprensa. Um enorme movimento de *Viva Romário* começou a ser feito em todo o país. O público queria seu maior craque na seleção pois não confiava no irregular Rivaldo, no mascarado Roberto Carlos, no capitão Cafu e, muito menos, nos sucessores atacante vascaíno: Luisão e Edilson. Denílson era uma exceção! Com seu jogo de dribles, ele fazia seu próprio espetáculo e levava a torcida ao delírio, mas era reserva. Ronaldo Fenômeno, que poderia acalmar um pouco a cobrança por parte do povo brasileiro, estava machucado e era dúvida para a Copa.

Notamos que neste caso a participação fundamental da mídia. Vendo que nenhum dos atletas do selecionado de Felipão atendia aos anseios da torcida em todo o Brasil, os

meios de comunicação passaram a colocar os jogos disputados em um segundo plano e a discutir o problema Romário. Sempre as primeiras perguntas feitas ao técnico da Seleção, nas entrevistas coletivas, era sobre a não convocação do baixinho. Durante as partidas, os repórteres que cobriam o evento chamavam a atenção dos protestos, vindos das arquibancadas, pela ausência do atacante vascaíno. A mídia colocou as eliminatórias em segundo plano, as partidas da *canarinho* de lado e mudou a cara do show para onde o público queria: Romário.

Este é um exemplo da importância de um craque para que o *jogo de futebol* se torne um *espetáculo do futebol*. Quem gostaria de ver um show da banda U2 sem seu vocalista e membro mais famoso: Bono Vox? Uma exposição do pintor Leonardo da Vinci atrairia a atenção de muito mais pessoas se tivesse seu quadro mais importante: *La Gioconda* (Mona Lisa). Assim é o futebol também! Todos gostavam do Botafogo de Garrincha e não este de Lúcio e Taílson. As torcidas queriam ver o Santos de Pelé e não o de Diego e Léo. Quantos não gritaram de alegria pelos gols feitos pelo Flamengo de Zico e agora choram pelos perdidos por Liédson?

O craque faz o espetáculo e a mídia sabe disso. Talvez por este motivo ela esteja, de acordo com o que aqui foi pesquisado, procurando por tantos craques. E, como em alguns casos ela não consegue encontrar, aparentemente acaba

criando alguns que não merecem ser comparados com Rivellino, Jairzinho, Didi, Puskas e Di Stefano. Porque chamar Alex, Ricardinho, Athirson e Juninho Paulista de craques é uma forma de compará-los com os grandes de nomes de antigamente. E nesta criação de ídolos, um profissional da imprensa tem papel importante nesta história.

> Uma das maneiras encontradas pelos veículos de comunicação de construir relações de credibilidade com o público foi apostar na criação de âncoras que apresentam os telejornais e na de jornalistas que demonstram grande autonomia (em alguns casos, apenas aparente, em outros, real) para manifestar suas opiniões, em matérias assinadas. No caso dos jornais e de publicações sérias e de prestígio, os jornalistas que se apresentam como intelectuais (ou intelectuais que se apresentam como jornalistas) desempenham um papel de vitrine e marca, e acabam adquirindo uma grande influência nos meios políticos e produtores de arte e cultura[29].

Exemplos disso são Galvão Bueno, José Carlos Araújo e Luciano do Valle. São locutores de futebol que se utilizam de seus nomes famosos e prestígio junto à torcida para dar destaques negativos ou positivos sobre os jogadores. Quando Ronaldinho Gaúcho fez seu primeiro gol pela seleção brasileira, em um jogo contra a Venezuela dando um chapeuzinho em um adversário e chutando cruzado para marcar, o locutor da TV Globo não pensou duas vezes antes chamar o então meia do Grêmio de craque e fazendo promessas espetaculares sobre o futuro do atleta. Hoje muitos podem até falar que Galvão acertou ao dizer isso, já que Ronaldinho foi um dos destaques do Brasil na Copa do Mundo de 2002, mas a carreira do gaúcho não foi muito boa desde que ganhou destaque pelas palavras do *locutor global*.

Depois do belo gol que marcou contra a Venezuela, Ronaldinho Gaúcho não fez mais nenhuma boa partida pela seleção e teve problemas de contrato com o Grêmio. Em uma transferência complicada para a equipe francesa do Paris Saint-Germain, o atleta ficou muito tempo sem jogar e o interesse da mídia, e consequentemente do público, caiu bastante por sua imagem. O jogador virou um nome esquecido do passado e só voltou a ficar famoso quando Felipão o convocou para as partidas da seleção e o definiu como titular da equipe. No mesmo instante criou-se um alvoroço sobre a notícia, afinal de contas ninguém sabia se o meia ainda tinha um bom futebol ou não. Nesta hora surgiu a imagem dos locutores esportivos dizendo que ele havia feito grande campanha no campeonato francês e que merecia uma chance. Ninguém elogiou os brasileiros que foram campeões no mesmo torneio pelo Lyon, como o zagueiro Edmílson e o não convocado Juninho Pernambucano. Era um momento de desespero para o selecionado canarinho e para os investimentos da mídia. Os *craques* precisavam aparecer!

Exemplos como esse só demonstram a força da mídia na hora de criar mitos e ídolos. As empresas de comunicação gastam grandes somas em dinheiro para promover o futebol e esperam um retorno satisfatório. Sabem que um bom espetáculo precisa de grandes estrelas e por isso talvez criem alguns craques que, de acordo com alguns, não existem.

O caso Rivaldo é outro que pode se encaixa bem nesta situação. Muito contestado desde que perdeu uma bola no meio de campo que resultou em um gol da Nigéria e a posterior eliminação do Brasil das Olimpíadas de 1996, o meia há muito tempo não tem paz em solo brasileiro. Enquanto jogou no Mogi Mirim, Corinthians e Palmeiras, ele era considerado um fora-de-série e aclamado por suas torcidas. Fez parte de uma equipe vitoriosa feita pelo Palmeiras que contava também com Djalminha, Luisão, Müller e Roberto Carlos. Seu sucesso lhe garantiu passagem para o La Coruña da Espanha e, posteriormente, Barcelona. Sempre que defendeu a seleção brasileira ficou estigmatizado como atleta que joga bem por seu clube mas não pela seleção. De acordo com Paulo Nassar o problema do centro-avante é outro:

> Por que o marketing não gosta de Rivaldo? O produto Rivaldo é insípido, incolor e inodoro como a água, mas resolve. Mesmo assim, os marqueteiros torcem o nariz para o jogador desengonçado, que tem um nome tipicamente brasileiro, esquisito, mas coincidentemente montado em sete letras como Ronaldo e como Romário, ambos já considerados, como o nordestino Rivaldo, os melhores jogadores do mundo, todos com passagens fulgurantes pelo glorioso Barcelona. O que é que acontece, então, com Rivaldo? (...)
> Rivaldo não aproveita seu gol para mandar uma coreografia, que envolve uma banderinha de escanteio ou um grupo mais assanhadinho de companheiros de campo. Ele não usa os elementos cênicos de um estádio de futebol para incrementar o gol, coisas como o orelhão da telefônica, os microfones das emissoras de rádio, as lentes das emissoras de televisão. Os marqueteiros nesses momentos têm saudade do soquinho que Pelé dava no ar quando fazia seus gols, das camisetas-mensagens que o Romário escondia embaixo do uniforma para revelar só nesses momentos, das caretas teatrais de Viola e Maradona presenteavam os torcedores. (...) Os marqueteiros gostam de apimentar, *agregar valor aos produtos e serviços*, com heróis do mal e do bem. O Edmundo, o animal, é ótimo para alavancar as vendas de coisas como inseticidas: ele mau para os insetos. A torcida gosta de gente rebelde, que não se subordina às regras estabelecidas e ao relógio de ponto do chefe Wanderley Luxemburgo.
> Alguém se lembra de alguma malcriação de Rivaldo? De quantas vezes ele foi expulso de campo? E de quantas vezes ele bateu a

> sua Ferrari de último tipo? Ou se o Rivaldo já foi à ilha de Caras? Todos nós sabemos os nomes e as medidas das mulheres atuais e passadas de Ronaldo, Romário, Edmundo, Renato Gaúcho. Você já viu alguma foto da mulher de Rivaldo?
> Rivaldo é evangélico, como dezenas de outros jogadores de futebol. O incomum é que nunca se viu Rivaldo, antes de bater uma falta, um pênalti decisivo, se ajoelhar, olhar fixamente para a pelota e conversar com Deus. E isso não produz notícia, nem fatos, nem fotos[30].

O jornalista, especialista em marketing, explica de maneira clara a relação necessária para que um jogador vingue no esporte hoje. Não é necessário apenas bom futebol. O atleta tem que possuir os elementos necessários para que chame a atenção da torcida, do público e, principalmente, dos anunciantes. É assim que o craque talvez surja. A atitude dos atletas diante dos repórteres mudou de acordo com o comentarista Claudio Carsughi. Para ele, muitos se baseiam em cima dez ou 20 frases feitas para não saírem mal perante a mídia. Talvez seja por querer atrair a atenção dos meios de comunicação que Rivaldo declarou, no dia 20 de agosto de 2002, que só irá continuar na seleção brasileira se já estiver garantido na Copa de 2006, na Alemanha. Se essa era sua intenção, conseguiu: no mesmo dia o programa SportCenter, da ESPN Brasil, laçou uma enquete na internet perguntando aos telespectadores se eles concordavam com o meia. Seria esta a atitude correta de um craque ou a necessária para se ser chamado assim?

Sobre o que é ser um craque ou não, Andrade lembrou o que teve que fazer para ser chamado assim:

> Fui ter reconhecimento depois de várias conquistas, depois de vários títulos conquistados. Era necessário manter uma regula-

> ridade de vários jogos com notas superiores a oito. Atualmente o atleta não possui essa regularidade. Hoje ele faz uma boa partida e amanhã faz uma abaixo da média. Para ser craque você tem que sempre se apresentar bem e ter conquistas atrás de conquistas. Agora o cara faz dois bons jogos e é chamado de craque. Está errado! Isso acontece pela carência de bons jogadores hoje. Zico era um craque. Além de armar boas jogadas para os outros ele finalizava bem. Chutava com a direita, com a esquerda, cabeceava e era um matador. Esse é o craque que a gente conhece[31].

Uma definição considerada exagerada por alguns mas que corresponde bem ao que produziram muitos dos grandes valores do passado. Mas será que, por fazerem belos lances em menor quantidade, os jogadores de hoje não podem ser chamados de craque?

4. CONTRA-ATAQUE

Em qualquer ramo profissional ou etapa de sua vida, o ser humano procura sempre fazer o melhor. Muitas vezes descobre esse *melhor* nos exemplos dados por outros. Assim surgiram grandes líderes na história da humanidade. Eram pessoas que faziam seu papel com maestria e arrebanhavam adeptos e seguidores por onde passaram.

No futebol acontece o mesmo. Vários jogadores surgiram como grandes líderes e exemplos para os mais novos. Quantos não cresceram querendo ter o talento de Pelé, de Garrincha, de Zico, de Romário? Quem nunca se inspirou na postura do capitão Dunga ou admirou a visão de Gérson. O ex-jogador Júnior lembra que cada geração teve seus ídolos e que estes exerciam grande influência nos que ainda estavam se formando.

De maneira prática, podemos dizer que o time de 1958 e 1962 inspirou muitos dos que atuaram em 1970. Da mesma for-

ma, a atual geração da seleção argentina como Verón, Ortega, Cláudio Lopes, Killy Gonzales se mirou no maior exemplo que o país já teve: Maradona. Todos querem ser como seus ídolos. Seja no futebol, nas artes, na religião ou qualquer outro setor de nossas vidas.

Mas agora chegamos ao ponto que interessa: quem seria o ídolo de todo treinador mundial? Quem é aquele que marcou e mostrou que esta categoria poderia prevalecer sobre os jogadores, algo impensável até algumas décadas atrás? Quem poderia mudar o mundo de uma forma que desagrada a tantas pessoas principalmente no Brasil? A resposta? Rinus Michels.

O treinador da Holanda da Copa do Mundo de 1974, construiu a *Laranja Mecânica* e fez sobressair um esquema tático que conseguiu ficar em maior evidência do que o talento individual do ponta Johan Neeskens e do genial Johan Cruyff. Era um time que se movimentava por todo o campo e se posicionava de forma jamais vista anteriormente. O Brasil, que naquela altura era o atual tricampeão mundial, caiu em pedaços diante do poder daquela equipe européia:

> Naquele dia três de julho de 1974, em Dortmund, os comandados do competente Rinus Michels estavam com o diabo no corpo. Para conter Neeskens, Cruyff e companhia foi preciso muito mais que boa técnica. Só a bravura de alguns jogadores, a par da ação de outros, que romperam com os limites das leis do jogo, conseguiu bloquear uma goleada – que seria justa. Luiz Pereira, habitualmente um cavalheiro, comandou a violência da defesa brasileira, humilhada pelo espetáculo dos adversários. Parece que foi hoje. (...) Graças a Deus, só dois a zero – Neeskens e Cruyff, aos cinco e aos quinze do segundo tempo[32].

É lógico que o fato de possuir atletas de tanto talento ajudou a equipe a se tornar um mito na história do futebol,

mas outros fatores também preponderaram. O preparo físico exigido por aquele esquema era muito grande. Então começou-se a trabalhar o pulmão dos jogadores para que eles pudessem correr todo o campo durante os noventa minutos e ainda sobrar energia para que eles tivessem seus momentos de talento. O físico começa a prevalecer.

É lógico que Michels não é o responsável direto pelo futebol como o vemos hoje, mas tem uma boa parcela de responsabilidade. Depois de 1974, as equipes passaram a tentar copiar o esquema da *Laranja Mecânica* a fim de se sobressaírem às outras. Isto é fato lógico: se você quer ser o melhor, faça como o melhor. Então o primeiro passo a ser dado era trabalhar a parte física dos atletas. Com isto eles agüentariam correr durante todo o jogo, teriam chutes mais fortes, dariam passes mais longos, seriam mais velozes e fariam uma marcação mais forte usando o corpo.

A partir daí os esquemas táticos e o papel do treinador com sua comissão técnica (auxiliar, preparador físico, treinador de goleiros, médico, massagista e até psicólogo) passaram a ganhar maior destaque. Esse era um ponto muito positivo para o futebol. Imaginem aliar força e técnica? Pelé chutando duas vezes mais forte? Garrincha correndo três vezes mais? Agora era um sonho possível. Mas a verdade é que o tiro pode ter saído pela culatra.

Atualmente os jogadores que não possuem qualidade técnica procuram compensar suas limitações com o físico. Com força. Com o *futebol força* que tantos criticam! Seria este um jogo pior? Muitos dizem quer pode até ser mais feio, mas é mais eficiente. Contando com a má qualidade dos árbitros (bons exemplos foram as arbitragens da Copa de 2002) as faltas se tornaram recurso comum no futebol e os menores e mais habilidosos perdem seus espaços em campo.

Se for feito um levantamento, com certeza há de se descobrir que Telê Santana é mais conhecido do público do que Aimoré Moreira. Até mesmo Lazaroni deve ser mais famoso do que Feola. É lógico que o fato de serem nomes mais recentes facilita na memória do torcedor, mas o real fato é que ambos fazem parte de uma geração em que o técnico passou a ser tão, ou até mais, importante do que os jogadores.

> O certo seria seguir com os jogadores sendo mais importantes do que os treinadores como era na década de 70 até início de 80. Deste período para cá estes técnicos souberam se valorizar muito, fizeram um marketing muito bom, começaram a falar o *futebolês* e a imprensa caiu nessa balela. Isso resultou também na queda da técnica dos atletas brasileiros embora não pareça, já que ganhamos agora uma Copa do Mundo. Mas você vê como são as coisas: o futebol dentro do Brasil, não esse para o consumo externo, é pior do que o de décadas atrás[33].

Esta valorização da imagem do treinador fez com que o jeito e o estilo dos jogadores mudassem. Hoje o atleta é selecionado nas peneiras se tiver boa estatura e físico de qualidade porque sabe-se que o futebol europeu gosta de jogadores assim. E os técnicos brasileiros também apreciam este novo biotipo.

Esta mudança no jeito de se jogar futebol, a melhoria dos esquemas táticos, o medo de inovar e perder o emprego e a evolução da parte física dos atletas mudaram não só a cara do esporte da bola, mas também do craque.

> Antes víamos estes (os craques) com o simples quicar de uma bola na sua frente, através de seu domínio... hoje não. Vale como o atleta marca, como ele passa a bola, quando ele reúne todas estas qualidades que o futebol atual exige. Este é o craque e nós temos vários deles. Comprovamos isto agora na Copa do Mundo da Ásia. Há jogadores de muita habilidade como Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. São dois atletas de extraordinário futebol. Tão bons neste particular quanto eram aqueles de tempos atrás como Zizinho, Gérson, Didi e outros que marcaram época. Nem me refiro a Pelé e Garrincha porque estes são exceções para qualquer período do futebol. Agora a verdade é que jogadores como estes que citei ainda existem só que não jogam como antigamente[34].

Na descrição do radialista Luís Mendes, vemos a idéia de que o conceito craque, de certa forma, não mudou. Para o jornalista, os grandes nomes de antigamente jogariam hoje e vice-versa. Eles teriam que se adaptar a esta nova forma de jogar, mas o fariam tranqüilamente. Ronaldo Fenômeno poderia ser um grande ponta e Gérson ainda poderia fazer seus lançamentos.

Tendo uma linha de raciocínio semelhante, o repórter Eraldo Leite faz comparações para mostrar seu ponto de vista:

> O conceito de craque é o mesmo. Você pode discutir se os craques de hoje são menos dos que os de ontem. Um exemplo: Ronaldo Fenômeno é um goleador mas Zico também fazia gols e era um homem de criação de jogadas. Os esquemas táticos mudaram, a preparação física melhorou muito e tem uma ênfase muito maior, às vezes até maior do que a parte técnica, mas o conceito craque não muda. Craque é o que tem habilidade, o que é inventivo, que é capaz de desnortear a marcação adversária por mais forte que seja. Zico quando era muito marcado ia jogar na lateral direita ou na esquerda e levava seu marcador e conseguia fugir de seus adversários deixando de ser um atleta de conclusão de jogadas para ser um preparador delas. Isso era de sua capacidade inventiva, coisa que não existe hoje! O jogador

> pode criar também desde que tenha capacidade técnica para isso. Então acho que o conceito em si não mudou. O que está diferente é essa preparação física e esta vontade dos técnicos de amarrar o jogador a um esquema tático[35].

Talvez possa parecer um pouco confuso, pois as desculpas daqueles que acreditam que o conceito craque mudou e dos que pensam o contrário, podem soar semelhantes. Neste aspecto, a maioria, nas duas correntes de idéia, vê as mesmas mudanças no futebol no decorrer dos últimos trinta anos. O fato é que cada um vê o uso da palavra *craque* de uma maneira diferenciada hoje em dia.

Um bom exemplo disso é dado pelo comentarista esportivo Claudio Carsughi apoiando-se no próprio exemplo, quando também fala sobre automobilismo:

> Para mim não mudou, tanto que uso com absoluta economia, com parcimônia, a palavra craque hoje em dia porque antes de chamar alguém assim eu faço a mim mesmo uma pergunta: esse jogador seria titular, por exemplo, no Santos de Pelé? E em 99% das vezes a conclusão a qual eu chego é *não*! (...) Chamar de craque é simples, agradável, quando você faz uma entrevista o jogador lhe recebe melhor... da mesma forma como acontece com alguns abusos da língua. Não só no futebol mas também na Fórmula-1. Eu, por exemplo, nunca chamei Schumacher de pentacampeão. Ele não é pentacampeão coisa nenhuma! Tem um bicampeonato e um tricampeonato porque é uma seqüência de dois títulos e outra de três. O problema é que desde 1970, à arrepio da língua portuguesa, Camões deve se revirar no túmulo, veio esta história de tricampeão, depois quatro e agora penta. Licenças poéticas diríamos [32].

Carsughi de maneira clara a seguinte idéia: o conceito craque não mudou mas alguns o usam de forma exagerada. Mais uma vez voltamos ao ponto discutido anteriormente: a responsabilidade da mídia nesta história.

Chamar alguém de craque é uma coisa. Mas ter o respaldo de um grande locutor de rádio ou TV, ou ter a imprensa pau-

lista, carioca, mineira ou gaúcha ao seu lado lhe glorificando é outra bem diferente. É lógico que isto não é uma regra geral. Como bem lembra Trajano *a mídia não é uma coisa una* [33]! Existem aqueles que abusam do uso do termo e tem aqueles que o utilizam da mesma forma assim como o faziam há trinta anos atrás.

Na opinião de Zico a mídia não tem esse poder de criar um craque. Se o jogador não fizer por merecer ninguém irá criar algo sobre sua pessoa que não exista. Alguém que com certeza não necessita que os meios de comunicação digam que era craque é Pelé. Considerado por muitos o maior atleta do século 20, o *Rei* é um dos que mais usa a própria imagem pelo mundo.

Pelé sempre é visto junto a grande celebridades, em eventos famosos, em causas sociais nobres, em programas de televisão e rádio reconhecidos e suas entrevistas exclusivas são disputadas *a tapa* por jornalistas de todo o mundo. Mas porque o senhor Edson Arantes do Nascimento necessita de tanta promoção. Um retorno ao passado é necessário neste momento.

Pelé jogou no Santos de 1956 até 1974. Fez partidas excepcionais encantando todas as torcidas do Brasil e ganhou todos os títulos que alguém poderia conseguir. Existem boatos de que a CBF teria lhe feito uma proposta em dinheiro para que disputasse a Copa de 1974 mas ele teria recusado.

Decidiu se aposentar. Mas quando surgiu uma proposta financeira irrecusável por parte do Cosmos, dos Estados Unidos, ele aceitou encarar o desafio de promover o futebol na terra do *Tio Sam*. Jogou lá de 1974 até 1977 mas não fez o esporte vingar nos EUA. No entanto isso não abalou sua imagem de forma alguma nomeio futebolístico, ao contrário: o Rei ficou mais famoso e passou a ser aclamado em todo o mundo. Agora, sim, todos conheciam Pelé.

Com o passar dos anos recebeu várias homenagens e mesmo participando de algumas polêmicas, nunca caiu do pedestal. Vários foram os exemplos de tumultos em sua vida. Pelé tem alguns filhos em relacionamentos extraconjugais como o ex-goleiro Edinho, ex-Santos. Sua empresa já foi acusada de ter feito várias operações ilícitas como lavagem de dinheiro. A mais recente foi com a própria seleção brasileira: enquanto falava aos jogadores do Brasil que acreditava no potencial deles, para os meios de comunicação não colocava a canarinho como uma das favoritas para a Copa Coréia-Japão. Os atletas não gostaram de sua atitude e um mal estar se estabeleceu no momento da premiação do título em que o Rei entregou as medalhas aos brasileiros. Por estes casos alguma vez Pelé perdeu prestígio? Dificilmente.

Sempre teve a mídia a seu lado, principalmente a do Brasil. Isto porque desde que Maradona surgiu para o mundo e venceu uma pesquisa na internet, realizada pela FIFA, e

foi escolhido pelo público como o maior jogador de todos os tempos, sua moral ficou ameaçada. Como a rivalidade entre argentinos e brasileiros é histórica, e não só no futebol, a mídia de nosso país começou a revitalizar a imagem do tricampeão garantindo sua primazia mesmo que somente no Brasil.

Este apoio da mídia à figura de Pelé não só levanta suspeitas sobre sua superioridade à Maradona mas também sobre outros dois brasileiros: Zizinho e Garrincha. O primeiro atuou na década de 40 e 50 e por isso não existem muitos, ainda vivos, que possam fazer sua defesa. Mestre Ziza era unanimidade no Brasil até a imagem de Edson Arantes se tornar famosa. O interessante é que, de acordo com relatos da época, Pelé era fenomenal mas Zizinho não ficava atrás, não.

A discussão com Garrincha é ainda mais acirrada. Principalmente os botafoguenses defendem que o ponta foi melhor que o meia do Santos. Normalmente, o argumento usado é a presença da mídia. Pelé jogou ainda no período em que a televisão se consolidava e o interesse das empresas de comunicação pelo esporte crescia. Por este motivo, os registros do *gênio das pernas tortas*, em vídeo, são poucos. Coincidentemente, os textos mais apaixonados e deslumbrados, feitos por cronistas e escritores consagrados da época, eram

endereçados, na maioria, à Garrincha. Fica uma situação complicada de se decidir: quem realmente foi o maior?

Nesta discussão entre craques existem outras mais recentes como o conflito entre Romário e Roberto Dinamite. No dia 20 de janeiro de 2002, o craque vascaíno da década de 80 foi expulso da tribuna de honra do estádio de São Januário pelo presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda. A situação foi muito tensa e no meio da confusão, o dirigente declarou que Romário era melhor Roberto. Uma grande discussão se fez na mídia.

O modo como Roberto Dinamite estava sendo tratado no seu ex-clube, depois de tudo que havia feito pela entidade, mexeu com a emoção de muitos torcedores. Emoção é ingrediente certo para o futebol e é o que a mídia procura. O assunto foi abordado com grande intensidade e ganhou mais repercussão ainda quando Eurico Miranda anunciou que iria aposentar a camisa 11 em homenagem ao baixinho. Em período de preparação para a Copa do Mundo, Romário ganhava mais espaço ainda nos meios de comunicação.

Nestes momentos, uma figura muito importante que sempre se encontra dando suporte aos jogadores é a do assessor de imprensa. Desde que a mídia começou a fazer uma cobertura maior do futebol, muitos jornalistas começaram a oferecer seus serviços aos atletas prometendo melhorar sua imagem diante da mídia e vendê-la para possíveis investidores.

Grande exemplo é Rodrigo Paiva. Antes assessor de Ronaldo Fenômeno, agora trabalha para a seleção brasileira. Normalmente acessível e simpático, Rodrigo é um dos mais respeitados na área. Uma história curiosa sobre ele veio da Copa do Mundo. O treinador Felipe Scolari sempre teve um gênio muito difícil. De temperamento explosivo costumava dar declarações polêmicas e que atrapalhavam sua imagem com as empresas de comunicação. Paiva passou então a conversar com ele antes das coletivas para que o técnico desabafasse tudo para chegar mais calmo para as entrevistas. Muitas vezes funcionou.

Junto à imagem do assessor de imprensa veio a do empresário. Criticado e odiado por dez em cada dez comentaristas sobre futebol, estes homens de negócio são os responsáveis, muitas vezes, em transformar o esporte em uma grande balcão de negócios. Muitas dessas pessoas acabaram se tornando dirigentes de clubes de futebol, outras possuem dinheiro aplicado em alguns times que se tornam grandes devedores destes empresários. Em situações mais complicadas, eles se tornam *donos* de alguns jogadores muito novos e que ainda não sejam profissionais ao assumirem seus direitos federativos (o antigo passe). Neste último caso é difícil saber quando acontece já que o atleta ainda não é conhecido do público.

Essa crescente atenção ao dinheiro gerou uma série de problemas com o passar do tempo.

> Aconteceu uma evolução financeira muito grande no futebol a partir do início da década de 80. Na época os salários dos jogadores brasileiros não podiam ser comparados com o dos europeus em função da própria economia do Brasil. O grande erro do futebol em nosso país foi tentar acompanhar os salários da Europa. É por isso que os clubes estão nesta situação hoje. Não se pode querer pagar a um jogador em dólar enquanto estamos em uma economia que tem o Real como moeda. Mas como os dirigentes são muito amadores e como eles saem de seus mandatos sem ter nenhuma responsabilidade, o que pode mudar através desta Medida Provisória de Moralização do Futebol brasileiro, eles cometiam alguns exageros: faziam grandes investimentos e pagavam salários muito altos. Acho que os grandes protagonistas, os que fazem a diferença, os que levam o torcedor ao estádio tem que ser muito bem pagos mas acredito que, atualmente, o jogador médio recebe mais do que ele merece[37].

Com tantos fatores pesando contra o futebol atual, o jogador brasileiro acabou caindo um pouco em descrédito e, talvez por isso, seja tão grande o número de pessoas dizendo que já não existem mais craques como antigamente. Campeão mundial pelo Flamengo em 1981, Adílio, acha que o conceito craque continua sendo o mesmo e não vê interferências da mídia. Para ele esta história de época de *vacas magras*, um período com poucos jogadores de qualidade, não existe.

Fora totalmente das polêmicas aqui levantadas, o ex-lateral Júnior ainda põe um outro fato curioso para esta história:

> Nos anos 70 e 80 existia um número muito maior de jogadores. Existiam campos de várzea, no meio da rua, em vários lugares. Hoje os garotos começam a aprender futebol em uma escolinha. Ás vezes são treinados por alguém que não possui qualidades, não estão preparados. Antigamente os pais não deixavam as crianças entrarem neste ambiente futebolístico enquanto que hoje é o contrário: existem pais profissionais. Já desde a idade mínima incentivam seus filhos a se tornarem profissionais de futebol porque sabem que é um trabalho de muita rentabilidade. O problema é que esquecem que são somente cinco por cento daqueles que entram nesta vida que conseguem se sustentar depois

> de se aposentarem. Iludem a si mesmos e aos filhos! Naturalmente todos se tornaram craques a partir do momento que existe uma escassez do grande atleta, daqueles que fazem a diferença. Em 70 e 80 haviam pessoas que, dentro de campo, eram responsáveis, em grande parte, pelo rendimento de um time[38].

Em geral, aqueles que defendem a manutenção do antigo conceito craque, dizem que o jeito de se jogar é que mudou mas não a idéia do grande jogador em si. É um pensamento que se aproxima muito da questão, já discutida, sobre a possibilidade dos atletas de hoje jogarem bem antigamente e vice-versa. Apesar de achar que a idéia do craque não alterou , o locutor de rádio José Carlos Araújo foge da briga e prefere usar um outro termo: *talentos*. Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, não é um craque e sim um *talento*.

Uma concepção que pode esconder a idéia de que o nível do futebol brasileiro caiu muito para não termos ninguém a quem chamarmos de craque...

5. CONCLUSÃO

O futebol mudou radicalmente desde seu surgimento. Dentro de campo, notamos alterações táticas gradativas que transformaram o pioneiro 1-1-8 nos atuais 4-4-2, 4-3-3 ou 3-5-2. Poucas equipes fogem destes esquemas e arriscam novas opções. A seleção brasileira, por exemplo, já foi campeã da Copa do Mundo jogando com um 4-2-4 duas vezes (1958 e 1962), com um 4-3-3 (1970), 4-4-2 (1994) e um 3-5-2 (2002). É lógico que mudanças de ordem tática ocorriam durante os jogos. No primeiro bicampeonato a equipe variava para o 4-3-3 e em 2002 algumas vezes podíamos observar o 4-4-2 ou, até mesmo, um 4-3-3.

Para se fazer tantas alternâncias dentro de uma mesma partida, é necessário que os atletas possuam um bom preparo físico. Desta forma, por exemplo, um lateral pode ajudar a

defesa de sua equipe e sempre estar subindo para apoiar o ataque, chegando à linha de fundo. Com mais fôlego, um atacante pode se movimentar para abrir espaços, correr para receber lançamentos e ainda ajudar na marcação. Essa melhoria na condição física do jogador de futebol propiciou grandes mudanças no jogo dentro dos gramados.

Com uma explosão muscular bem maior, o jogador que possuir uma qualidade técnica mais limitada pode compensar suas deficiências com um físico privilegiado. Desta forma ele dará menos tempo ao craque para pensar, pois vai chegar mais rápido à bola, terá uma facilidade maior para o desarme graças a sua força e ainda poderá seguir seu adversário por todo o campo evitando que a pelota sequer chegue aos pés dos que possuem maior habilidade. O biotipo do jogador então, passou a ser tratado com uma importância maior. Um exemplo é a nossa seleção campeã em 2002. Dos 11 titulares, somente Roberto Carlos, Cafu e Kleberson não possuíam mais de um metro e 80 centímetros de altura. Mesmo assim, todos os três conseguiam compensar com velocidade e força esta *falha*, principalmente os laterais, ou alas.

É lógico que nossos jogadores de maior habilidade também lucraram com este trabalho implantado pelos preparadores físicos. Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno e Kaká são exemplos de jogadores hábeis, mas reconhecidos por seus biotipos privilegiados. Por isto eles correm mais, pulam mais

alto e chutam mais forte. Até mesmo uma facilidade maior para o drible pode ser notada pois o corpo, tão bem preparado, agora consegue seguir mais rápido o raciocínio do atleta. A execução normalmente sai como planejada.

Fora de campo a desorganização por parte de dirigentes e clubes sempre foi notória. Atualmente eles são mais conhecidos, porque a mídia tem acompanhado e divulgado, com mais freqüência, os erros cometidos pelos cartolas. Se eles desviam verba de seus times, se compram jogadores medíocres a preços altos ou vendem seus atletas mais valorizados por quantias pequenas, a imprensa costuma registrar tudo. Neste caso então não existe nenhuma grande novidade. A diferença é que os valores envolvidos são bem maiores que os de antigamente. Por este motivo a atenção sobre os dirigentes é redobrada.

Dois personagens novos são importantes para a mudança do futebol fora de campo: o assessor de imprensa e o empresário. O primeiro começou a trabalhar melhor a relação entre jogadores e mídia. Seu empenho fazia com que os atletas aparecessem com maior freqüências para os repórteres e, consequentemente, para o público. Os jogadores ficavam mais famosos, seus passes eram valorizados e passaram a ter uma boa imagem para a torcida. O intuito do assessor é o de promover o *craque* assim como um profissional do marketing

faz com produtos materiais como carros, pizzas, computadores, ou políticos.

Com o atleta valorizado, o empresário se torna mais presente. Ele surge para realizar negócios de transferência, que irão levar um jogador para um clube maior, de preferência na Europa onde os salários são melhores, assim como o nível de vida. Nestas transações, os empresários sempre levam uma parte do dinheiro e, desta forma, enriquece e chega a ser o dono dos direitos federativos de vários jogadores. Por este motivo, muitas vezes, ele procura um número cada vez maior de atletas com os quais possa trabalhar. Sabendo que o mercado exterior prefere garotos jovens, que estejam próximos de se profissionalizar, eles *vendem* o passe destes jogadores antes que se tornem famosos ou sejam aproveitados, pelos clubes nos quais começaram a ser preparados para o futebol. Assim o Brasil perde a oportunidade de manter seus reais craques nos clubes do país e os torcedores passam a somente vê-los nos amistosos que a seleção brasileira faz no próprio território. Sem craques verdadeiros para exibir, a mídia inventa alguns ou valoriza outros que não sejam tão bons ao ponto de serem considerados craques.

A principal mudança que aconteceu fora de campo, mas que influencia muito dentro dos gramados, é a participação da mídia. Se Charles Miller no passado cobrava maior inte-

resse dos jornais pelo esporte, hoje ele não teria do que reclamar. Sabendo que o futebol é uma paixão nacional e mundial (é um dos esporte mais praticados em todo o mundo), os meios de comunicação passaram a investir maciçamente nesta modalidade esportiva buscando aumentar seus lucros.

Desde o início, a idéia da mídia sempre foi a de tratar o futebol como um produto, um negócio, e vendê-lo para o maior número possível de pessoas. O esporte, então, passou a ser visto como um espetáculo. Existia o palco (campo), a platéia (torcida), os coadjuvantes (jogadores médios, dirigentes e comissões técnicas) e as estrelas do show: os craques.

Esse interesse da mídia se tornou maior no final da década de 70. Naquela época o futebol ainda dava mais espaços aos craques, eles podiam executar suas jogadas e brilhavam nos campos. Com as mudanças que passaram a acontecer no jogo em si, a disputa aumentou, as partidas ficaram mais presas, mais disputadas, aguerridas e as estrelas do espetáculo perderam um pouco seu brilho. Com isso o interesse do público pelo espetáculo estava diminuindo.

O futebol brasileiro passava por um período difícil dentro e fora dos campos. Querendo despertar o público e manifestar neste a revolta pelo descaso com que era tratado o *esporte das paixões*, a mídia tratou a denunciar as irregularidades que haviam. Tentou desmascarar os dirigentes

dos clubes que desviam o dinheiro das entidades para contas particulares, atacou as torcidas organizadas e os esquemas táticos dos treinadores. Esses fatos realmente despertaram o interesse da massa. As CPIs do futebol criadas pelo Congresso Nacional foram destaques de todos os principais jornais brasileiros. Não só os esportivos, mas também os que abordavam assuntos gerais como o Jornal Nacional. Mas todas estas histórias tem vida curta e um atrativo maior era necessário para que o show continuasse: o craque.

A mídia precisou de super-valorizar alguns atletas medianos e até mesmo criou craques que não existiam. Futebol dos primeiros tempos havia se transformado, assim como seus grandes jogadores. Com esta atitude das empresas de comunicação, muitos atacantes, zagueiros e laterais, se tornaram estrelas nacionais sem realmente merecerem tamanho prestígio. Tanto é verdade que muitos desses, graças ao apoio popular, chegaram à seleção brasileira sem mostrarem qualidades suficientes. Nos últimos anos o selecionado *canarinho* passou por maus momentos e correu risco de não chegar à Copa do Mundo de 2002.

Existem jogadores atualmente que são chamados de craques mas que não merecem este título. Ser chamado de craque é estar no ponto mais alto da qualidade técnica possível. Hoje, poucos podem ser colocados nesta categoria, capazes de desequilibrar uma partida sozinhos. Craque, hoje, é

aquele que pode ser comparado a Rivellino, Zico, Cruyff, Zizinho, Platini e Puskas. Para muitos, Pelé, Garrincha e Maradona são semideuses que podem surgir uma vez a cada três décadas, pelo menos. São mais que craques.

Esta é a questão que todos se perguntam diariamente: por acaso este atletas jogariam tão bem hoje? Sim, jogariam. O futebol mudou muito, isso é certo. Hoje, muitas vezes, os técnicos possuem mais prestígio nas equipes do que os jogadores e dão as ordens. Mas a verdade é que mesmo tendo que se adaptar ao tipo de jogo atual, os craques de antigamente poderiam jogar hoje tranqüilamente. Gérson, por exemplo, poderia ser um segundo volante. Não se preocupando tanto com a marcação e jogando em uma faixa do campo em que os jogadores de meio ainda não recebem tanta pressão do adversário, ele poderia executar seus lançamentos tão bem quanto fazia antigamente. Jogadores rápidos como Euller, Ronaldo Fenômeno e Juninho Paulista adorariam tê-lo ao seu lado.

Rivellino ficou famoso por seus dribles conhecidos por *elástico*. Com exceção de Romário, nenhum outro jogador sabe aplicar esta manobra hoje e por este motivo sua fama de driblador ainda seria reconhecida hoje. Além disso, com preparação física inferior a atual ele já possuía um chute forte. Hoje então...

Carlos Alberto Torres e Nílton Santos possuíam duas vezes mais recursos disponíveis com a bola do que Cafu. Sabiam cruzar, passar e chutar a bola com maestria. Se a habilidade com o drible não era comparável a dos grandes dribladores de seus tempos, com certeza o mesmo não acontece com o capitão do penta.

Djalma Santos era um zagueiro *elegante* que possuía habilidade e não se utilizava dos *carrinhos*. Era um atleta que tinha um tempo de bola muito bom, ou seja, sabia quando saltar para cabecear a bola, onde uma lançamento iria terminar e o momento de tentar o desarme. Hoje atuaria de forma bem parecida com a do defensor francês Lilian Thuram, um dos melhores da atualidade.

Sim! Quem foi craque no passado ainda o seria hoje e faria mais do que dois ou três lances geniais em uma única partida. Ninguém nunca ponderou se Elvis Presley ainda seria o *Rei* do Rock'n Roll nos dias atuais. Então porque ainda existem dúvidas se o *Rei* do futebol ainda o seria atualmente?

Deve ser afirmado aqui que não vivemos em um período sem craques. Eles ainda existem e mostram sua maestria. Alguns jogadores ainda tem muito o que mostrar até ganharem o título máximo de reconhecimento por seus desempenhos mas estão no caminho certo. Gilberto Silva, por exemplo, surgiu para o mundo na Copa de 2002. É um volante que marca bem,

preenche os requisitos pedidos hoje pelo esporte, sabe sair jogando e possui bom chute a média e curta distância.

Kaká, tão aclamado pelos críticos atualmente, não é craque... ainda. Se continuar a evoluir no ritmo em que está, e conseguir os títulos que um jogador precisa para se consagrar, ele irá se tornar um craque. É um atleta que possui ótima técnica e, para o bem do espetáculo, sempre busca o jogo na *vertical*, partindo para o gol adversário. Ao contrário de muitos, não procura tocar a bola para o lado ou para trás. É um meia ofensivo que tenta os lances e participa muito da criação das jogadas de sua equipe.

É lógico que a opinião sobre quem é craque ou não é discutida atualmente todos os dias, seja em um jornal, nos clubes, nos estádios, nos bares ou colégios do mundo. Não é intuito deste projeto afirmar quem é ou pode vir a ser um craque já que a margem de concordância não é comum entre as torcidas. No entanto dois jogadores são unanimidades mesmo antes do resultado da Copa do Mundo de 2002 e assim o continuaram após seu término: o brasileiro Ronaldo Fenômeno e o francês Zidane.

Os dois são ícones do futebol mundial. Nos últimos anos não existiu uma única vez em que pelo menos um dos dois não esteve entre os três melhores jogadores do planeta de acordo com o ranking anual da FIFA. Seus passes são super-valo-

rizados e os clubes em que jogam sempre estão entre os favoritos para as competições que disputam.

Ambos se destacam pela grande habilidade no trato com a bola: driblam, chutam com as duas pernas, criam jogadas para os companheiros, antevêem os lances antes deles acontecerem e são muito inteligentes. Tais qualidades sempre provocam o medo e o respeito no adversário e a atenção especial dos outros treinadores. Na final da Liga dos Campeões da temporada 2001-2002, Zidane fez a diferença. A partida estava empatada entre sua equipe, Real Madri, e o Lerverkusen em um a um. O francês estava sendo marcado de perto sempre por dois adversários e, mesmo assim, criava boas jogadas. No único momento em que teve um pouco mais de espaço, deu um *voleio* na bola e garantiu o título ao clube merengue. Ronaldo foi artilheiro da Copa Coréia-Japão e fez dois gols na final mesmo cercado pela melhor defesa da competição: a da Alemanha.

Sim! Eles também jogariam antigamente tão bem quanto jogam hoje. Atletas como esses não duram dois dias, três semanas, cinco meses ou um ano. Craques ficam para a história! Se um foi melhor que o outro é normal discutir, cada pessoa tem suas preferências. Mas o fato comum é que todos estiveram, estão e continuarão sempre acima da média.

A mídia há anos corrompe o termo craque e, muitas vezes, o atribui àqueles que não o merecem. Esta história de

que cada clube tem seu craque é fato comum, mas é uma grande mentira. O Flamengo tem algum craque? Botafogo? Santos? Cruzeiro? A verdade é que a resposta é negativa. Se a situação financeira não permite que os clubes brasileiros mantenham seus craques no Brasil, não é motivo para as empresas de comunicação distorcerem os fatos como eles realmente o são. Fazendo isto estão denegrindo e diminuindo o respeito que os verdadeiros craques demoraram a construir ao longo de vários anos jogando futebol.

Assim como toda empresa com fins lucrativos, as de comunicação buscam sempre ter um retorno financeiro respeitável nos empreendimentos que investem. É um fator normal e compreensível dentro da lógica capitalista. Ela vislumbra os lucros através da publicidade de empresas interessadas em colocar sua marca junto ao futebol, pela venda dos jornais nas bancas (no caso do impresso) e por este motivo costuma colocar fotos do esporte nas primeiras páginas. Para a TV brasileira, o grande filão, hoje, é o sistema *pay-per-view*, onde se vende a transmissão das partidas.

Não pretendeu-se com este trabalho encerrar um assunto que envolve uma das maiores paixões do povo brasileiro: o futebol. O projeto teve como intuito abrir as portas para uma discussão a nível acadêmico, já que a bibliografia destinada à questão é limitada, praticamente inexistente. É uma pesquisa que utilizou os conhecimentos adquiridos na

formação jornalística e, através de entrevistas, procurou ouvir todos os lados da história.

Apesar de tudo, a análise sobre a mudança do conceito craque ainda é muito abrangente e pode possuir outros elementos. Destacamos a influência da mídia neste assunto mas outros fatores podem ter um peso significativo nesta história.

O futebol mudou, mas os craques ainda existem. Não executam o mesmo papel de antigamente, mas ainda são soberanos dentro das quatro linhas. O espetáculo ainda vai continuar vivo por muito tempo já que o show não pode parar! Nem que a mídia para isso, tenha que continuar a inventar craques para a promoção desta grande festa que é o futebol!

6. BIBLIOGRAFIA

1) AGNER. Pra frente Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

2) ARBEX, Júnior José. Showrnalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa amarela, 2001.

3) CALAZANS, Fernando. O nosso futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

4) CARUSO, Paulo Henrique & SEABRA, Guto. Atuações do Fluminense. **Lance!**, São Paulo, 18 ago. 2002, Fluminense 3x1 Cruzeiro, p.6.

5) CASTRO, Kleber de. Futebol brasileiro: o gigante a despertar. Rio de Janeiro: REVAN, 1994.

6) CHALUPPE, Michele. Bonito, Kaká!. **Lance! A+**, São Paulo, 3 a 9 mar. 2002. Entrevista, p. 20.

7) DIAS, José. Futebol de craques... e dos cartolas pernas-de-pau. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2000.

8) DUARTE, Fernando. Crise financeira bate à porta do futebol europeu. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 2002. Esportes, p. 48.

9) Garrincha: a alegria do povo. Disponível em <http://usr.solar.com.br/~juliocba>. Acesso em 20 ago. 2002.

10) HAMILTON, Ardam. Um jogo inteiramente diferente! Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico. São Paulo, Griphus, 2001.

11) HEIZER, Teixeira. O jogo bruto das Copas do Mundo. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

12) KAJURU, Jorge. Fim do mistério. **Lance A+**, São Paulo, 13 a 19 jan. 2002. Revelações, p. 14-17.

13) Lance! O diário dos esportes. Enciclopédia do futebol brasileiro 1. São Paulo: Plural, 2001.

14) Lance! O diário dos esportes. Enciclopédia do futebol brasileiro 2. São Paulo: Plural, 2001.

15) Lance! O diário dos esportes. Todas as Copas. 1998.

16) MARANHÃO, Carlos. Craques sem fronteira. **Veja!**, São Paulo, ano 35, n. 23, p. 98-99, 12 jun. 2002.

17) MARANHÃO, Carlos. Sim, eu falo futebol. **Veja!**, São Paulo, ano 35, n. 22, p. 114-118, 5 jun. 2002.

18) SOUZA, Cláudio César de & AQUINO, Michel Guedes de. O balé da bola. Juiz de Fora: FACOM; UFJF, 1997. Projeto experimental.

19) NASSAR, Paulo. Rivaldo é grosso? **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 3 mai. 2000.

20) NETO, José Moraes dos Santos. Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

21) PENIDO, Marcos. Romário festeja o novo trio de ataque: ele, Magno Alves e Roni. O Globo, Rio de Janeiro, 18 ago. 2002. Esportes, p. 47.

22) SALDANHA, João. O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

23) UNZELTE, Celso. O livro de ouro do futebol. São Paulo: Ediouro, 2002.

24) É Penta!. **Veja!**, São Paulo, ano 35, n. 26, jul. 2002.

25) ANEXOS

25.1) ENTREVISTA com Adílio

25.2) ENTREVISTA com Andrade

25.3) ENTREVISTA com Claudio Carsughi

25.4) ENTREVISTA com Eraldo Leite

25.5) ENTREVISTA com Fernando Calazans

25.6) ENTREVISTA com José Carlos Araújo

25.7) ENTREVISTA com José Trajano

25.8) ENTREVISTA com Júnior

25.9) ENTREVISTA com Kaká

25.10) ENTREVISTA com Luís Mendes

25.11) ENTREVISTA com Paulo Vasconcelos

25.12) ENTREVISTA com Raul Quadros

25.13) ENTREVISTA com Sérgio Xavier

25.14) ENTREVISTA com Zico

7. NOTAS

[1]HAMILTON, A. 2001: p. 5

[2]HAMILTON, A. 2001: p. 24

[3]NETO, J. 2002: p. 30

[4]HAMILTON, A. 2001: p. 37

[5]Dicionário do futebol brasileiro 2. 2001: p. 514

[6]HEIZER, T. 1997: p. 94

[7]Todas as Copas. 1998: p.39

[8]Garrincha: a alegria do povo

[9]UNZELTE, C. 2002: p. 607

[10]HEIZER, H. 1997: p. 158

[11]ANEXO 25.10

[12]SALADANHA, J. 2002: p. 154

[13]SOUZA, C., AQUINO, M. 1996: p. 36

[14]CALAZANS, F. 1998: p. 15-16

[15]HEIZER, T. 1997: p. 285

[16]ANEXO 25.10

[17]ANEXO 25.14

[18]CARUSO, P., SEABRA, G. 2002: p. 6

[19]PENIDO, M. 2002: p. 47.

[20]ANEXO 25.12

[21]ANEXO 25.7

[22]ANEXO 25.5

[23]ANEXO 25.11

[24]ANEXO 25.4

[25]ANEXO 25.13

[26]ANEXO 25.13

[27]ANEXO 25.2

[28]CHALUPPE, m. 2002: p. 22.

[29]ARBEX, j. 2001: p. 134.

[30]NASSAR, P. 2000

[31]ANEXO 25.2

[32]HEIZER, T. 1997: p. 217

[33]ANEXO 25.5

[34]ANEXO 25.10

[35]ANEXO 25.4

[36]ANEXO 25.3

[37]ANEXO 25.8

[38]ANEXO 25.8

ANEXO 25.1 - ENTREVISTA COM ADÍLIO (23/07/2002):

PERGUNTA: *Você é jogador profissional desde quando?*
ADÍLIO: 1978

P: *Deste período até hoje, o quê mudou no futebol?*
A: Não mudou muita coisa não. Acho que o futebol continua quase o mesmo. Só que agora se dá mais ênfase a qualidade do jogador. Hoje se trabalha até nas divisões de base, como a mirim e júnior, com o intuito de saber se o jogador vai chegar a ser profissional ou não.

P: *E dentro de campo? Mudou alguma coisa?*
A: Houve uma evolução muito grande na parte física. A parte técnica caiu só um pouquinho, mas hoje procura-se resgatar o trabalho dos fundamentos do futebol para preparar melhor o jogador. Em meados de 1999 começaram a chegar atletas que não passaram pelas divisões de baixo por causa de empresários tentando vendê-los o mais rápido possível. Hoje então você vê que está voltando a se priorizar o trabalho de base com os garotos. Exemplos disso são Kaká e Ronaldinho Gaúcho que já chegaram completos aos profissionais .

P: *Fora de campo como você vê os dirigentes brasileiros?*

A: É isso aí que tem que mudar um pouco. Torço para que eles mudem seu comportamento fazendo do clube uma grande família contando com o apoio dos próprios diretores, dos jogadores e funcionários.

P: *O que você acha do papel da imprensa esportiva brasileira com relação ao futebol?*
A: Acho que ela ajuda porque divulga. Hoje em dia a imprensa está até mais aberta. Não deixa as coisas acontecer, ela passa o que está ocorrendo de verdade.

P: *Você começou sua carreira em uma posição que não existe mais hoje em dia que é a de ponta-de-lança. Outra característica sua, ressaltada pelo Zico, era a capacidade de fazer um drible em um espaço muito curto e sair com a bola dominada em seguida. Essas coisas que sumiram hoje em dia?*
A: Comecei sim, como ponta sonhando em jogar como um Garrincha, dando dribles desconcertantes. Mas atuei sempre no meio de campo aproveitando algumas coisas que aprendi jogando futsal. O futebol de salão me ensinou muito sobre o drible. Trabalha-se muito este fundamento lá. Hoje o jogador que possui esta qualidade tem que ir para cima, sim. Então eu digo: nas categorias de baixo é que você começa a trabalhar o garoto, tem que incentivá-lo a driblar porque é a qualidade natural que o brasileiro tem que o diferencia do jogador europeu.

P: *Essa é a filosofia do Centro de Futebol Zico (CFZ) que vocês colocam para os mais novos? Procurar fazer lances individuais?*
A: Com certeza. Até porque para você desequilibrar em uma partida precisa ter dois ou três jogadores de habilidade. Então nós damos esta liberdade para eles aproveitarem esta arma que é a sua própria do brasileiro.

P: *Essa filosofia é uma regra geral no Brasil? Normalmente as divisões de base são trabalhadas desta forma?*
A: Acho que a filosofia do futebol é essa que falei. Então os treinadores precisam deixar os garotos tentarem estes lances porque é o que o brasileiro sabe fazer melhor: o drible. Nos clubes brasileiros acho que essa idéia também é compartilhada. Muitas vezes jogamos contra as equipes de base de clubes grandes como Flamengo, Vasco, São Paulo e Cruzeiro e notamos que possuem atletas habilidosos que são incentivados a tentarem lances individuais.

P: *Como treinador no CFZ, qual esquema tático você utiliza nos seus times?*
A: 4-3-1-2. É um bom esquema para o futebol brasileiro.

P: *E é fácil encontrar jogadores para todas as posições de um time?*
A: Sim porque o CFZ tem uma estrutura muito boa. É um clube-empresa que diariamente é procurado pelos times maiores como Flamengo, Vasco, Olaria, Madureira, Bom Sucesso para dar uma *lapidada* em alguns de seus atletas. Trabalhar alguns ponto de sua formação. Muitos que trabalham aqui como treinadores são ex-jogadores do rubro-negro carioca e que tiveram um bom aprendizado lá. Eles procuram passar o que viram para os mais novos.

P: *Você jogou no Equador e no Peru. Alguma diferença para o futebol brasileiro?*
A: Muita diferença. Os jogadores de lá também possuem habilidade, típica do futebol sul-americano mas seu profissionalismo é mais abandonado.

P: *Você acha que o conceito craque mudou nestas últimas décadas em que você acompanhou o futebol mais de perto?*
A: Acho que não. Existem jogadores que destoam do resto, que podem ser chamados de craque. Além do trabalho feito no clube, eles possuem algo próprio que os diferenciam dos demais. É o diferencial. Para cada clube existem sempre dois ou três craques.

P: *O que é necessário para o jogador ser chamado de craque?*
A: Precisar treinar bastante porque ás vezes o jogador possui qualidade mas tem que treinar outros aspectos. Todo jogador tem também um vício (mania de jogar de uma determinada forma) como driblar muito, não tocar a bola, não conseguir fazer um lançamento longo e aí ele precisa da ajuda de um treinador, que ele encontrará em um clube.

P: *Quem você acha que é craque?*
A: Ronaldinho Gaúcho é um jogador habilidoso, o Ronaldo *Fenômeno* é um que joga muito bem, que define todas as partidas e temos o Denílson: a arte de jogar futebol. Nascendo agora temos o Kleberson que conhece muito bem a sua posição.
P: *Mas estes jogadores teriam condições de jogar na época em que você se profissionalizou?*
A: Tem condição. Quando você joga em um determinado clube você tem que se adaptar a filosofia do seu novo grupo e estes jogadores jogam em qualquer clube do mundo.

P: *E o contrário aconteceria? Os jogadores daquela época jogariam hoje?*
A: Com certeza. E se alguém vier discutir isso comigo vou continuar afirmando que sim. Rivelino, Paulo César Caju,

Carlos Alberto Pintinho, Zico, Geraldo, Falcão jogariam em qualquer equipe do Brasil independente da década que fosse e mostrariam o mesmo futebol que mostraram no passado.

P: *Qual era a marca do time do Flamengo que foi campeão mundial da Copa Toyota em 1981?*
A: O conjunto. Cada um com sua sabedoria, com sua qualidade. O Leandro, por exemplo, tinha o seu futebol, eu também na minha posição, o Zico nem se fala. O Andrade fazendo a marcação no meio com o conhecimento nato de roubar a bola sem dar um carrinho. Tínhamos o Mozer mais atrás, o Raul no gol e Nunes era nosso finalizador sem falar no Tita que tinha sua habilidade assim como o Lico.

ANEXO 25.2 - ENTREVISTA COM ANDRADE (23/07/2002):

PERGUNTA: *Em que ano você se tornou jogador profissional?*
ANDRADE: Em 1974 eu cheguei ao Flamengo, vindo de Juiz de Fora. Joguei quatro anos nas categorias de base do clube, estive dois na Venezuela (1977-78) jogando como profissional e depois retornei em 1979 para o Flamengo onde fiquei até 1988. Depois fui para a Itália jogar na equipe da Roma.

P: *Depois de 1977, quando se tornou profissional, até hoje, com você já aposentado e sendo técnico, quais foram as principais mudanças do futebol?*
A: Começaram a priorizar mais a parte física. O futebol se tornou mais competitivo e com isso mais feio. Na década de 80 o jogo era mais técnico, refinado. Só que o Brasil começou a achar que deveria copiar, um pouco, o futebol europeu, deixando as equipes técnicas mas também competitivas. As partidas ficaram mais *pegadas*, com maior número de faltas, e se tornaram mais feias. Essa mudança foi necessária porque o brasileiro nunca se preocupou com a parte tática. Hoje em dia os times são mais *aguerridos*, mas possuem sempre dois ou três jogadores com qualidade técnica. Um exemplo foi a nossa seleção na última Copa do Mundo (2002): uma equipe bem montada taticamente mas com poucos atletas de qualidade como Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho.

P: *Outros fatores fora de campo também provocaram mudanças no futebol?*
A: Houve uma mudança porque hoje a maior parte dos nossos jogadores está no futebol europeu. Então tivemos que nos adaptar a alguns sistemas de lá. O jogador brasileiro não se preocupa muito com a parte tática, hoje em dia ele tem que aceitar isso.

P: *Você acha que ocorreu uma mudança também nas divisões de base dos clubes? A forma como o jogador é preparado desde a "peneira"?*
A: Com certeza a cobrança é bem maior em cima dos jogadores mais jovens. A pressão é maior em termos de resultados. Antigamente o garoto entrava em campo para se divertir. Agora alguns treinadores acabam exagerando com estes atletas limitando o futebol deles. Uns falam para não conduzir a bola, para tocar ela. O jogador brasileiro não é assim! O nosso atleta tem aquele estilo moleque, que gosta de dar dribles *desconcertantes*. Mas isso não se vê mais. Se vê pouco porque os treinadores já prendem o jogador desde as divisões de base.

P: *No seu caso específico, como você costuma agir com os atletas mais novos que treina? Aproveita alguma coisa do que aprendeu no Flamengo na sua época de divisões de base?*
A: Eu procuro adotar aquilo que eu realmente aprendi dentro do Flamengo. Tudo que sei acabou surgindo da preparação que o clube fez com os jogadores daquela época como o Adílio, o Júlio César e o Tita. Então como foi uma coisa boa para mim, eu procuro passar o mesmo para a garotada de hoje. Mostro para eles que no seu campo é melhor que se toque a bola, mas estando na intermediária adversária todos tem liberdade para criar. Eu não só peço isso a eles como também incentivo a fazer. Não se pode tirar tal coisa do garoto. No futuro, em um momento decisivo, em que o jogador tiver que chamar a responsabilidade para cima de si, não estará preparado.

P: *Mudando de assunto agora. Você é o maior recordista de títulos do Campeonato Brasileiro, conquistou cinco edições do torneio: quatro pelo Flamengo (1980, 82,83, 87) e uma pelo Vasco da Gama (1989). Como foi sua mudança da equipe na qual começou sua carreira, e ficou por tanto tempo, para o maior adversário do clube? A torcida reagiu bem?*
A: Eu sempre fui muito profissional naquilo que faço. Acho que por este motivo fui bem aceito pelas duas torcidas. Vesti a camisa do Flamengo durante anos e dei o meu melhor. No Vasco foi o mesmo! Quando saí da Roma gostaria de voltar

para o rubro-negro, mas a diretoria na época achou que eu estava com a idade muito avançada. Neste período o Júnior também estava voltando da Itália, então ficou decidido que ficaria ou eu ou ele. O Júnior então acertou seu contrato com o Flamengo e percebi que meu espaço dentro daquele time tinha se encerrado. Procurei um outro clube para jogar. Tenho família e preciso sustentá-la. Naquele ano (1989) recebi propostas do Fluminense e do Guarani, mas o Vasco estava montando uma grande equipe e eu queria estar em um time vencedor. Com os títulos, passei a ter o respeito e a admiração do torcedor vascaíno. A torcida flamenguista entendeu minha situação. Não podia encerrar minha carreira porque possuía grande afinidade com o rubro-negro. Apesar do meu coração ser Flamengo, no Vasco fiz grandes amigos e honrei a camisa no ano e meio que estive lá. Não tenho nada do que reclamar. Se tivesse que fazer tudo de novo, faria.

P: *Você se transferiu para a Roma da Itália em 1988 e permaneceu lá por um ano e meio. Essa ida de jogadores brasileiros para o futebol europeu começou a se tornar mais comum a partir da Copa de 1982, na Espanha, com a Itália campeã. Você pode dizer se os jogadores, aqui no Brasil, começaram a se apresentar dentro de campo visando com maior interesse os altos salários oferecidos na Europa?*
A: É verdade! O jogador tem um objetivo na sua vida. Hoje todo mundo quer jogar na Itália, que é um grande mercado, Espanha, Inglaterra, Alemanha e vestir a camisa da seleção brasileira. Isso também não deixava de ser meu objetivo que era o de possuir no currículo uma passagem pelo exterior. Na época fui para lá com 31 anos, idade considerada avançada, enquanto que hoje muitos estão partindo apenas com 17, 18 anos. Não sei se isso é bom. Por um lado somos uma vitrine para o futebol mundial mas perdemos em termos de seleção brasileira. Com certeza essas negociações se tornaram mais freqüentes a partir da década de 80 com a saída, por exemplo, de Zico, Toninho Cerezo, Sócrates, Júnior, eu, Tita, vários jogadores. Ali começaram a serem abertas as portas para essa quantidade enorme atletas que estão fora do país. Muitos mal começa sua vida profissional e já está partindo.

P: *Há algum tempo atrás o Barcelona da Espanha pagou U$ 100 mil por um garoto de apenas 12 anos que já mostrava ter potencial para o futebol. Qual seria a idade ideal para alguém se transferir para o futebol europeu?*
A: 12 anos realmente é muito novo. É um contrato de risco. Acredito que com 16, 17 anos seria a idade ideal porque nesta época o garoto já sabe o que quer. Quando você começa tem que passar por uma série de etapas. Alguns jogadores

não conseguem passar por todas estas etapas nas divisões de base dos clubes e estacionam, não evoluem mais. Então com 16, 17 anos o garoto já tem personalidade formada, conhece seu futebol, seu potencial e não sente mais problemas ligados a saudade com a família. Pode ir para o exterior.

P: *O que você mudaria hoje no futebol brasileiro?*
A: Dentro de campo teríamos pouco para mudar. O que é necessário que se altere, e muito, é a mentalidade do dirigente de futebol fora das quatro linhas. Mudar em termos de organização. Se o nosso futebol fosse tão organizado dentro de campo como é o europeu, nossa seleção não teria apenas cinco títulos mundiais, mas sim oito ou dez. Material humano nós temos. O que falta são pessoas fora dos gramados com atitudes mais formais, inteligentes.

P: *Qual lembrança você tem do time que foi Campeão Mundial da Copa Toyota em 1981 pelo Flamengo?*
A: As melhores possíveis. O nosso time na época chegou quase a perfeição porque ser perfeito é impossível. Era um time imbatível mas acima de tudo era humilde, simples. Nós tínhamos um objetivo e não nos contentávamos em ganhar apenas um título. Queríamos sempre outro logo de imediato. Mas o que sobressaía mesmo era o fato de ser uma equipe cheia de estrelas mas que não possuía vaidade. Cada um procurava seu espaço sabendo que as conquistas seriam boas para todos. Tanto que depois muitos foram negociados para o exterior. Fruto de um reconhecimento pelo trabalho feito.

P: *Hoje em dia os valores ligados ao futebol são muito altos. Zinedine Zidane, por exemplo, atleta da seleção francesa, foi comprado pelo Real Madri da Espanha junto à Juventus de Turim na Itália por U$ 66 milhões. Recoba, jogador uruguaio da Internazionale de Milão, ganha, anualmente, U$ 7,5 milhões como salário. Devido a estas cifras, o jogador hoje entra em campo muitas vezes pensando no dinheiro que pode receber. Isso atrapalha o rendimento do atleta dentro de campo?*
A: Atrapalha alguns sim porque muitas vezes ele não está preparado para receber todo este dinheiro. Principalmente no futebol brasileiro. Os jogadores vem de famílias pobres e quando recebem muito ficam deslumbrados e se perdem no meio do caminho como acontece com muitos por aí: despontam para o mundo e depois desaparecem. Já o atleta europeu possui outra cabeça. Teve uma educação boa, é melhor assessorado. O futebol hoje também é visto de outra forma. Na minha época era uma profissão marginalizada. O jogador recebia muito dinheiro e gastava tudo rapidamente pensando que aquilo duraria para sempre. Alguns, mais conscientes, guar-

davam o que recebiam para ter um padrão de vida, enquanto que outros, após ficarem pobres, se afundavam em bebidas e drogas. Hoje em dia existem pessoas que auxiliam os jogadores lhes mostrando o que fazer com seus salários. É importante também ressaltar neste assunto, que o futebol brasileiro tem que perceber que não pode competir com os salários pagos na Europa. Lá fora eles fazem isso porque irão ter um retorno com o investimento nestes atletas.

P: *Você acha que o conceito "craque" mudou? O que era chamado de craque até o final da década de 70, quando estes negócios milionários começaram, continua sendo a mesma coisa hoje?*
A: Eu acho que não. Hoje em dia existe muito *marketing*. A imprensa hoje fabrica o craque. Não se pode comparar os atletas daquela época com os de hoje. Não se pode comparar ninguém com um Zico, Sócrates, Falcão, Cerezo, Careca. Hoje não existem craques como estes jogadores. Pela carência de bons jogadores, a imprensa fabrica alguns nomes criando *craques e fenômenos*. Talvez se estes jogassem na minha época seriam considerados atletas *normais*.

P: *O que era necessário na sua época para ser chamado de craque? Quando foi que começaram a lhe achar um jogador excepcional?*
A: Fui ter reconhecimento depois de várias conquistas, depois de vários títulos conquistados. Era necessário manter uma regularidade de vários jogos com notas superiores a oito. Atualmente o atleta não possui essa regularidade. Hoje ele faz uma boa partida e amanhã faz uma abaixo da média. Para ser craque você tem que sempre se apresentar bem e ter conquistas atrás de conquistas. Agora o cara faz dois bons jogos e é chamado de craque. Está errado! Isso acontece pela carência de bons jogadores hoje. Zico era um craque. Além de armar boas jogadas para os outros ele finalizava bem. Chutava com a direita, com a esquerda, cabeceava e era um matador. Esse é o craque que a gente conhece. O Ronaldo (*Fenômeno)* é um grande finalizador mas não sabe armar as jogadas para seus companheiros de time, colocá-los na cara do gol em um pequeno espaço para se criar. Então há esta diferença hoje entre o bom jogador e o craque.

P: *Quem hoje, então, você considera craque? E quem é produzido pela mídia?*
A: Prefiro não dar nomes.

P: *Mas na nossa seleção titular que foi campeã nesta última Copa do Mundo existiam craques ou muitos foram fabricados?*

A: Eu acho que foi tudo fabricado pela mídia. Acredito que o único que pode ser considerado craque na posição que ocupa é o Ronaldo (*Fenômeno)*. O resto foi fabricado pela mídia por esta falta de bons valores que eu já falei. Esta escassez leva a imprensa a fabricar estes ídolos. Hoje cada clube tem que ter um ídolo, então a imprensa fabrica. O mesmo você nota na seleção brasileira. Alguns jogadores não conseguiam manter uma regularidade. Fizeram boas partidas mas muitas abaixo da média. O Rivaldo, por exemplo, na partida final contra a Alemanha ele não jogou nada. No primeiro tempo mal pegou na bola. Fez dois lances bons mas não é suficiente para se dizer que esteja acima da média.

P: *E no resto do mundo? Quem pode ser chamado de craque?*
A: O Beckham é muita propaganda e pouco futebol. Mostrou na última Copa que é um jogador para a televisão. É um rostinho bonitinho que a TV precisa mas é um jogador comum, simples. É propaganda enganosa. Talvez o Zidane seja craque. É uma pena o mundo não Ter visto ele em sua melhor forma. Esse sim é um jogador extraordinário. Um jogador extraordinário, inteligente, que pensa e que pode fazer a diferença em um jogo. Outro que decepcionou no Mundial foi Figo (meio campo de Portugal) que não mostrou metade do que já apresentou no Barcelona e no Real Madri (equipes em jogou), mas é um jogador interessante também.

ANEXO 25.3 - ENTREVISTA COM CLAUDIO CARSUGHI (05/08/2002):

PERGUNTA: *O senhor é jornalista esportivo desde quando?*
CLAUDIO CRASUGHI: Comecei a trabalhar como jornalista de uma forma praticamente amadora em 1948 e depois profissionalmente em 1950.

P: *E está no Brasil desde quando?*
CC: Estou aqui desde esta época. Meu pai era amigo dos diretores de um jornal italiano, *Corriere dello Sport,* e quando viemos ao Brasil aproveitou para entrar em entendimento com eles sabendo que o país iria sediar a Copa do Mundo. Me perguntou se eu estava interessado em fazer paralelamente aos estudos uma cobertura jornalística da competição. Concordei, fiz a faculdade de Engenharia e comecei a trabalhar como repórter. Quando me formei atuei como engenheiro durante um ano mas cheguei a conclusão que era mais divertido ser jornalista e ganhar a mesma coisa.

P: *E quais foram as mudanças que o senhor acompanhou no futebol brasileiro desde esta época?*

CC: Bom, primeiro uma mudança de ordem tática, talvez a mais importante. Me recordo, por exemplo, que em 1950, na Copa do Mundo, Flávio Costa ficou surpreso porque nunca havia encontrado uma equipe jogando como a Suíça no sistema chamado *ferrolho* (apelidado assim pelos brasileiros) e um líbero. Isso depois se repetiu em 1951 com o Arsenal da Inglaterra quando fez uma excursão por nosso país. Tivemos a surpresa da Hungria, em 1954, com o centro-avante atrasado que aqui não se conhecia: Hidegkuti, Puskas e Kocsis mais à frente. Vimos também o carrossel da Holanda em 1974 mas depois, pouco a pouco com a globalização do futebol, não existiam mais novidades. O que se faz nos outros lugares também é conhecido aqui. Uma dessas táticas pode eventualmente não ser usada no Brasil porque os treinadores as vezes entendem que nossos jogadores são melhor utilizados de outra forma. Uma vez, por exemplo, conversei muito com Wanderley Luxemburgo sobre tipos de marcação: homem-a-homem ou por zona. Ele me disse que tentou fazer uma vez marcação homem-a-homem contra o Santos, com revezamento de marcação inclusive, e na única vez em um dos jogadores falhou Giovanni, que naquele tempo ainda jogava no time da Vila Belmiro, foi lá e fez o gol. O Palmeiras perdeu por 1 a 0 e o técnico ainda me confidenciou: "Para o jogador brasileiro este tipo de marcação não funciona".

P: *E fora de campo o que mudou?*
CC: Fora de campo é claro que o futebol deixou de ser um esporte e passou a ser um negócio. Costumo brincar que esporte seria aquilo que 10000, 20000 ou 30000 pessoas praticassem e 22 ficassem na arquibancada assistindo. Quando se invertem os fatores é claro que vira um grande espetáculo. O que mudou, a reboque desta passagem de esporte para espetáculo, foi a idéia dos cartolas, muitos hoje ainda ferrados a uma idéia de amadorismo que é absolutamente fora do contexto, geralmente são todos homens muito bem sucedidos em suas atividades particulares. E é claro que se eles dirigissem seus negócios, suas firmas com o mesmo critério utilizado no futebol essas empresas teriam decretado falência a muito tempo.

P: *O senhor está falando sobre o lado financeiro do futebol e me recordei de uma notícia divulgada hoje que o presidente da Internazionale de Milão, Massimo Moratti, não venderia o atacante de seu time, Ronaldo Fenômeno, por menos de U$ 100 milhões diante do interesse do Real Madri da Espanha. Esses valores tão vultuosos não mudaram também a cara do futebol?*
CC: Sim. Primeiro uma ressalva com relação a esses valores deve ser feita. É claro que são números que impressionam,

servem para fazer manchetes, dão uma imagem de riqueza para o futebol mas que me lembra a história de uma garoto que queria vender seu cachorro por U$ 10 milhões de dólares. Todos o achavam doido até que um dia ele retorno falando que havia passado o bicho para frente. Perguntaram-no como havia feito o negócio e ele respondeu: "troquei por dois gatos no valor de U$ 5 milhões cada um". Então, mais ou menos feitas as devidas proporções, se verifica que raramente um jogador é comprado em *cash* por uma quantia tão elevada. Se o pagamento é em dinheiro, ele acaba sendo dividido em dois, três anos. Senão entra outro jogador no negócio, por exemplo: se quero um atleta seu que vale 100, eu pego um meu que custa 30, outro de 40 e te pago mais 30 em dinheiro. Então a coisa é um pouco revista.

P: *Mas a cabeça do jogador muda diante de tanto dinheiro?*
CC: É uma questão que varia de pessoa para pessoa que ocorre tanto no futebol quanto em outros esportes e até na atividade do dia-a-dia. Você vê, ás vezes, no cinema aparece um ator muito promissor e que depois acaba se perdendo porque ele convence a si mesmo que vale todos aqueles milhões de dólares que eventualmente lhe pagam. Com o jogador de futebol acontece um pouco isso porque ele cai em uma triste realidade, que muitas vezes o leva a uma depressão onde encontra apoio nas drogas como Maradona, por exemplo, quando ele chega perto do fim da carreira e vê que todas aquelas luzes da ribalta que existiam sobre sua pessoa não eram eternas. Eram coisas ligadas ao momento e não a ele pessoalmente.

P: *O perfil do jogador brasileiro mudou?*
CC: Mudou. Sinto isso nas entrevistas. O jogador brasileiro procura, embora ele seja proveniente de uma camada social menos favorecida, aprender e se expressar melhor. É claro que não tendo isso durante sua infância ele busca abrigo em 10 ou 20 frases feitas e não consegue dialogar de outra forma. Mas temos exemplos marcantes de jogadores de futebol que são pessoas absolutamente normais em relação à escolaridade, à forma de expressão e é até agradável de se entrevistar estes como o caso do Kaká do São Paulo, por exemplo.

P: *A seleção brasileira hoje serve mais como um trampolim para se conseguir dinheiro ou ainda existe aquele sentimento real de defender a pátria?*
CC: Nessa história de *pátria de chuteiras* eu não acredito. Nem no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo. Entendo que seja um prazer para o jogador atuar na seleção porque ela representa o ápice da carreira. É importante, também, porque ele sabe que se valoriza. Veja o caso, por exemplo,

do Gilberto Silva que foi vendido por uma boa quantia enquanto que o Ricardinho do Corinthians que é tão bom, talvez tecnicamente melhor do que ele, não consegue ser vendido nem pela terça parte pela qual o ex-volante do Atlético-MG foi negociado. Então todo mundo sente isso e entende que a chegada à seleção e um bom desempenho desta é amplamente favorável no ponto de vista econômico.

P: *O conceito craque mudou no decorrer das décadas?*
CC: Para mim não mudou tanto que uso com absoluta economia, com parcimônia, a palavra craque hoje em dia porque antes de chamar alguém assim eu faço a mim mesmo uma pergunta: esse jogador seria titular, por exemplo, no Santos de Pelé? E em 99% das vezes a conclusão a qual eu chego é *não*!

P: *Então quem seria craque entre os jogadores brasileiros hoje?*
CC: Olha, craque mesmo não vejo nenhum. Temos ótimos jogadores: Rivaldo, Ronaldo Fenômeno, Marcos, mas craque para mim é outra coisa. Craque para mim era Pelé, Coutinho, Di Steffano, Puskas, enfim outra coisa...

P: *E no resto do mundo o senhor vê alguém?*
CC: Você tira alguns... Zidane é muito bom jogador, quase craque mas acho que Platini era melhor do que ele. Na Itália não tem ninguém, na Alemanha menos que menos. Raul tem muitas qualidades mas não é craque. Na Argentina... olha, fico com os dedos de uma só mão para indicá-los.

P: *Então podemos dizer que a qualidade do futebol não só no Brasil mas no mundo inteiro caiu?*
CC: Houve um nivelamento: os que estavam embaixo subiram e os que estavam acima desceram. Hoje não tem um time de futebol tão ruim como existia 50 anos atrás. Naquela época Brasil e Argentina jogavam contra Bolívia, Venezuela e companhia e a única dúvida é se iriam fazer seis ou oito gols. Hoje as partidas são mais equilibradas e tem até alguns resultados surpreendentes. Por exemplo: era impossível se pensar que, há alguns anos atrás, o Brasil poderia perder para Honduras e no entanto foi o que aconteceu. Houve um nivelamento até dos jogadores. Atualmente quando se tem um time de bom preparo físico, mas que não saiba jogar futebol, essa equipe consegue por 60, 70 minutos dificultar as coisas para um adversário. É claro que nos 20, 15 minutos finais quem sabe jogar melhor se impõe mas não adianta ter um bom domínio de bola se você chega um décimo de segundo atrasado nela.

P: *Antigamente a formação dos jogadores vinha das ruas. O atleta surgia nos campos de várzea e nas peladas de rua. Hoje a moda são as famosas "escolinhas de futebol". Isso atrapalhou no surgimento de mais craques no Brasil?*
CC: Acho que sim. Havia antes uma seleção natural. No jogo de várzea ou nas peladas de rua o pior ia sempre para o gol ou para a ponta esquerda. No meio eram os caras mais habilidosos e isso provocava aquela seleção natural que hoje se torna mais difícil. Inclusive nós vemos hoje jogadores do campeonato brasileiro que tem alguma falha de fundamento. Alguns não sabem chutar com os dois pés e não digo que deva chutar igual com as duas pernas mas bater bem na bola com as duas.

P: *Se o nível do futebol está tão baixo porque vemos tantos jogadores serem chamados de craque igual hoje?*
CC: Porque não custa nada. Chamar de craque é simples, agradável, quando você faz uma entrevista o jogador lhe recebe melhor... da mesma forma como acontece com alguns abusos da língua. Não só no futebol mas também na Fórmula-1. Eu, por exemplo, nunca chamei Schumacher de penta-campeão. Ele não é penta-campeão coisa nenhuma! Tem um bi-campeonato e um tri-campeonato porque é uma seqüência de dois títulos e outra de três. O problema é que desde 1970, à arrepio da língua portuguesa, Camões deve se revirar no túmulo, de tri-campeão, depois quatro e agora penta. Licenças poéticas diríamos.
P: *Então a mídia teria uma parte da culpa na criação destes craques?*
CC: Não resta dúvida. Tenho uma neta de 13 anos que vai para a escola, está no Ginásio, e costumo brincar que ela tem o *basic portuguese*: um vocabulário de 200 a 300 palavras como *oi*, *tudo bem* e acaba aí! Quando cheguei ao Brasil aprendi português e tive a oportunidade de ter um professor excepcional que foi o falecido Jânio Quadros. Acho a língua portuguesa maravilhosa, rica e que oferece um sem número de nuances que no inglês não tem. É uma pena que as pessoas não usem isso e os meios de comunicação não são uma exceção. Eu jamais imaginária há 40 anos atrás encontrar um erro de concordância no jornal Estado de São Paulo, por exemplo. Muitas vezes o título está no singular e o verbo no plural. À miúda se vê isso. Paciência! Fazer o que? Seria o progresso, não sei como rotulá-lo.

ANEXO 25.4 - ENTREVISTA COM ERALDO LEITE (25/07/2002):

PERGUNTA: *Há quanto tempo o senhor é jornalista esportivo?*
ERALDO LEITE: Na era profissional há 25 anos mais cinco anos antes de forma amadora, adolescente, totalizando 30.

P: *E quantas Copas do Mundo o senhor acompanhou de perto?*
LM: Seis Copas. 1982 na Espanha, 1986 no México, 1990 na Itália, 1994 nos Estados Unidos, 1998 na França e agora 2002 no Japão e na Coréia.

P: *E neste tempo como jornalista quais foram as principais mudanças que viu no futebol brasileiro?*
LM: No final da década de 70, início de 80, ainda estava me firmando como jornalista e vi a explosão de venda dos jogadores para o exterior. Até então o futebol era muito concentrado nos craques aqui dentro do Brasil: o Vasco tinha Roberto Dinamite, Flamengo com Zico e o Corinthians em 70 da era Rivelino. Os craques estavam dentro de nosso país. No início da década de 80 começou essa evasão com Zico, depois Falcão... enfim a seleção de 1982. O mercado externo passou a requisitar nossos valores e se descobriu um novo *El Dorado* para se ganhar dinheiro. Naquela época não se ganhava tanto quanto hoje. Os jogadores não tinham a mesma importância para o mercado do futebol e atualmente Ronaldo Fenômeno deve ganhar dez vezes mais do que Zico recebeu na época em que ele era o melhor jogador do futebol brasileiro e do mundo. Essa eu acho que foi a maior mudança em termos de atleta, já que são eles que fazem a alegria do futebol.

P: *Então o marco desta mudança teria sido a Copa de 1982?*
LM: Sim. A partir daí os europeus passaram a investir muito nos jogadores sul-americanos, principalmente os brasileiros.

P: *E desde então o conceito "craque" mudou ou permanece o mesmo?*
LM: O conceito de craque é o mesmo. Você pode discutir se os craques de hoje são menos dos que os de ontem. Um exemplo: Ronaldo Fenômeno é um goleador mas Zico também fazia gols e era um homem de criação de jogadas. Os esquemas táticos mudaram, a preparação física melhorou muito e tem uma ênfase muito maior, às vezes até maior do que a parte técnica, mas o conceito craque não muda. Craque é o que tem habilidade, o que é inventivo, que é capaz de desnortear a marcação adversária por mais forte que seja. Zico quando era muito marcado ia jogar na lateral direita ou na esquerda e levava seu marcador e conseguia fugir de seus adversários deixando de ser um atleta de conclusão de jogadas para ser um preparador delas. Isso era de sua capacidade inventiva, coisa que não existe hoje! O jogador pode criar também desde que tenha capacidade técnica para isso. Então acho que o conceito em si não mudou, o que está diferente é essa preparação física e esta vontade dos técnicos de amarrar o jogador a um esquema tático.

P: *E um exemplo de craque hoje no Brasil seria quem?*
LM: Tem muitos craques. Não sou do tipo exigente que acha que craque é somente quem joga igual a Pelé, não. Acho que no futebol brasileiro hoje você tem muitos craques. Se pegar a seleção brasileira, por exemplo, tem o goleiro Mar-

cos, um craque do gol, Roberto Carlos, para mim Gilberto Silva é um craque, não é aquele cabeça-de-área que vive de dar carrinhos e só sabe destruir, ele também cria e sai jogando. É um atleta acima da média! Acho craque outros como Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Denílson, Rivaldo e tantos mais. No futebol mundial você pode citar David Beckham. Agora existem aqueles mais craques e outros que são menos. Não se pode comparar Beckham com Gilberto Silva pois são jogadores diferenciados, cada um na sua função assim como Roberto Carlos. Mas não deixam de ser craques pelo menos no meu conceito.

P: *Então a mudança no estilo do jogador hoje é muito ligada à parte tática?*
LM: Vemos isso nas escolinhas. A criança entra com 10 anos de idade na escolinha de clube e logo tem que se adaptar a esquema tático. Não quer que ela corra muito com a bola ou drible e que faça o passe. Ele, o técnico, aproveita que tem ascendência sobre os garotos, comando sobre eles, e vai tolhendo a capacidade criativa do atleta. Mas mesmo com tudo isso o brasileiro continua ainda sendo o grande jogador do futebol mundial. Não há um laboratório de jogadores como há no Brasil apesar dessa tentativa de inibição por parte dos treinadores.

P: *E o papel da imprensa esportiva no Brasil nestas últimas décadas? Mudou?*
LM: Não houve nenhuma grande mudança. O que há são parâmetros de relacionamento: imprensa/jogadores. Cresceu muito o nível de interesse da mídia pelo futebol. Quando comecei existiam bem menos jornalistas na cobertura do treino de uma equipe do que hoje. E com esse crescimento, com esse assédio constante, logicamente existe uma retração maior do jogador, do técnico e do dirigente em permitir o acesso a um trabalho mais aberto. Sou do tempo em que se ia cobrir o treino do Vasco e era permitido circular pelo vestiário sem que isso interferisse no trabalho dos atletas. Havia um respeito do repórter para com estes e vice-versa. Atualmente existem uma série de restrições: não se pode acompanhar o treinamento dentro dos clubes, não existe acesso aos vestiários, as entrevistas são coletivas e não individuais. O jogador passou a se preservar muito mais, e não deixa de ter lá sua razão, mas isso tira um pouco o brilho da cobertura jornalística. Detalhes que você poderia acrescentar de interesse do ouvinte, do torcedor de modo em geral, acaba não sendo possível porque não existe essa liberdade da cobertura da imprensa. Há hoje uma vigilância maior, uma restrição pesada ao trabalho da imprensa por parte dos clubes e dos profissionais que fazem estes.

ANEXO 25.5 - ENTREVISTA COM FERNANDO CALAZANS (05/08/2002):

PERGUNTA: *Há quanto o senhor é jornalista esportivo?*
FERNANDO CALAZANS: Desde 1968/69 quando entrei para o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, que, naquela época, era uma grande escola de jornalismo.

P: *E o que o senhor acha que mudou no futebol brasileiro desde esta época?*

FC: Mudou tudo! Mudou o espírito da história. O futebol naquela época era simplesmente futebol. Hoje temos o de *resultado*, o de *negócios*, *business* como eles chamam. Mudou para pior. Principalmente por causa do dinheiro. Porque quando no futebol não existiam empresários, procuradores, patrocinadores, ele era jogado com mais amor, camisa e era romântico. Hoje em dia todas estas coisas influem. A partir do advento do futebol de *negócios* é que se criou isso que os dirigentes consideram ser o futebol de *negociatas*. E foi assim que deu ensejo a estas CPIs, essas sem-vergonhices todas. O que mudou para pior no futebol foram os negócios fora de campo, que propiciaram aos cartolas fazer uma série de transações em benefício próprio lhes deixando mais ricos. Em compensação os clubes ficaram mais pobres. Dentro de campo mudou mais taticamente. Hoje em dia existe muito mais combate, mais correria e tem menos astros do que antigamente.

P: *E é exatamente sobre isso que gostaria de lhe perguntar: o senhor acha que o conceito craque mudou?*
FC: Eu acho que a palavra craque se vulgarizou um pouco. Ficou mais vulgar. Antigamente quando se chamava alguém de craque, na época em que comecei, era porque era craque mesmo. O cara era craque de verdade! Hoje em dia qualquer um é craque! Então se vulgarizou muito o sentido, a acepção desta palavra. Ficou bem banalizada. Banalizou-se o conceito de craque. Havia um senso crítico maior. Naquela época havia bons jogadores em maior quantidade, mais craques. E hoje parece que com a ausência de craques resolveram manter a palavra e muitos jogadores que são chamados assim, atualmente, com certeza não seriam considerados craques antigamente.

P: *Mas foi só essa carência de craques é que gerou essa banalização?*
FC: Acredito que os técnicos alteraram um pouco a forma de jogar futebol dos jogadores. Os chamados *doutores de futebol*, *professores de futebol*, desvirtuaram muito as características dos atletas brasileiros. Eles eram muito mais preparados para criar, construir do que destruir como é feito de uma, duas décadas para cá. Isso é uma das causas mais sérias que causaram essa diminuição no número de craques.

P: *E o papel da mídia nesta história?*
FC: A mídia, a meu ver, caiu infelizmente um pouco neste blá-blá-blá dos treinadores. Caiu na conversa fiada dos técnicos que souberam se valorizar muito bem e chegaram ao ponto de hoje se transformarem dentro de um time, de um clube, pessoas mais importantes do que os jogadores de fu-

tebol que são quem entram em campo, quem fazem as jogadas. Coisa que nunca deveria ter acontecido! O certo seria seguir com os jogadores sendo mais importantes do que os treinadores como era na década de 70 até início de 80. Deste período para cá estes técnicos souberam se valorizar muito, fizeram um marketing muito bom, começaram a falar o *futebolês* e a imprensa caiu nessa balela. Isso resultou também na queda da técnica dos atletas brasileiros embora não pareça, já que ganhamos agora uma Copa do Mundo. Mas você vê como são as coisas: o futebol dentro do Brasil, não esse para o consumo externo, é pior do que o de décadas atrás.

P: *Então o senhor acha que existe algum craque brasileiro hoje?*
FC: Tem mais de um. Não é que eu pense que não existam mais craques, não. Acho Ronaldo Fenômeno um craque, Rivaldo é outro e Ronaldinho Gaúcho também. Esses três são craques porque tem habilidade, talento, criatividade, alguma coisa que diferencia eles dos demais. A habilidade técnica, a qualidade de jogo... sobretudo o talento e a habilidade. É isso que distingue os craques dos jogadores comuns.

P: *E fora do Brasil?*
FC: Fora do Brasil também não existem muitos de quem eu goste. Talvez Zidane seja o melhor jogador mas fora ele não tem outros que me enchem os olhos, não. E acho até que isso é um certo deslumbramento caipira da imprensa brasileira diante de certos jogadores como Beckham, Figo... não é que não sejam bons jogadores não, pelo contrário, mas não é nada que vá deixar de queixo caído um povo que é penta-campeão do mundo e uma crônica esportiva que é penta-campeã também. Isto só deve acontecer, o fato de achar estes caras geniais, jogadores fora do comum, por sermos caipiras e termos uma tendência à colonização. O Brasil já teve 700 jogadores melhores do que estes.

ANEXO 25.6 - ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS ARAÚJO (24/07/2002):

PERGUNTA: *Há quanto tempo o senhor é jornalista esportivo?*
JOSÉ CARLOS ARAÚJO: Há 38 anos.

P: *E quais foram as principais mudanças no futebol brasileiro que o senhor acompanhou neste tempo?*
LM: Acho que o futebol brasileiro evoluiu dentro das quatro linhas e regrediu fora delas, ou seja, a mentalidade dos dirigentes, dos organizadores do esporte, dos calendários, não progrediu.

P: *E quais foram estas evoluções dentro das quatro linhas?*
LM: O aprimoramento tático e principalmente físico, o condicionamento. Hoje em dia o campo se tornou cada vez menor a medida em que a parte física dos atletas melhorou. A ocupação dos espaços passou a ser maior e o campo logicamente reduziu apesar de suas dimensões terem permanecido as mesmas. É o condicionamento físico o ponto mais importante destas mudanças táticas e técnicas do futebol.

P: *O conceito "craque" mudou?*
LM: Não. 1970 é um divisor de águas quando o preparo físico do Brito, por exemplo, passou a ser um diferencial no mundo inteiro como mostra de atleta com bom condicionamento atlético mesmo na altitude. De lá para cá tudo mudou. Agora sobre *talentos* acho que o futebol brasileiro é o único capaz de reunir três seleções do mesmo nível. Eu digo três como poderia ser duas ou quatro. Nenhum outro país teria condições de fazer uma seleção B. Se o Brasil fizesse isso para também disputar uma Copa do Mundo acho que teríamos uma final entre Brasil A e Brasil B.

P: *Mas quem seria exemplo de "craque" hoje?*
LM: Prefiro usar o termo *talento*. Ronaldo Fenômeno é um *talento* mas se você quiser compará-lo com os jogadores de 70 ou mesmo da seleção de 1982 não o incluiria como craque. Craque é aquele que faz a diferença ou que sozinho decide uma partida como era o caso de Pelé e Tostão que em um simples lampejo podia decidir um jogo. Até porque o futebol daquela época era diferente, não era tão coletivo quanto é hoje. Atualmente quando se fala que um time é *retrancado*, quer se dizer que aquela equipe recua toda ao mesmo tempo e ataca sempre junta. Desde a Copa de 1974, com a Holanda, este futebol solidário passou a ser um modelo para o mundo moderno: todos atacam e defendem e para isso é necessário um preparo físico melhor. Nesta Copa do Mundo na Ásia não se viu jogadores que faziam a diferença. Atletas como Beckham e Owen da Inglaterra não eram jogadores de tanta projeção dentro da competição porque o coletivo predominou. Até mesmo na seleção brasileira.

ANEXO 25.7 - ENTREVISTA COM JOSÉ TRAJANO (05/08/2002):

PERGUNTA: *Há quanto tempo o senhor é jornalista esportivo?*
JOSÉ TRAJANO: Desde 1963. Tinha 16 anos na época.

P: *Cobriu quantas Copas do Mundo de perto?*
JT: Não cobri muitas, não. A primeira em 1970, depois em 1994 e 1998.

P: *E o que o senhor acha que mudou no futebol brasileiro desde esta época?*
JT: Muita coisa. Antigamente haviam mais craques, o treinador tinha menos prestígio, não havia televisão com tanta força para sabermos se os juiz estava certo ou errado...as coisas evoluíram muito. Vivíamos na época do *futebol arte*, depois o *futebol de resultados* e agora a *era das surpresas*, como falamos hoje.

P: *Já que o senhor falou na falta de craque, o que acha necessário para alguém ser chamado assim?*
JT: Tem que estar muito acima da média. Temos várias definições para craque: aquele que antevê a jogada, que se destaca mais que os outros, cerebral e outras coisas. Mas você não pode chamar de craque um jogador jovem, tem que dar um certo tempo. Ele precisa participar de alguns campeonatos, torneios importantes, mostrar qualidade durante um certo tempo para aí sim ser chamado de craque. Ninguém é craque em apenas um mês disputando um torneio só, tem que Ter uma duração maior para ganhar esse status.

P: *Mas o senhor acha que essa idéia de craque mudou ao longo destas últimas décadas?*
JT: Acho que sim porque qualquer cabeça-de-bagre passou a ser chamado de craque de uns tempos para cá. O craque demorava para ser chamado assim e atualmente ele aparece, a mídia levanta muito sua imagem o fazendo aparecer bastante. Tem muita gente sendo chamada de craque por aí mas poucos são de verdade.

P: *E quem o senhor acha que é craque brasileiro?*
JT: Acho que Ronaldo Fenômeno talvez possa ser chamado. O Rivaldo tem momentos de craque e tem outros que não, de ser apenas um bom jogador e fica por aí! Craque, craque! Craque foi Garrincha, Pelé, Gérson, Tostão, Zizinho...

P: E fora do Brasil?
JT: Zidane é um craque...é difícil encontrar mais... acho que Figo decepcionou um pouco neste mundial e não é craque. Beckham é um bom jogador mas não é craque, Verón é habilidoso... mas craque mesmo só Zidane.

P: *Conversei com outras pessoas ligadas também ao mundo do futebol e algumas me disseram que ainda existem muitos cra-*

ques. A diferença de que se pede para que façam coisas diferentes do que eram pedidas em outra época...
JT: Isso é pela ausência de craques. Aparece um pouquinho e ganha uma importância que talvez não merecesse. Na ausência aparece quem surpreende um pouco mais. Não que algumas vezes o cara não seja craque no sentido que se habituou no futebol brasileiro, mas é porque somos penta-campeões do mundo e vimos muitos craques jogarem...

P: *Mas porque existe esta carência tão grande?*
JT: Por uma série de coisas: formação do jogador brasileiro, o fim da várzea, dos terrenos baldios, o início do futebol de resultados com os técnicos ganhando importância e não querendo perder seu emprego. Muitas vezes esses treinadores apelam para a violência em cima daqueles que são realmente craques. Isso tudo foi prejudicando a atuação do craque.

P: *O senhor acha que a mídia ajuda ou atrapalha mais o futebol?*
JT: Às vezes ajuda, às vezes atrapalha, em um momento fabrica craque, em outro inventa um, depois joga para cima, em seguida para baixo... depende. A mídia não é uma coisa *una*! Um jornalista é assim, essa empresa é daquele jeito assim, rádios, TVs... não é uma coisa inteira.

ANEXO 25.8 - ENTREVISTA COM JÚNIOR (23/04/2002):

PERGUNTA: *Em que ano você se tornou profissional?*

JÚNIOR: Comecei em 1974 e joguei dois anos como profissional mas com contrato de amador em função de estar na lista dos jogadores que poderiam disputar as Olimpíadas de Montreal em 1976. Meu primeiro contrato profissional foi após a competição, em julho ou agosto daquele ano.

P: *O que mudou no futebol desde essa época?*
J: Podemos classificar isso em fases. Na década de 70 tínhamos esse mesmo problema atual de penúria, falta de organização e parte financeira muito mal. Mas, em compensação, dentro de campo existiam vários valores que serviam para amenizar um pouco essa situação. A partir da metade dos anos 70 os clubes começaram a se organizar. Principalmente com o Flamengo essa mudança veio a partir de 1976, criado pela FAF com Márcio Braga, onde se deu início a um trabalho que rendeu lucros especialmente de 1978 à 1983. Não só de títulos e conquistas mas principalmente por uma reorganização de toda a estrutura profissional. Desde os atletas até a manutenção dos itens mínimos para que se pudesse fazer um bom trabalho. Até mesmo carteira assinada a entidade se comprometeu a fazer.

P: *E depois de 70?*
J: A verdade é que o futebol brasileiro só evoluiu do túnel para dentro. Do túnel para fora o que vemos é que os clubes conseguiram ter uma estabilidade mas sempre com problemas de dívida de encargos muito grandes. Até hoje é assim! O futebol brasileiro possuiu fases de grandes talentos e isso jamais vai deixar de acontecer em função do Brasil ser uma fábrica de bons jogadores. Nós sempre teremos material humano! Tanto é que somos o país que mais exporta atletas para o exterior. O ideal seria se hoje esses jogadores só partissem da mesma forma que aconteceu com a minha geração: somente após terem dado sua contribuição para o futebol brasileiro. Acho que essas fases são normais. Existiram boas gerações em 70, outra de qualidade em 80, mais uma em 90. Isso ocorre porque existiu material humano e acredito que teremos isso sempre.

P: *Mudou o perfil do jogador brasileiro?*
J: Os jogadores mudam em função dos próprios exemplos que acontecem. Depende do exemplo! Na década de 70 só existiam exemplos negativos. De coisas erradas! A partir de 80 a consciência do atleta passou a mudar bastante, inclusive profissional. Todos começaram a ver que seu maior patrimônio era o físico, então passaram a se cuidar mais. Nestes períodos muitos jogadores fumavam e hoje é raro encontrar alguém que o faça. Começaram, também, a surgir procuradores e empresários nestes últimos anos. Para alguns atletas ser-

viu como uma alavanca, um trampolim, mas para outros não valeu muito a chegada destes novos profissionais do futebol brasileiro.

P: *Qual foi o melhor treinador com quem trabalhou?*
J: Os treinadores que mais contribuíram para minha formação foram Cláudio Coutinho, com quem trabalhei nas Olimpíadas de 1976 e posteriormente no Flamengo até o início dos anos 80. Era um técnico que via tudo com muita antecedência. Não só na parte tática mas principalmente no dia a dia dos jogadores olhando aquilo onde você poderia melhorar. Outra pessoa foi Telê Santana, pelo seu trabalho de campo, que foi o grande responsável pela seleção brasileira de 1982.

P: *Atualmente são muito altos os valores em torno do futebol mundial. David Beckham, por exemplo, recebe, de salários anualmente, U$ 5 milhões de seu clube, o Manchester United, mas consegue muito mais só em publicidade e patrocínios. Quando começaram a surgir estes números?*
J: Aconteceu uma evolução financeira muito grande no futebol a partir do início da década de 80. Na época os salários dos jogadores brasileiros não podiam ser comparados com o dos europeus em função da própria economia do Brasil. O grande erro do futebol em nosso país foi tentar acompanhar os salários da Europa. É por isso que os clubes estão nesta situação hoje. Não se pode querer pagar a um jogador em dólar enquanto estamos em uma economia que tem o Real como moeda. Mas como os dirigentes são muito amadores e como eles saem de seus mandatos sem ter nenhuma responsabilidade, o que pode mudar através desta Medida Provisória de Moralização do Futebol brasileiro, eles cometiam alguns exageros: faziam grandes investimentos e pagavam salários muito altos. Acho que os grandes protagonistas, os que fazem a diferença, os que levam o torcedor ao estádio tem que ser muito bem pagos mas acredito que, atualmente, o jogador médio recebe mais do que ele merece.

P: *E no meio desta história o conceito craque continua o mesmo?*
J: Nos anos 70 e 80 existia um número muito maior de jogadores. Existiam campos de várzea, no meio da rua, em vários lugares. Hoje os garotos começam a aprender futebol em uma escolinha. Ás vezes são treinados por alguém que não possui qualidades, não estão preparados. Antigamente os pais não deixavam as crianças entrarem neste ambiente futebolístico enquanto que hoje é o contrário: existem pais profissionais. Já desde a idade mínima incentivam seus filhos a se tornarem profissionais de futebol porque sabem que é um trabalho de muita rentabilidade. O problema é que esquecem

que são somente 5% daqueles que entram nesta vida que conseguem se sustentar depois de se aposentarem. Iludem a si mesmos e aos filhos! Naturalmente todos se tornaram craques a partir do momento que existe uma escassez do grande atleta, daqueles que fazem a diferença. Em 70 e 80 haviam pessoas que, dentro de campo, eram responsáveis, em grande parte, pelo rendimento de um time.

P: *Quem é craque no meio de toda esta escassez?*
J: Infelizmente no Brasil não temos este jogador. Tanto é que na seleção brasileira aqueles com capacidade de fazerem isso atuam no exterior. Rivaldo, Ronaldo *Fenômeno* e Ronaldinho Gaúcho são três exemplos de craques que vimos nesta última Copa do Mundo (2002).

P: *E no resto do mundo?*
J: Vimos que não existem tantos jogadores de qualidade no mundo. Sou um admirador do futebol de Beckham, apesar dele não ter feito uma Copa dentro das expectativas. Verón é um atleta de qualidades inegáveis. Mas acho que jogadores como Platini, Rummenigge, Zico acho que dificilmente encontraremos hoje.

P: *Recentemente a FIFA divulgou uma lista com a seleção de todas as Copas do Mundo e na lateral esquerda estava o nome de Roberto Carlos enquanto que muitos diziam que o mais justo seria estar o seu. A falta de um título Mundial, como aquele que não veio em 1982, faz falta para o atleta?*
J: Primeiro fico feliz pelo nome do Roberto Carlos estar nesta lista e minha vida não mudaria nada se o meu estivesse ali. Meu currículo não mudaria nada. Acho que se a seleção de 1982 tivesse sido campeã, não só mudaria a vida dos jogadores mas também de todo o futebol no mundo. Quem ganha tem sempre a razão! Quem ganha é sempre copiado! Se o Brasil tivesse vencido naquele ano, teria dado uma contribuição muito maior do que qualquer realização pessoal em relação a estar ou não em uma lista dos melhores do mundo. Prefiro estar incluído dentro da minha cabeça de acordo com minha capacidade mostrada no Flamengo durante 17 anos, três no Torino e dois no Pescara (clubes italianos). Hoje, onde chego, as portas estão sempre abertas e isso mostra que algum benefício eu trouxe para o futebol.

P: *Qual era a principal virtude da equipe do Flamengo campeã da Copa Toyota em 1981?*
J: Era um time que possuía uma integração muito grande entre jogadores, comissão técnica e diretoria. Os atletas tinham um grau de amizade, que dura até hoje, enorme. E a parte técnica! Era uma equipe com 11 titulares onde dez

passaram pela seleção brasileira. Aquele grupo tinha um pouco de tudo que um treinador gostaria de encontrar para poder o dirigir. Além disso todos eram muito humildes e sempre pensavam no lado coletivo e não no individual. Por isso ficamos tanto tempo ganhando títulos no Brasil.

P: *Depois de 1982 os clubes italianos começaram a comprar jogadores brasileiros para manterem sua hegemonia como campeões mundiais. Esse também foi seu caso que foi para o Torino em 1984 e depois para o Pescara em 1987. Já nessa época os atletas brasileiros começaram a atuar diferente dentro de campo afim de conseguir um contrato no exterior?*
J: Como profissional você procura sempre contratos melhores independente de ser no seu país ou no exterior. Na minha época o montante de dinheiro investido no futebol era muito menor do que hoje, mas posso dizer que éramos muito bem pagos em relação aos outros clubes. A verdade é que o Flamengo era o carro-chefe em relação a salários no Brasil principalmente porque possuía o melhor jogador brasileiro que era o Zico. Ele puxava o salário de todos os outros atletas para cima como é uma tendência normal de mercado. Naquele tempo existia pouco investimento dos clubes europeus em nosso país. Em 1981 recebi uma proposta do Real Madri, mas que na época não era tão interessante quanto foi a do Torino três anos depois, para ir jogar no exterior. Depende do que é proposto. Será que se naquela época existissem todos estes altíssimos valores nós teríamos ficado tanto tempo nos mesmos clubes? Não dá para fazer uma comparação. Primeiro porque a economia mudou bastante. Segundo porque o investimento dentro do esporte também sofreu transformações. Aqueles que tiveram a oportunidade de se transferir para o exterior ganharam muito menos do que se ganha hoje.

P: *Você vê alguma equipe hoje semelhante ao Flamengo de 1981?*
J: Acho difícil encontrar alguém que jogue parecido com o Flamengo daquela época. O time usava uma tática há 21 anos atrás que só agora começa a ser descoberta por alguns treinadores. Jogávamos praticamente em um 4-5-1 com o Nunes como centro-avante e todos os outros jogadores ajudavam na recuperação da posse de bola. Isso fez com que o rubro-negro se mantivesse acima de todos os outros porque ninguém conseguia descobrir e copiar esta fórmula. Talvez o São Paulo de Telê, Müller, Raí e companhia tenha chegado mais perto desta formação do Flamengo.

ANEXO 25.9 - ENTREVISTA COM KAKÁ (05/08/2002):

PERGUNTA: *Há quanto tempo você é profissional?*
KAKÁ: Sou profissional há um ano e meio. Comecei em 2000 com contrato profissional mas só atuei, pela primeira vez em 2001.

P: *E desde quando nas divisões de base?*
K: Desde os oito anos nas divisões de base do São Paulo. Entrei como sócio primeiro e depois nas categorias de base aos 12.

P: *Muitos dizem que estamos vivendo um período onde estão surgindo poucos jogadores de qualidade mas você, pelo contrário, é um caso em que os especialistas apostam suas fichas. O que você acha disso?*
K: Fico contente pela aposta mas discordo um pouco porque estão surgindo jogadores de qualidade sempre. Ronaldinho Gaúcho é um jogador novo, que está aparecendo mostrando uma nova geração também. Tem outros que irão despontar como bons jogadores também.

P: *Quando você chegava ao São Paulo, o clube se tornava bicampeão mundial pela Copa Toyota. Acha que comparando com o time de hoje e o daquela época o estilo do jogador brasileiro mudou?*
K: Não acho que mudou tanto. Muda o elenco, o treinador que no caso era o Telê que junto com os jogadores conseguiu montar um time campeão. Acho que é necessário encaixar tudo direito para se formar uma equipe vitoriosa mas a característica do jogador brasileiro não mudou.

P: *Quem são seus ídolos no futebol?*
K: Quem mais tenho como exemplo é o Raí. Cresci aqui vendo-o jogar então é meu maior ídolo.

P: *E pesa o peso da comparação entre você e ele: "Kaká é o novo Raí"?*
K: Não. Sabemos que quando surge um jogador as pessoas sempre procuram fazer uma comparação, mas foi bom porque me comparam com grande atleta.

P: *Jogar no exterior faz parte de seus planos?*
K: Faz sim. Assim que possível quero ir jogar em outro país, mais especificamente na Europa. Lá fora quero ir para um time campeão assim como é o São Paulo aqui no Brasil.

P: *Ronaldo Fenômeno não conta muito o título de campeão mundial de 1994 porque ele não disputou nenhuma partida na-*

quela competição. Você jogou pouco agora na Copa de 2002 mas conta esta conquista como se fosse titular?
K: Desejo tenho de ser campeão jogando mas conto com essa também. Você pergunta para qualquer um que jogou ou não se conta ou não. Às vezes não perguntam ao atleta sobre o título simplesmente porque ele não atuou mas ele sempre se sente campeão igual aos outros e agradece pela oportunidade e experiência.

P: *Você se acha craque?*
K: Não. Estou começando agora e acho que o craque fica para história somente depois que ele pára. Só depois disso é que as pessoas vão dar valor ao que ele fez. Tenho muito a fazer ainda para ser um craque.

P: *Mas muitos jogadores são chamados de craque mesmo ainda jogando. Acha mesmo que só depois de parar é que irão reconhecer seu talento?*
K: Não, você está certo. Acho que se mostrar algo dentro de campo já poderei ter meu valor reconhecido. Esses jogadores que foram campeões na Copa do Mundo se não renderem daqui para frente deixarão aquela dúvida se realmente são bons atletas. Então o Ronaldo Fenômeno terá que estar sempre provando, Rivaldo o mesmo e assim para os outros. Comigo não será diferente! Estou começando agora, sou novo e também terei de mostrar meu valor sempre para aí sim, quando parar, ter o direito de dizer que tive uma carreira vitoriosa.

P: *E na sua opinião o que pedem do craque hoje é o mesmo que pediam antigamente? O que era exigido do Raí também cobram de você?*
K: Hoje acho que tem que fazer aquilo que eles fizeram e um pouco mais. Atualmente a concorrência está bem maior e o futebol muito mais nivelado. Temos que estar sempre fazendo alguma coisa de diferente daqueles que já passaram e para frente será mais ainda. Aqueles que surgirem terão que fazer um pouco mais.

P: *Conversei com alguns ex-jogadores e comentaristas esportivos e eles me disseram o contrário do que você está dizendo. Para eles o craque hoje tem que fazer bem menos do que os de antigamente...*
K: Olha, muitas vezes ouvimos deles mesmos que somos craques. Na maioria das vezes é o pessoal da imprensa que julga o jogador como bom ou ruim, craque ou não. Alguns são até ex-jogadores e como estão há mais tempo no futebol sabem dizer melhor quem será um destaque ou não.

ANEXO 25.10 - ENTREVISTA COM LUÍS MENDES (24/07/2002):

PERGUNTA: *O senhor é jornalista esportivo há quantos anos?*
LUÍS MENDES: Há 60 exatamente. Comecei em 1942.

P: *Quantas Copas do Mundo o senhor cobriu de perto?*
LM: 13 presentes ao local da Copa. Em 1950 no Brasil e todas as demais no exterior com exceção desta última, em que permaneci no Rio de Janeiro, em que nosso país foi campeão.

P: *E quais foram as principais mudanças que o senhor acompanhou no futebol neste tempo todo?*
LM: Em 1970 o Brasil foi campeão do mundo com um esquema aperfeiçoado do 4-3-3. O país já havia imposto um novo em 1958 e em 1962, quando foi bi-campeão, que era o 4-2-4 com variações para o 4-3-3. Em 1970, no México, o Brasil apresentou o 4-3-3 super definido. Mudando muito pouco. Aconteciam somente alterações comuns no decorrer de um jogo. Não que o treinador as tivesse pré-concebido antes das partidas. Elas simplesmente surgiam. Assim como chega o vento! Quando não há ventania, está tudo parado, as árvores não se mexem e de repente chega o vento. Não é uma coisa fixa. Assim então, como no tri-campeonato, as variações foram esporádicas.

P: *E depois de 1970 quais foram as principais mudanças dentro de campo? Teria sido a Holanda em 1974?*
LM: Sem dúvida. A Holanda estabeleceu um esquema tático que todos os jogadores jogavam em todas as posições e por isso a chamaram de *Carrossel Holandês*. Ela também firmou que, quando atacada, colocava os atacantes adversários em impedimento. Quando alguém iria fazer um lançamento para um atleta que estava no meio da defesa da Holanda, a zaga avançava e deixava o oponente impedido. Seu estratagema imitava, de certa forma, o que já havia sido feito em 1954 pelo time da Hungria mas foi aperfeiçoado e se tornou mais rápido, sua movimentação era mais enérgica do que a do time húngaro de 20 anos antes. Mas apesar de ter feito uma revolução tática no futebol, nunca mais se viu alguém conseguir copiar aquela forma de se jogar. Nem mesmo a própria equipe da Holanda em 1978 conseguiu repetir aquele esquema. Em 1974 a seleção era composta por cinco atletas do Ajax, cinco do Feyenoord e o goleiro jogava no Amsterdã (todos clubes da Holanda). Muitos atuavam na mesma posição então eles revezavam: o lateral direito do Feyenoord era na verdade ponta do mesmo lado e o ponta era o lateral do Ajax. Por este motivo eles faziam um revezamento daquele lado do campo e o mesmo acontecia na esquerda. Foi uma revolução táti-

ca! Os jogadores trocavam de posição sem que ninguém notasse. Tenho a impressão de que eles diziam poucas coisas dentro de campo para provocar estas alternâncias: "Você vai para lá e eu venho para cá". Talvez só com um sinal eles entendiam o recado e já faziam o seu papel. Era perfeita toda a execução tática do time holandês mas ninguém jamais conseguiu repeti-la.

P: *Qual teria sido o time brasileiro que mais revolucionou nosso futebol na década de 1970?*
LM: O melhor time foi o Internacional de Porto Alegre. Foi bi-campeão brasileiro em 1975 e 1976 e invicto em 1979. Conquistou três títulos na década. O Flamengo começou bem no final de 70 a mostrar a base de sua equipe que seria uma das mais destacadas na década de 80. Isso porque na mesma época houve o Grêmio porto-alegrense no mesmo nível conseguindo tantos campeonatos quanto o rubro-negro. Efetivamente o Flamengo morando na corte, aqui no Rio de Janeiro, repercutiu muito mais do que times do sul do país que tiveram uma importância muito grande na mudança tática do futebol brasileiro. Foram os times de lá que introduziram esta marcação permanente que hoje as equipes estão executando. Antigamente aqui no RJ quando o time não tinha a bola não havia esta marcação que se vê hoje mas aqueles clubes do sul já vieram, na década de 70, fazendo isso. O Internacional e o Grêmio jogavam com a bola e marcavam sem ela. Esses times é que modificaram a cara do futebol brasileiro. O Flamengo era adepto do futebol arte de antigamente. Do futebol bonito mas não tanto de marcação. Obteve sucesso porque os jogadores eram extraordinários. Havia Júnior, Leandro que foi um lateral direito fora do comum, um zagueiro esplêndido chamado Marinho, um quarto-zagueiro extraordinário de nome Mozer e na frente Zico. Eram todos maravilhosos e foi isso que fez o rubro-negro se salientar porque a marcação era relativa.

P: *E depois da década de 80 o que chamou mais sua atenção?*
LM: Em 90 já foi essa revolução tática em que os técnicos começaram a numerar. Houve quem dissesse que o futebol brasileiro parecia ponto de ônibus: vou pegar o 283, o 145... e dentro de campo a coisa ficou em 4-2-4, 4-3-3, 3-5-2 e outras táticas sempre numeradas. Alguns adotando um sistema e outros optando por algo diferente. Houve uma proliferação de esquemas táticos no futebol brasileiro e que ainda vive este processo de evolução, apesar de um grupo pensar ser uma involução, provado na Copa de 2002. Todo mundo *metia o pau* no esquema do Felipão porque era oriundo daquelas táticas introduzidas no Brasil. As pessoas só pensam no jogo bonito e não acham que podem vencer de outra forma. Se jogar aquele futebol de antigamente não se ganha mais de nin-

guém. Isso porque o mundo vai para frente. Está em constante evolução!

P: *O senhor é adepto do futebol "feio"?*
LM: Prefiro jogar feio ganhando de 1 a 0 do que perder pelo mesmo placar jogando bonito. Sinceramente! Se quiséssemos um futebol de exibição era necessário apenas fazer como os Estados Unidos fizeram com o basquete: montar aquele time de negros chamados *Globe Troters* para fazer espetáculo. Isso porque antes nos E.U.A. este esporte também era jogado bonito mas aconteceu uma evolução tática. Então hoje, se os americanos querem montar uma seleção para competir eles não chamam os atletas dos *Globe Troters* mas sim aqueles das equipes que disputam a NBA. Não é verdade?

P: *O que o senhor acha que mudou no conceito "craque"? O que era chamado de "craque" antes ainda vale hoje?*
LM: Esses puristas, saudosistas de hoje dizem que não existem mais craques mas, na minha opinião, existe o craque de hoje. Antes víamos estes com o simples quicar de uma bola na sua frente, através de seu domínio... hoje não. Vale como o atleta marca, como ele passa a bola, quando ele reúne todas estas qualidades que o futebol atual exige. Este é o craque e nós temos vários deles. Comprovamos isto agora na Copa do Mundo da Ásia. Há jogadores de muita habilidade como Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. São dois atletas de extraordinário futebol. Tão bons neste particular quanto eram aqueles de tempos atrás como Zizinho, Gérson, Didi e outros que marcaram época. Nem me refiro a Pelé e Garrincha porque estes são exceções para qualquer período do futebol. Agora a verdade é que jogadores como estes que citei ainda existem só que não jogam como antigamente. O problema é que eles não podem demonstrar toda sua habilidade dentro de campo porque vem um cara e *rouba a carteira deles*. Não precisa ser craque para *roubar a carteira* de um craque hoje. Basta ser, até mesmo, um *cabeça de bagre* desde que tenha um bom preparo físico e disciplina tática.

P: *E querem seria exemplo de craque no resto do mundo?*
LM: Existem muitos hoje em dia. Estes mesmos que os jornais citam todos os dias como Zidane que é um bom jogador, Saviola do Barcelona da Espanha, Verón e Beckham do Manchester United, Owen do Liverpool e outros na Itália e no resto do mundo. Há muitos jogadores de grande habilidade principalmente jogando nos clubes europeus.

ANEXO 25.11 - ENTREVISTA COM PAULO VASCONCELOS (05/08/2002):

PERGUNTA: *Há quanto o senhor é jornalista esportivo?*
PAULO VASCONCELOS: Sou jornalista esportivo desde 1978. Lá se vão 24 anos.

P: *E acompanhou quantas Copas do Mundo de perto?*
PV: De perto acompanhei três Copas: a primeira em 1982 pelo jornal *O Globo*, a segunda em 1986 pelo *Jornal do Brasil* e 1998 pelo mesmo veículo.

P: *E quais foram as principais mudanças que o senhor acompanhou no futebol brasileiro durante esses 24 anos, pelo menos?*
PV: O futebol brasileiro começou a mudar a partir do momento em que se deu exagerado poder aos técnicos de futebol. O que quero dizer com isso: o treinador não pode ser o personagem principal do jogo, esse papel cabe ao jogador. Sempre será o jogador! Tanto é que quando alguém cita os grandes time nunca fala do técnico mas, sim, do atleta. Na Europa esse conceito era diferente, o treinador sempre teve uma importância muito grande. Tanto é que você fala da seleção da Holanda de 1974 e lembra de Cruyff, Neeskens mas era o grande Rinus Michels no comando. Só que o futebol brasileiro tem uma capacidade de produção que nenhum outro país no mundo tem. Nós demos um demasiado poder aos técnicos, e a mídia tem uma grande culpa nisso, e eles não estavam prontos para receber essa importância. Isso é um fato comum na vida: nem sempre você está preparado para receber este poder todo. Começaram a querer se sobrepor aos jogadores e com isso a limitar a própria criatividade dos atletas.

P: *Mas o senhor acha que algum treinador fez a diferença de forma positiva no Brasil? Alguém lhe agradou?*
PV: Houve um conceito que se criou onde você não pode dizer que foi o técnico *tal*. O futebol brasileiro mergulhou em uma mesmice tática, que pode-se perceber nas escalações das equipes. Alguém pega o jornal nos domingos e viaja nas fichas técnicas, na escalação dos jogadores, e verá que todos jogam de forma idêntica. Antes do Luiz Felipe Scolari ter assumido a seleção e dito que gostaria de jogar no 3-5-2, todos usavam quatro zagueiros, quatro meio-campos e dois

atacantes. Bastou ele dizer que queria montar um time com a tática *tal* e todos começaram a imitar. Falta personalidade! Então não é para nomear um ou outro. É uma mesmice que domina o mundo em vários setores. No caso da nossa praia, aqui especificamente o futebol, falta um técnico que chegue e diga o seguinte: "Olha, vou jogar com dois pontas abertos e um no meio", "Vou defender com três zagueiros mas meu meio-de-campo terá quatro jogadores e mais três no ataque". É assim que eu vejo futebol! Falta isso! Todo mundo prefere ficar na mesmice para segurar o emprego, para dizer que perdeu essa e não deu e por aí vai...

P: *E fora de campo o que o senhor acha que mudou?*
PV: Outro dia ouvi um comentário feito pelo Paulo Angioni, que é supervisor de futebol do Fluminense, e achei que foi perfeito: "Dentro de campo o futebol brasileiro cometeu o erro de se globalizar taticamente ao futebol europeu, porque essa Copa do Mundo foi um marco onde o talento foi incensado e privilegiado, mas fora de campo não fizemos isso e continuamos amadores". Temos que abolir a imagem daquele dirigente que chega no final do dia, paletó sobre o ombro, o nó da gravata frouxo, a camisa suja de café que respingou no almoço e aí ele vai resolver tudo... temos que ter uma outra postura! Não podemos também perder a perspectiva pensando que o futebol brasileiro está à parte da sociedade brasileira. Todos os problemas que existem neste esporte, também podem ser vistos na saúde e na educação. A diferença é que ninguém nunca fala de saúde e educação com paixão e do futebol sim.

P: *Atualmente os valores financeiros em torno do mundo do futebol são altíssimos. Isso provocou alguma mudança neste esporte?*
PV: Loucura, loucura! Nós tivemos nos anos 90 o auge do marketing esportivo. Acho que a Copa recém-terminada, nessa ponte aérea Japão-Coréia, é o mais bem acabado do que foi o marketing esportivo. Já tivemos os *anos loucos* da época de Scott Fitzegerald e depois vimos um outro tipo de *anos loucos* no futebol: a década de 90. Pagou-se muito a todo mundo, mexeu-se com muito dinheiro e agora temos que retornar à realidade. Não se pode pagar U$ 100 milhões por ninguém, assim como o Manchester United pagou U$ 46 milhões pelo zagueiro inglês Rio Ferdinand. Não pode! Ninguém vale isso! Você tem que voltar a fazer com que o futebol seja tratado de forma equilibrada. Talvez com esta mudança de postura de alguns clubes europeus isso aconteça, mas durante muito tempo a coisa está desequilibrada.

P: *E como fica a cabeça do jogador diante destes números?*

PV: O jogador vai ter que perceber esta realidade: "vamos ficar aqui no nosso quintal". Os brasileiros já estão percebendo isso. Nos anos 90 nós também pegamos os efeitos desta loucura que tinha lá fora: "quanto você quer ganhar? 300? 400?". No entanto o mercado já está abaixando! Quer um exemplo? Pega um atleta como Petkovic que todos acham um bom jogador e procura saber porque ele está sem clube. A verdade é que ele não está conseguindo abrir mão do salário que recebia no Flamengo que era em torno de U$ 500 mil mensais. Então ele vai ficar sem clube! Essa realidade terá que se abater sobre nosso mercado. Não temos condições de pagar salários europeus porque não arrecadamos o mesmo que eles. E os clubes da Europa, que podem pagar mais, também estão notando que não arrecadam tanto para pagar muito. A exceção são as grandes estrelas: Ronaldo Fenômeno, Rivaldo, Zidane, Roberto Carlos e por aí vai...

P: *Então com todas estas coisas que conversamos o senhor acha que o perfil do jogador brasileiro mudou?*
PV: Vai ter que mudar! Mudou o perfil do jogador brasileiro e vai ter que alterar por parte da mídia o conceito que ela faz de nossos atletas. Nós estamos muito afobados hoje em dia, e aí eu falo *nós* mídia, elegendo craques por conta de um gol. Sou do tempo em que se dizia que alguém era craque quando o sujeito fazia *chover no sertão*. Hoje, digo a você, que exceto Romário, que coloco em outro patamar, não há nenhum craque.

P: *Então o conceito de craque mudou?*
PV: Não, banalizou! O conceito craque se banalizou! Bastou um gol em que o sujeito arranca do meio de campo e vai parar dentro do gol para ele virar craque. "Fez de falta é craque"! Nunca vi ninguém ser chamado de craque só porque batia falta bem. O cara tem que ser chamado de craque pelo conjunto da obra, pelo o que ele faz ao longo de vários e vários jogos. Então o conceito foi banalizado por conta de uma série de coisas: pelo apelo do espetáculo, *duelo de craques*. Então a mídia tem muito de contribuição nisso porque ela banalizou o uso da palavra em busca de atrações para o espetáculo.

P: *O senhor disse que no Brasil só considera Romário um craque. E fora de nosso país?*
PV: Consideraria Zidane, Ronaldo Fenômeno e Rivaldo três craques.

P: *Por que?*
PV: Porque acho que são três jogadores extra-série. São determinantes. Capazes de mudar o ritmo de uma partida. Cra-

que para mim é isso! Daí então alguém pode perguntar: "mas aqui tem fulano que já mudou o ritmo de uma partida". Mas a verdade é que ele tem que fazer isso várias e várias vezes, tem chegar em uma Copa do Mundo e mostrar sua capacidade sempre. A França, por exemplo, sentiu tremendamente a ausência do Zidane no início da Copa. Ela com *Zizu* poderia ter sido outra na competição! Acho que esses atletas são os craques de hoje na minha visão mas, ao mesmo tempo, tenho que reconhecer que estou abrindo um pouco mais minha visão sobre o que é craque porque tenho que me adequar aos novos tempos. Não posso me isolar! Então penso que esses se encaixam mas o resto, você me desculpe, não.

P: *Quais suas expectativas para o futuro do futebol mundial?*
PV: O futebol jamais vai morrer! Primeiro porque é o mais democrático dos esportes. É o único em que o baixinho pode ganhar do alto, que dá para o caolho jogar, o maneta também e, se bobear, você já viu partida do Saci Pererê. O futebol tem um conceito, um espírito, uma alma democrática que nenhum outro esporte consegue ter. Jogo o gordo, o preto, o branco, o anão, o gigante, todo mundo. Isto é futebol! Por conta deste conceito democrático que sua alma carrega ele jamais desaparecerá. Ele precisa de gente que desafine o coro dos contentes taticamente. Isso falo do futebol no mundo porque no Brasil é necessário mais seriedade. Só que essa seriedade em nosso país não deve ser somente neste esporte e sim na saúde, na educação e na segurança. Infelizmente você não pode pedir seriedade do futebol em um país em que falta seriedade. Quando o Brasil for sério tudo nele será!

P: *Falamos aqui sobre diversos grupos ligados ao futebol como a mídia, os jogadores, os dirigentes, os clubes... quem mais lucrou, ou vai lucrar, com a conquista do pentacampeonato?*
PV: O futebol brasileiro sai ganhando com isso, e mostra que tem valores dentro de campo capazes de superar uma série de equívocos e percalços. Mas quem ganhou fundamentalmente foi o craque porque foi uma Copa de Ronaldo e Rivaldo. E como disse antes: eu os considero dois grandíssimos craques. Mas você pode estar querendo saber se foi Ricardo Teixeira, presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), quem mais lucrou com o penta. Ele pode querer faturar em cima desta conquista, isso é uma coisa, mas ganhar ele não ganha. Ele pode colocar imposições para a seleção ir aqui e ali mas há uma investigação. Se houver seriedade, essa investigação terá um resultado e aí pouco importará o fato do Brasil ter vencido ou não a Copa do Mundo. Quanto ao aspecto comercial de marketing esportivo, podemos afir-

mar que os investimentos comerciais na marca dos clubes está parado porque não há seriedade. Ninguém quer colocar dinheiro em um lugar sem saber se vai para a conta bancária de fulano, beltrano ou ciclano. Então quem ganhou mesmo foi o craque, o torcedor brasileiro, a beleza do futebol. A seleção brasileira tinha jogadores de um talento brilhante, que desequilibraram e isso é bom para o esporte. Seria muito pior, na minha opinião, se a Alemanha tivesse ganho a Copa do Mundo por conta do futebol que ela exibia. Não por ser a Alemanha! Mas porque seu jogo era muito pobre.

ANEXO 25.12 - ENTREVISTA COM RAUL QUADROS (23/07/2002):

PERGUNTA: *O que mudou no futebol brasileiro nas últimas décadas?*
RAUL QUADROS: É algo muito complexo. Dentro de campo, por exemplo, mudaram os esquemas táticos. Felipão começou a campanha para a Copa do Mundo com três zagueiros e, após perceber que não estava dando certo, passou a sempre deixar um lateral mais atrás: quando o Cafu subia para o ataque, Roberto Carlos ficava e o contrário também. Muda taticamente mas não tecnicamente. O jogador brasileiro ainda é disparado o melhor, basta ver o número de atletas que vão atuar no exterior todo ano. Historicamente começamos com um 2-3-5, 3-5-5, depois 4-2-4, chegamos ao 4-3-3, 4-4-2 e o 4-5-1. Em 1973 fui acompanhar a partida entre Noruega e Holanda, em Oslo. Neste momento é que apareceu o time da *Laranja Mecânica* com seus jogadores se movimentando por todo o campo liderados por Johan Cruyff. A partir de então começou a se dar uma maior atenção à parte física dos atletas para que eles pudessem desempenhar diferentes funções nos gramados. O atleta, hoje, não pode chegar a um clube e dizer que é meio campo e nem falar que é centro-avante e por isso não marcará nenhum adversário. Não! Ele tem que aceitar a filosofia da preparação física e correr o tempo todo. Isso hoje é chamado de *futebol força*, muito comum no sul do país. O São Caetano, por exemplo, é um time que se movimenta sempre. Até mesmo o Somália, que é um centro-avante mais fixo que procura se mexer bastante, e, nem digo marcar, mas cercar o adversário. Então hoje em dia é isso aí: aliar preparo físico com esquema tático. Mas mesmo assim essa parte tática não mudou muita coisa, não. Se você observar, irá perceber que tudo é, mais ou menos, a mesma coisa: 4-4-2, 4-5-1 e outros. Outra coisa que aconteceu foi quando estive na Espanha e vi a Itália vencer o Brasil, naquele jogo de 3 a 2, e ganhar a Copa do Mundo em 1982. Ali começou o *futebol arte* a ser superado pelo *futebol força*. Todos, então, começaram a achar que o *futebol força* era melhor. Vimos isso com o Parreira em 1994, já havia começado com Cláudio Coutinho em 1974 e seguiu assim. Pior para a Copa do Mundo!

Se o Brasil tivesse sido campeão em 1982 o jogo, hoje, ainda seria muito mais arte do que físico.

P: *Você acha que o estilo do jogador brasileiro também mudou?*
RQ: Caiu muito! É como te falei: o futebol hoje exige muita preparação física e quem só tem arte como era o caso do Gérson, que colocava a bola onde queria, iria jogar hoje em dia sim, mas teria que se adaptar ao *futebol força*.

P: *E o conceito craque? Mudou a idéia do que seria o grande jogador nas últimas décadas?*
RQ: Mudou! Não é a mesma coisa de jeito algum! O Rivaldo tem uma habilidade fantástica: todo mundo critica ele. O Ronaldo *Fenômeno*, na minha opinião é um jogador mais de força. Tem habilidade? Tem habilidade sim mas é um jogador que não sabe cabecear. Onde está a técnica dele? Ele mesmo confirma isso. Onde já se viu um centro-avante que não sabe cabecear? Quando seu joelho estava bom era muito difícil segurá-lo em suas arrancadas. Às vezes ele tem um único lampejo, um lance de craque que o faz decidir uma partida assim como o fez com a Copa do Mundo de 2002. Mas é um jogador que depende muito de sua parte física.

P: *Fora de campo você acha que mudou alguma coisa no futebol brasileiro?*
RQ: Mudou para pior em tudo. Flávio Costa disse que em 1970, 1958, 1954, o futebol brasileiro só havia mudado dentro das quatro linhas nestes esquemas táticos que já expliquei, mas das quatro linhas para fora era uma bagunça, nunca existiu organização. Nada! Hoje em dia é pior ainda! Enquanto estiverem onde estão estes dirigentes como Eduardo Viana, famoso Caixa D'água, o futebol do Rio de Janeiro vai estar acabado. O que você pode esperar deste esporte onde se faz de conta que paga, o outro finge que recebe. Foi o caso do Vampeta: "O Edmundo dos Santos Silva fingia que me pagava e eu fingia que jogava". Quer dizer: o cara ainda tem a petulância de dizer uma coisa destas.

P: *Você acha que talvez pelos valores astronômicos que giram em torno do futebol, a mentalidade do dirigente e do jogador também mudou?*
RQ: Primeira pergunta que lhe faço, como estávamos falando do Vampeta: será que eles realmente recebem isso? Eu tenho lido nos jornais que na Inglaterra e na Itália, por exemplo, os clubes estão falindo também. Eu não sou contra o atleta ganhar bem, não. O jogador é um artista! Mas realmente os números hoje são um pouco altos. Não é só no Brasil que a coisa está feia. Em todo o mundo a situação é di-

fícil. Você vê que os clubes hoje começam a ter um padrão de salário. O São Caetano, só para citar um caso, paga em dia. Todo dia cinco paga 40% do salário e sempre no dia 25 paga os outros 60% descontando os encargos sociais. E são salários bons! Não são salários de 100 mil, 200 mil, 300 mil e ainda se fala em dólar. Poucos aceitam receber R$ 100 mil, querem U$ 100 mil! Agora mesmo o Romário disse que era pouco para ele receber R$ 270 mil. A Coca-Cola (patrocinadora do jogador) pagaria R$ 100 mil e o Flamengo arcaria com o resto. O Rubro-negro não tem dinheiro! Como vai pagar estes salários a um jogador? Tá falido! O Vasco não paga, o Botafogo deve a seis meses, no Fluminense os jogadores fizeram greve e na Europa a coisa está caminhando. Na argentina, antes da Copa do Mundo, os jogadores pararam um dia ou uma semana, não me lembro, porque não estavam recebendo seus salários. A diferença é que tanto na Argentina quanto na Europa os atletas são politizados e no Brasil não. Aqui as pessoas não se juntam, cada um na sua cuidando do seus próprios interesses. Voltando ao São Caetano, lembro que todos recebem pouco mas em dia e é por isso que estão agora na final da Libertadores da América. Não precisa ganhar R$100 mil ou R$ 170 mil. Um trabalhador normal que ganha R$10 mil fica muito feliz pois é um belíssimo salário e que representam apenas 0,5% da população brasileira.

P: *Você é pai do Bruno Quadros que começou sua carreira como volante no Flamengo e hoje atua pelo São Caetano. Ele comenta essa diferença entre receber em dia no clube paulista e ter tido que lutar para ganhar uma parte dos salários atrasados no time carioca?*
RQ: Comenta. O Bruno jogou no Flamengo dos seis aos 24 anos. Foram 18 anos. Começou nos *fraldinhas*, depois mirim, salão, passou para o campo com 14 de idade e se tornou profissional em 1997. Até aí tudo bem! Depois começaram a atrasar dois meses e pagar um, atrasavam três e ele recebia mais outro e continuava assim. Depois quando saiu do clube, o Flamengo pagou tudo, não lhe deve um tostão, mas isso é uma exceção. A maioria não recebe. O Bruno foi emprestado ao Botafogo e jogou lá seis meses durante o Campeonato Brasileiro e não recebeu nenhum pagamento. Entrou na Justiça buscando seus direitos e ganhou a causa mas mesmo assim ainda não foi pago porque o alvi-negro não tem como o fazer. O Botafogo não tem nem o que penhorar. Meu filho depois foi emprestado ao Sport Clube Recife, também por seis meses, e, se recebeu um mês, foi muito. Isso é uma brincadeira! Está na Justiça contra o Sport. O Bruno é um trabalhador. Se preparou para a profissão desde os seis anos de idade e largou a Faculdade para ser jogador de futebol e não recebe. Os dirigentes estão malucos! O esporte está indo para o buraco. Está indo não, já está nele. Ou o fute-

bol muda a estrutura ou o Governo toma alguma providência logo. Ciro Gomes, candidato à presidência da República, disse que a Medida Provisória de Moralização do Futebol é uma palhaçada porque ele é amigo do Ricardo Teixeira, presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Estão de brincadeira! É por isso que o Zico, mesmo com todo seu amor pelo Flamengo, recebeu uma proposta de ser treinador da seleção japonesa e aceitou. Pensou em 2003 se tornar presidente do Flamengo Futebol Clube, só o futebol! Porque daí então o rubro-negro já seria uma empresa e ele cuidaria da entidade como faz com o CFZ que é um clube modesto mas que já ganhou vários títulos: foi campeão em Brasília, disputa uma vaga na Copa Centro-Oeste, disputará a Copa do Brasil em 2003 e a terceira divisão do Campeonato Brasileiro este ano. Enquanto isso, aqui no Rio de Janeiro, com toda a estrutura que o Clube de Futebol Zico possui, ficou parado de janeiro à julho esperando o torneio regional começar agora. Permaneceu todo este tempo pagando salários e encargos sociais em dia e sem jogar. Quem é que agüenta isso? Fica como está o Fluminense, o Flamengo e o Vasco. O rubro-negro hoje não possui nenhuma estrela. Estão formando um time que quando estiver pronto vai começar a ser vendido um por um. Como sempre fizeram! É o caso do Juan que foi embora, o Bruno que saiu, o Athirson foi e voltou somente porque não se deu bem na Itália, o Clemer também se foi e daqui a pouco é a vez do Júlio César. No Botafogo está o Dodô que é um belo jogador e quer ir embora porque ninguém paga. O Abel, ex-treinador do Fogão, já foi porque ficou sem receber por seis meses. Ele afirmou que pagava do próprio bolso a alguns jogadores para eles irem treinar. Isso é uma loucura!

P: *Voltando ao futebol dentro das quatro linhas, muitas pessoas se perguntam se os jogadores de antigamente jogariam hoje e se o contrário aconteceria. O que você pensa sobre isso?*

RQ: Em 1958 acompanhei a Copa do Mundo, em 1962 ouvi e em 1970 já vi pela televisão. Você acha que o Pelé não jogaria hoje? O Garrincha? Gerson? Falcão? Zico? Cerezo? Leandro, que para mim foi um dos maiores laterais que já existiu? Carlos Alberto Torres? Nílton Santos? Cada um se adapta ao seu *modus vivendi*. Naquela época em que o futebol era mais cadenciado eles jogavam dessa forma. Se tivesse que correr ou *prensar* ele também o fariam. O Santos de Pelé sempre ganhou seus jogos com placares semelhantes a cinco a quatro, sete a cinco, seis a três... sempre jogou assim porque só jogava para frente buscando o gol. Dava exibição! Hoje você não pode fazer algo assim porque os times entram em campo com oito jogadores na defesa e para sair no contra-ataque. Todos eles jogavam hoje, era só uma questão de adaptação.

Não sei se os que hoje estão aí jogariam naquela época. Isto, com certeza, é uma dúvida muito grande. Não sei se eles realmente possuem habilidade ou se é só pancada, força...

P: *Quem você considera craque hoje no Brasil?*
RQ: Olha que pergunta difícil de responder... craque? Ronaldinho Gaúcho. Mas não está aqui, está na França. Não tem como ficar aqui, ninguém paga o que ele ganha lá. Esse é craque! Eu acho uma beleza de jogador.

P: *Andaram cogitando esses dias uma possível proposta de U$ 76 milhões ao Paris Saint-Germain por ele. Não disseram o nome do interessado.*
RQ: Pois é, faz a proposta, paga ao clube dele, ele leva um pedaço e depois o salário como é que fica? O futebol europeu, também, já anda meio por baixo em termos de pagamento salarial tentando reduzir os valores. Você leva um atleta que leva U$ 1 milhão por mês enquanto que os outros da equipe ganham U$ 100 mil ou U$ 200 mil. Esses acabam pensando: "Ah! Deixa o brasileiro correr. Ele ganha U$ 1 milhão, ele que corra pela gente". Fica difícil! Essa Copa do Mundo em dois países foi uma loucura. Não sei onde vai parar isso, não.

P: *E no resto do mundo quem você considera craque?*
RQ: Zidane. Para mim é um belíssimo jogador. O goleiro alemão Oliver Kahn. Tem ótimos atletas por aí mas nenhum ao nível dos brasileiros. Tecnicamente não tem! Mesmo outros jogadores brasileiros que não citei anteriormente como o Ronaldo *Fenômeno* e Rivaldo, que estão abaixo do Ronaldinho Gaúcho, são melhores do que os europeus.

P: Você citou alguns nomes como Ronaldinho Gaúcho, Zidane e Kahn como exemplo de craques. Apesar disso o senhor acredita que a mídia hoje produz craques que não existam?
RQ: Não só o jogador de futebol hoje mas o desportista em geral fatura muito mais fora da atividade dele do que exercendo seu esporte. O *Fenômeno* deve ganhar uma fábula...

P: *Recentemente ele assinou um contrato com uma empresa de giletes para que possam fazer seu famoso topete...*
RQ: Realmente, a *Gillette do Brasil* assinou um contrato com ele. Os atletas, hoje em dia, possuem um aparato financeiro em torno deles muito grande. O Guga, por exemplo, extraordinário tenista brasileiro, ganha muito com publicidade. Ronaldo *Fenômeno*, Rivaldo e Roberto Carlos entram em campo para ficarem ricos. Isso há uns 15, 20 anos atrás ainda não era assim. Os garotos vinham para esta carreira porque gos-

tavam de jogar futebol. Hoje em dia as pessoas me ligam e dizem: "meu filho precisa do trabalho para me ajudar nas despesas". Futebol não é uma casa de caridade, é uma arte! Você vai para a televisão para aparecer, fazer uns contratos publicitários. Sei porque trabalhei na TV Globo e na minha época não era permitido fazer nenhum contrato comercial. Hoje em dia todo mundo faz! Com exceção dos locutores da Globo, que não podem mesmo, todos fazem contrato publicitário. Você deixa sua arte de lado para ganhar dinheiro! Uma vez li uma frase da Fernanda Montenegro interessante: "atores e atrizes hoje não precisam ser atores e atrizes, tem que ser bonitinhos porque precisam fazer o comercial"! É verdade! O mesmo vale para o futebol.

ANEXO 25.13 - ENTREVISTA COM SÉRGIO XAVIER (05/08/2002):

PERGUNTA: *Há quanto tempo o senhor é jornalista esportivo?*
SÉRGIO XAVIER: Deve ter uns nove anos mais ou menos. Era jornalista econômico quando comecei a fazer pequenas matérias esportivas na revista *Isto É*. Dá para considerar que era repórter esportivo? Acho que não, né?! Bom, mas *full time* estou desde 1994.

P: *E desde quando o senhor é diretor da revista "Placar"?*
SX: Vou completar agora três anos mas já estou há sete anos na revista.

P: *Mas antes mesmo de acompanhar o esporte como profissional já era daqueles "torcedores de arquibancada"? O senhor me disse que é gremista...*
SX: Na época de adolescente sim mas depois comecei a fazer jornalismo e a trabalhar então diminuí bastante isso. Sempre acompanhei pela televisão, lendo as notícias e quando podia ia ao campo para ver. Não só futebol mas todo tipo de esporte. Não me chamaria de "torcedor de arquibancada" hoje.

P: *E desse tempo em que você acompanha futebol o que acha que mudou neste esporte no Brasil?*
SX: Acho que a desorganização é mais ou menos parecida com o que sempre foi mas, o que acontece hoje, é que existe mais dinheiro para se desperdiçar. Isso chama mais a atenção! Parece que ficou mais desorganizado mas não é! É que atualmente existem mais oportunidades para se ganhar dinheiro e nós vemos todas elas sendo colocadas no lixo. Existe um caminho de profissionalização do futebol que não é inteiramente seguido. Daria para ser muito melhor mas acaba não sendo.

P: *E dentro de campo...*
SX: Mudou bastante a preparação física. A coisa ficou muito mais profissional, os times conhecem muito mais uns aos ou-

tros mas não vejo grandes mudanças sobre o jogador em si. Ele corre muito mais, ponto. A grande mudança é essa!

P: *Então o estilo do jogador brasileiro é o mesmo destes últimos 20, 30 anos?*
SX: Acho que sim. Só com a diferença que se você for pegar uma foto de 1970 do Gérson na concentração, em seu quarto, e reparar no cinzeiro ao lado, verá um maço inteiro de cigarro fumado por aquele cara que era um dos craques daquela seleção. Quanto que o Gérson corria por jogo? Quatro quilômetros, três? Quanto corre hoje o Kaká? O dobro, o triplo. Acho que esta é a grande mudança! Ao contrário de muita gente não vejo que os craques acabaram. Nós tínhamos craques em quantidade e hoje eles sumiram. Não! Acredito que tenhamos um percentual parecido de craques daquela época e desta.

P: *Então a que se deve o fato de muitos reclamarem o fato de estar vivendo um possível período de "vacas magras"? Por que tanta gente reclama da qualidade de nossos jogadores?*
SX: Se formos ver reportagens de 1970 antes da Copa do Mundo no México, é claro que depois da competição e o título sempre fica aquele *oba-oba*, serão encontradas muitas reportagens saudosistas: "Puxa, bom era 1958, 1962", "Aquilo é que era época, hoje temos que agüentar os Piazzas e Clodoaldos da vida". Existe uma tendência, não só do jornalista mas também do torcedor, de achar que o melhor é o que já passou e que o presente é ruim, falho. Começo agora a observar o que aconteceu na Copa do Mundo e ver as jogadas que fizeram os Ronaldinhos, Rivaldo, o gol de Edmílson... que diferença existe se compararmos com a seleção de 1982? Não vejo nada muito grande! O que acontece é que o craque tem muito menos chances durante a partida. Antigamente Gérson recebia a bola, olhava para os dois lados e executava a jogada. Hoje Rivaldo pega na redonda e tem que decidir o lance naquele instante. Por este motivo o jogador acaba aparecendo menos durante o jogo. Mas acho que a diferença pára por aí.

P: *Será que os enormes valores financeiros existentes hoje no futebol atrapalham na imagem do jogador? Será que estes mesmos números conseguem mexer com o próprio atleta dentro de campo?*
SX: Acho que só mudou o número de zeros, porque na proporção, e no imaginário do torcedor, isso não está muito diferente. Andei vendo aquela fita do João Moreira Sales sobre o futebol e aparece o Paulo César Caju, em meados dos anos 70 no Rio de Janeiro, de óculos escuros, cabelo *Black Power*, dirigindo um Puma, usando roupas caras e as pessoas

que passavam por ele pensavam a mesma coisa quando hoje passam pelo Ronaldo Fenômeno e sua Ferrari: "Pô! Esse cara ganha tanto para jogar bola". A diferença é que o quê ele ganhava naquela época, se você olhar financeiramente, não é comparável com o que se ganha hoje mas o sentimento é mais ou menos parecido. É uma desproporção: "por que jogadores ganham mais do que médicos?". A sociedade está errada em pagar mais aos *artistas* e não aos *técnicos*? De novo: não vejo grande diferença. Parece muito dinheiro? É! De fato 100 milhões é lógico que é. Mas quanto será que o Real Madri, da Espanha, está recebendo da televisão para que ela possa transmitir seus jogos? Mudou simplesmente a escala mas a proporção é parecida.

P: *Então seguindo esta mesma linha de raciocínio o conceito craque continuaria sendo o mesmo também?*
SX: Acho que ficamos um pouco mais rápidos para definir craque. Com dois, três jogos já usamos a palavra craque sem medo de ser feliz. Neste aspecto exageramos um pouco. O craque foi *super-inflado* mas não vejo mais craques no passado e menos agora! Temos que lembrar também que para cada Pelé tínhamos dez *Dicões*, doze *Ditões*. Acho que temos muito mais craques hoje e talvez tenhamos bem mais no futebol mundial do que antigamente. Existem bons jogadores na Costa Rica, encontra-se um ou dois atletas interessantes no Equador. Deu uma grande nivelada! Todos estão vendo o que você está fazendo e não tem mais aquela coisa de se chegar em uma Copa do Mundo e *surpresa*. Não! O jogador aparece e imediatamente ele já é revelado para o mundo. Talvez por isso esse conceito de craque tenha se difundido de uma forma exagerada.

P: *E por que esse tempo para se definir alguém como craque ou não diminuiu? A quem se deve a culpa?*
SX: Tem muito mais mídia hoje. Antigamente, nos anos 70, a revista *Placar* estava sozinha. Com quem ela concorria? Com dois ou três cadernos de jornais do Brasil e só! Então tínhamos tranqüilidade para não precisarmos de sensacionalismo, não tínhamos que vender o que não existia. Hoje além dos jornais esportivos e dos cadernos de esportes de todo o país, existem rádios, sites da internet e muitos programas de TV. Pega o Jornal de Manaus e lê a crítica esportiva e encontrará tudo bem direitinho, bem competitivo. Então a pressão para ser o primeiro a identificar primeiro um jogador, para lançar um talento, é enorme. E como é mais fácil arriscar um prognóstico do que voltar atrás, "puxa, me enganei, ele não jogava tanto assim", as pessoas acabam lançando a toda hora seus palpites e, é claro, errando muito mais.

P: *Você lembra então de algum caso de erro e outro de acerto na hora de chamar alguém de craque?*
SX: Me lembro de um que foi *Bola de Prata* da *Placar* em 1996 que foi o lateral direito Alberto. "Craque! Substituto do Cafu". Não durou! Não durou mesmo! Está jogando atualmente na Itália e é um jogador menor. Atacantes tem vários: Gil, hoje está machucado mas surgiu como tremenda revelação e não deu em nada. Tem vários viu! Se pegarmos clube por clube notará que cada um tem seu craque não vingado. No Rio grande do Sul tinha o irmão do Ronaldinho Gaúcho, o Assis, pintou como craque monumental e acabou não dando certo. Tinha um outro apelidado de Tia Joana, se chamava Renato Lima, e *encheram sua bola* tanto que ficou se achando o máximo pensando que era o *Deus da Raça* e não deu em nada. Adriano do São Paulo é outro. Podemos passar o dia inteiro lembrando nomes: os cruzeirenses lembrarão os seus, os botafoguenses os deles... está cheio.

* *Lembrando os jogadores*:

- Alberto foi lançado no Guarani em 1993. Se transferiu para o Internacional e depois Atlético Paranaense. Teve início promissor e logo foi chamado para a Seleção Brasileira. Contratado pelo São Paulo em 1997 chegou com fama de lateral moderno mas não vingou. Depois passou por Cruzeiro e Flamengo e também não agradou a ninguém. Voltando ao Atlético-PR em 1998 chamou a atenção dos italianos e assinou contrato com a Udinese em 2000 e lá permanece até hoje.
- Assis era meio-de-campo avançado e foi lançado pelo Grêmio em 1988. Surgiu como um dos mais talentosos craques daquela geração que veio no final da década. Com o time sulista ganhou vários títulos como o tri-campeonato gaúcho (1988/89/90) e a Copa do Brasil (1989). Depois passou por diversos clubes como Sporting de Portugal, Vasco da Gama, Fluminense e Sion da Suíça. Sua última temporada em um clube brasileiro, aliás muito pagada, foi no Corinthians em 2000. De temperamento difícil nunca aceitou regras e hoje é mais conhecido como "o irmão mais velho de Ronaldinho Gaúcho".
- Adriano é meio-de-campo avançado e se tornou profissional pelo Guarani em 1991. Logo no início chamou atenção por sua habilidade em criar jogadas e logo se transferiu para o Neuchâtel Xamax da Suíça. Em 1995 retornou ao Brasil para jogar pelo Botafogo-RJ. Depois passou por Juventude-RS, América-SP e São Paulo onde ficou de 1996 a 1999. Se transferiu para o Náutico, Atlético Mineiro, Sport e Urawa Reds do Japão. Agora em 2002 está no São Paulo novamente. De acordo com especialistas, Adriano tem que se controlar para não se tornar mais um *bad boy* do futebol porque quali-

dade técnica ele possui mas sua indolência dentro de campo o atrapalha às vezes.

- Gil foi revelado vindo das divisões de base do Corinthians em 2000. Chegou chamando a atenção de muita gente e chegou a ser cogitado para vestir a camisa da seleção brasileira nas eliminatórias em 2001. Com o tempo acabou se mostrando um jogador de qualidade mas nenhum fora-de-série. Apesar disso já conquistou um Campeonato Paulista (2000), um Torneio Rio-São Paulo (2002) e uma Copa do Brasil (2002)

- O atleta Tia Joana (Renato Lima) não foi encontrado em nenhum registro bibliográfico.

P: *E qual seria o peso da culpa da mídia na criação destes ídolos?*
SX: Acho que é um peso grande mas no momento em que os torcedores, os consumidores de mídia, não identificam e não punem quem erram acabam se tornando complacentes com o erro. Os próprios dirigentes deixam isto acontecer com muita facilidade porque querem vender estes *craques*. Acho que está todo mundo no mesmo barco! Ficar elegendo culpados não é o correto.
P: *Quem seria exemplo de craque brasileiro?*
SX: Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho é craque sem dúvida, Kaká do São Paulo, esse garoto do Santos que parecer ser craque, Diego, vai ser! E aí é que acho que faz um pouco a diferença sobre o que é um craque: é um jogador de extrema habilidade e de altíssima eficiência. Para mim, pelo menos, este é o conceito de craque. Mas para atingir esse nível você tem que dar tempo ao tempo. O atleta tem que provar que em situações limites ele segue se comportando como um tremendo jogador. Acho muito ruim chamar um garoto com menos de 18 anos de craque porque ele pode ter mostrado muita habilidade mas ainda não pôde demonstrar sua eficiência. Então esse Diego, que para mim parece craque, ele vai ter que provar. Já o Ronaldinho Gaúcho provou no Grêmio e em algumas partidas da Seleção Brasileira que é um craque, talvez não um craque com *C maiúsculo* mas tem tudo para ser.

P: *E no resto do mundo quem seria craque?*
SX: Puxa! Olha está cheio, viu! Se pegarmos só os argentinos encontraremos vários: Verón que fez uma péssima Copa do Mundo mas é *cracasso*, Riquelme, acho que Saviola, Crespo é craque jogando mais para frente. Na Itália temos Totti, existe o senegalês Diouf, o inglês Beckham... tem vários, não me queixaria não do futebol mundial hoje. Você liga a televisão e vê, por exemplo, o Campeonato Espanhol que tem coisas muito interessantes, o Campeonato Italiano também... tem muita gente boa jogando.

P: *Atualmente existe uma crise financeira no mundo todo. Tantos os clubes de futebol do Brasil, quanto os europeus, estão tentando reduzir contratações e folhas salariais. Neste momento, as grandes equipes de nosso país poderiam vender alguns de seus valores para cobrir dívidas neste período conturbado mas não encontram compradores porque, como disse, todos estão economizando. Diante deste quadro, quais são suas perspectivas para o futuro do futebol brasileiro?*
SX: Acho que demorou bastante mas agora vamos cair na real. Ao mesmo tempo em que um salário de R$ 100 mil não parece exagerado com a televisão pagando R$ 100 milhões por um campeonato inteiro, muita gente não fez a conta e não percebeu que o que estava entrando não era o mesmo que estava saindo. Então teremos um bom período de adaptação agora com alguns clubes tendo recaídas. Quando pintar o rebaixamento eles voltarão a concordar em pagar R$ 100 mil por um jogador que estava encostado. Vamos ter recaídas mas estamos entrando em uma nova fase! Para nossa sorte, também existe recessão no futebol mundial e, por isso, não perderemos todos os nossos grandes jogadores porque também não tem quem compre. Isso é bom! Os salários vão... vão não, já caíram! E vão cair ainda muito mais! Teremos um reequilibro e o futebol se tornará um negócio mais interessante com aumento de cotas, dos patrocínios, os salários... isso é Lei de Mercado! O problema é que estávamos fora desta realidade e agora estamos entrando. Em matéria de espetáculo não muda muito, não. Vamos perder uma meia dúzia de jogadores que gostaríamos de ter perto de nós mas tem muita gente boa surgindo nas categorias de base dos times como sempre, aliás.

P: *Falamos aqui sobre diversos grupos: jogadores, clubes, as pessoas ligadas ao futebol só que fora das quatro linhas e a mídia. Dentre estes quem mais lucrou com a conquista do penta-campeonato mundial?*
SX: É uma pergunta difícil porque a princípio eu diria os jogadores mas eles tiveram um pouco de azar em matéria de compensação financeira. No melhor momento eles viram seus salários serem rebaixados por força do mercado. Acho que a tendência, então, é que os clubes lucrem mais porque, em um momento de recessão, estão tendo esta exposição maior para o mercado internacional que se encontra de olho no Brasil pois ganhamos o penta. Temos que pensar também na situação inversa: como estaríamos hoje se tivesse acontecido conosco o que aconteceu com os argentinos que caíram na primeira fase? Aí sim, seria bem complicado! Estaríamos em uma fase muito triste assim como no início dos anos 90 em que vivíamos uma crise, perdemos a Copa da Itália prematuramente e, de repente, nos afundamos no caos naquele período. Só que

da mesma forma como caímos nós também podemos levantar! O São Paulo ganhou o Mundial Interclubes em 1992 e 1993 e em 1994 vencemos a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Quer dizer: em quatro anos vencemos a crise que surgira. O futebol é um pouco assim: uma grande montanha-russa que tem dinheiro envolvido mas tem fantasia, tem títulos e outras coisas. Eu diria que os ganhadores desta história serão os clubes.

ANEXO 25.14 - ENTREVISTA COM ZICO (23/07/2002):

PERGUNTA: *Você se tornou profissional quando?*
ZICO: Meu primeiro jogo aconteceu em 1971 mas o contrato como profissional somente em 1973.

P: *Desde esta época até hoje quais foram as principais mudanças que você acompanhou no futebol?*
Z: Diversas. Primeiro pela regulamentação do atleta profissional que hoje tem sua carteira de trabalho. São 30 anos em que acompanho o esporte e neste tempo leis surgiram, as táticas mudaram e tudo mostrando que estas transformações foram sempre necessárias.

P: *O estilo do jogador brasileiro mudou?*
Z: Não. Ele ainda continua tendo sua criatividade como arma principal, com isso segue decidindo competições como foi a última Copa do Mundo com o Ronaldo *Fenômeno*, Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo. Foi o talento que ajudou o Brasil a levar mais este título.

P: *E fora de campo?*
Z: Enriquecimento dos dirigentes. Eles é que passaram a ser os grandes artistas, os grandes profissionais. Enquanto que os clubes faliram eles ficaram mais ricos aproveitando a

onda da importância do futebol e muitos deles se tornaram profissionais.

P: *Após 1982, com a vitória da Itália, os clubes italianos passaram a comprar jogadores pelo mundo inteiro e você foi um deles, acabou se transferindo para a Udinese. Sentiu alguma mudança nesta ida para o exterior?*
Z: Profissionalmente foi muito importante porque eu pude desenvolver meu futebol em outra cultura, com outro tipo de jogo e sempre é uma experiência enriquecedora. Pude estabilizar minha vida financeiramente. Foi através do contrato na Itália que consegui assegurar o futuro de minha família. É sempre muito bom para qualquer jogador passar uma temporada na Europa.

P: *Você acha que os altos valores envolvidos no futebol hoje está mudando a cabeça do jogador dentro de campo e das outras pessoas ligadas ao esporte?*
Z: Lógico que afeta. Em qualquer profissão a pessoa quer sempre o melhor. Quer sempre atingir o ápice e você sabendo que estes números são reais, e não fantasiosos, isso lhe dá o direito de buscar este sonho. Principalmente para o atleta brasileiro que, diante do fato de não conseguir isso em nosso país devido a falta de organização, campeonatos não rentáveis e clubes falidos, faz dos times do Brasil um trampolim para se chegar à Europa. Acho que são números exagerados, mas se os clubes lá pagam esse montante é porque tem receita para faze-lo.

P: *E quando começou este "boom"? Quando os valores começaram a atingir o nível atual?*
Z: Foi com o decorrer do tempo. O futebol começou a ganhar um espaço muito grande, as empresas notaram que conseguiam um bom retorno com este esporte e investiram. Os anos 90 foram fundamentais para esta mudança.

P: *Você acha que o conceito craque mudou nestes últimos tempos?*
Z: Acho que o craque de antigamente fazia muito mais, dentro de campo, do que o craque atualmente. Os de hoje fazendo três ou quatro coisas em uma partida e, talvez pela falta disso, o pessoal se contenta e já acha o suficiente. Antes era preciso cerca de dez, 15 ou 20 lances em um único jogo para ser chamado de craque. Hoje fazem duas ou três e já são aclamados.

P: *Então por que aconteceu esta mudança?*
Z: Não sei. As coisas mudam. Só que o pessoal, hoje em dia, está se contentando com pouco.

P: *Quem você considera craque dentro do futebol brasileiro?*
Z: Ronaldinho Gaúcho foi o grande nome que apareceu atualmente no futebol. Ronaldo *Fenômeno* é uma realidade. Rivaldo é mais decisivo do que craque mas gostaria de tê-lo no meu time o tempo todo. Por seu poder de decisão é o considero um craque.

P: *Mas o Rivaldo, por exemplo, não se encaixaria neste perfil de craque que você usou anteriormente. É um jogador que faz poucos lances em uma partida: um a cada 90 minutos...*
Z: Não, ele faz mais que isso. Faz, pelo menos, uns quatro ou cinco e por seu poder de decisão, sendo tão importante como é ele se torna especial. Você pega o currículo dele e vê: foi decisivo no Mogi Mirim, no Palmeiras, no Corinthians, Barcelona, Seleção Brasileira... então ele atinge esse perfil de craque.

P: *E fora do Brasil quem é craque?*
Z: Figo e Zidane são jogadores que admiro. Verón e Beckham ainda podem evoluir e fazer mais do que já fizeram.
P: *A mídia faz o craque?*
Z: Não, porque os jogadores obtêm resultados. Dos jogadores que citei, por exemplo, Zidane conquistou tudo. Figo, Verón e Beckham também ganharam muita coisa e à eles só falta o título de uma Copa do Mundo. Então além da qualidade técnica deles são atletas que possuem produção e rendimento.